A DERROCADA DE EDUARDO CUNHA

O Ministério Público pede devolução de US$ 80 milhões em desvios. O presidente da Câmara pode retaliar



ÉPOCA



www.epoca.com.br

NOVA ESQUERDA

Matheus Garcia defende políticas sociais, desde que caibam no orçamento do Estado

NOVA DIREITA

Michelle Sopper defende a liberdade de escolha dos indivíduos – inclusive na área do comportamento

ELES QUEREM CONVERSAR

Nem golpe militar nem "fora, Levy!". Os jovens que recusam os clichês das manifestações – e trazem novas e boas ideias para o debate público

Fischer

ZERO ADIÇÃO DE AÇÚCARES*, ZERO

Ultra

Ultracremoso e tão gostoso

*Contém açúcares próprios dos ingredientes.
**Como todo iogurte desnatado.
***Comparado ao iogurte com polpa de frutas Vigor.



MAIS PROTEÍNA***



POR QUE NÃO ESCOLHER INTERNET SEPARADO DE VOZ?

3 TAMANHOS DE
3 TAMANHOS DE



VOCÊ COMBINA C

Monte o plano do seu jeito:
você escolhe internet e voz do tamanho
que precisa e muda sempre que quiser.

INTERNET



2 GB 5 GB 10 GB

VOZ*



50 min 500 min 2.500 min



Feijoada
é sempre pra
muita gente
e não dá pra errar.
Saia do
automático.
EXPERIMENTE A LINGUIÇA
CALABRESA SEARA. A QUALIDADE VAI TE
SURPREENDER.





Defumada Naturalmente

Feita com Carnes selecionadas

WMcCANN | SEARA

Imagens ilustrativas.

SUMÁRIO

Edição 898 | 24 de agosto de 2015

PRIMEIRO PLANO

TEMPO



IDEIAS

VIDA



DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE Alexandre Barsotti
DIRETOR DE MERCADO LEITOR Luciano Touguinha de Castro

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima **epocadir@edglobo.com.br**
Editor-Chefe: Diego Escosteguy
Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas
Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Marcos Coronato
Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos
Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Danilo Venticinque, Flávia Yuri Oshima, João Luiz Vieira, Marcela Buscato, Marcelo Moura, Rodrigo Turrer
Repórteres Especiais: Cristiane Segatto, José Fucs
Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco
Repórteres: Flávia Tavares, Graziele Oliveira, Marcelo Sperandio, Nathalia Bianco, Nina Finco, Pedro Marcondes de Moura, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa, Thais Lazzeri, Vinicius Gorczeski
Estagiários: Ana Helena Rodrigues, André Fagundes, Ariane Teresa de Freitas, Cristina Kashima, Gabriel Lellis, Harumi Visconti, Igor Utsumi, Patricia Peres
SUCURSAIS | **RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br**
Praça Floriano, 19 – 8º andar – Centro – CEP 20031-050
Diretora: Cristina Grillo; **Repórteres:** Acyr Méra Júnior, Daniela Barbi, Marcelo Bortoloti, Nonato Viegas, Sergio Garcia;
Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Raphael Gomide, Samantha Lima
Estagiária: Lívia Cunto Salles | **BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br**
SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul
Diretor: Luiz Alberto Weber; **Editor:** Leandro Loyola;
Repórteres: Alana Rizzo, Filipe Coutinho, Ricardo Coletta, Thiago Bronzatto
FOTOGRAFIA | **Editor:** André Sarmento; **Assistente:** Sidinei Lopes
DESIGN E INFOGRAFIA | **Editor:** Daniel Pastori; **Editora Assistente:** Aline Chica
Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;
Editor de Infografia: Marco Vergotti; **Infografista:** Luiz C.D. Salomão
SECRETARIA EDITORIAL | **Coordenador:** Marco Antonio Rangel
REVISÃO | **Coordenadora:** Araci dos Reis Galvão de França; **Revisores:** Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Verginia Helena Costa Rodrigues
ÉPOCA ONLINE | **epocaonline@edglobo.com.br**
Editora: Liuca Yonaha; **Editora Assistente:** Isabela Kiesel;
Repórteres: Bruno Calixto, Marina Ribeiro, Rafael Ciscati; Rodrigo Capelo;
Vídeo: Pedro Schimidt; **Web Designer:** Giovana Tarakdjian; **Estagiária:** Gabriela Varella
CARTAS À REDAÇÃO: epoca@edglobo.com.br;
Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno; **Assistentes:** Nathália Machado Garcia, Victória Miwa; **Pesquisa:** CEDOC/Globopress;
INOVAÇÃO DIGITAL: Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;
Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;
Gerente de Tecnologia Digital: Carlos Eduardo Cruz; **Gerente de Interfaces Digitais:** Valter Bicudo; **Designers:** Janaina Torres, Sheyla Amaral; Esley Henrique e Marcella Maia *(estagiários)* **Desenvolvedores:** Bruno Agutoli, Everton Ribeiro, Jeferson Mendonça, Leonardo Turbiani, Marcio Esposito, Tcha-Tcho, Victor Hugo Oliveira da Silva

MERCADO ANUNCIANTE: Diretoria de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn, Marcia Soter; **Executivos de negócios multiplataforma:** Fabio Ferri, Cristiane Paggi, Selma Pina, Ciro Hashimoto, Ana Silvia Costa, Milton Luiz Abrantes; **Gerente de negócios multiplataforma Pequenas e médias agências e Grupo Casa, Galileu e Monet:** Sandra Melo; **Executivos de negócios multiplataforma Grupo Casa, Galileu e Monet:** Ana Silvia Costa, Marco Antônio Costa Gandares, Milton Luiz Abrantes, Cristiane Nogueira, Valquiria Blasioli Leite, Keila Ferrini; **Gerente multiplataforma Pequenas & Médias Agências e Grupo Moda:** Andreia Santamaria; **Executivos de negócios multiplataforma Moda:** Eliana Lima Fagundes, Neusi Maria Brigano, Rosa Maria Martini Barreira; **Gerente de negócios multiplataforma Marie Claire:** Graziela Daiuto; **Diretora de Negócios Digitais:** Renata Simões de Oliveira; **Executivos de negócios digitais:** Andressa Bonfim, Lilian Ramos Jardim, Bianca Ramos Piovezana; **Consultora de marcas EGCN:** Olivia Cipolla Bolonha; **Diretor de negócios multiplataforma Regional, PEGN, AE, GR e Época Negócios:** Renato Augusto Siniscalco; **Executivos de negócios multiplataforma:** Andressa Aguiar, Diego Fabiano; **Gerente multiplataforma:** Sandra Regina de Melo Pepe; **Executiva multiplataforma:** Alexandra Caridade Azevedo; **Diretor de negócios multiplataforma sucursais RJ e BSB:** Ricardo Rodrigues; **Gerente de negócios multiplataforma RJ:** Rogério Pereira Ponce de Leon; **Executivos de negócios multiplataforma RJ:** Andrea Muniz, Daniela Lopes, Maria Cristina Machado, Katia Correia, Pedro Paulo Rios, Suellen de Aguiar; **Gerente de negócios multiplataforma BSB:** Fernanda Requena; **Executivas de negócios multiplataforma:** Barbara Costa, Camila Amaral; **Diretor Estúdio Globo:** Rafael Kenski; **Gerente:** Eduardo Watanabe; **Gerente de eventos:** Daniela Valente; **Opec on-line:** Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Henrique Fermino, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero; **Opec off-line:** José Soares, Carlos Roberto Alves de Sá, Douglas Vieira da Costa

MERCADO LEITOR: Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos;
Ger. de Vendas de Assinaturas: Reginaldo Moreira da Silva; **Ger. de Operações e Planejamento de Assinaturas:** Ednei Zampese; **Consultora de Marketing:** Cássia Christe









ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Av. Jaguaré, 1.485, São Paulo (SP), CEP 05346-902. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações **GRÁFICAS: Log & Print Gráfica e Logística S.A.** – Rua Joana Foresto Storani, 676 – Distrito Industrial – Vinhedo, São Paulo, SP – CEP 13280-000.

Atendimento ao assinante

Disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e sábado, das 8 às 15 horas.
- **Internet: www.editoraglobo.com.br/atendimento**
- **São Paulo: 11 3362-2000**
- **Demais localidades: 4003-9393***
- **Fax: 11 3766-3755 (notificações da Justiça devem ser enviadas para 11 3767-7292)**

*Custo de ligação local. Serviço não-disponível em todo o Brasil.
Para saber da disponibilidade do serviço em sua cidade, consulte sua operadora local

Para anunciar ligue: SP: 11 3767-7700/3767-7489
RJ: 21 3380-5923, e-mail: **publiepoca@edglobo.com.br**

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, Época. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 – e-mail: **epoca@edglobo.com.br**

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. Época reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Edições anteriores: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.


O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Foto de capa: Edu Lopes/ÉPOCA

CURSOS NO EXTERIOR CVC.

VOCÊ VOLTA COM MAIS BAGAGEM.

ELIMINAMOS AS FRONTEIRAS PARA AS SUAS CONQUISTAS. E O PREÇO ALTO, TAMBÉM.

Estudar no exterior nunca foi tão fácil, barato e seguro.
*Aproveite o exclusivo plano verão CVC, invista na sua formação e viva uma experiência única pagando em 10x sem juros e com a **1ª parcela para 60 dias**.*

publicis



ESPANHOL NA ARGENTINA

Conheça a cultura da capital Argentina, estude em Buenos Aires.

10X R$ 296

À vista R$ 2.960.

O pacote inclui 2 semanas de curso + transporte aeroporto/acomodação/aeroporto + acomodação em apartamento de estudante compartilhado + passeio pela cidade.



INGLÊS NO CANADÁ

Estude em Toronto, uma das melhores cidades do mundo para viver.

10X R$ 322

À vista R$ 3.220.

O pacote inclui 2 semanas de curso + transporte aeroporto/acomodação + acomodação em casa de família com café da manhã e jantar.



INGLÊS NA ÁFRICA DO SUL

Estude e conheça mais a cultura africana na Cidade do Cabo.

10X R$ 325

À vista R$ 3.250.

O pacote inclui 2 semanas de curso + transporte aeroporto/acomodação/aeroporto + acomodação em residência estudantil em quarto compartilhado com café da manhã.



INGLÊS EM MALTA

Estude inglês enquanto desfruta do mar Mediterrâneo.

10X R$ 483

À vista R$ 4.830.

O pacote inclui 2 semanas de curso + transporte aeroporto/acomodação + acomodação em casa de família com café da manhã e jantar.



INGLÊS EM BOSTON

Estude na cidade mais acadêmica dos Estados Unidos.

10X R$ 644

À vista R$ 6.440.

O pacote inclui 2 semanas de curso + transporte aeroporto/acomodação + acomodação em casa de família com café da manhã e jantar.



INGLÊS EM CAMBRIDGE

Estude no mais famoso centro estudantil da Europa.

10X R$ 599

À vista R$ 5.990.

O pacote inclui 2 semanas de curso + transporte aeroporto/acomodação + acomodação em casa de família com café da manhã e jantar.

ENCONTRE A CVC MAIS PRÓXIMA DE VOCÊ NO WWW.CVC.COM.BR/LOJAS, CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU ACESSE O SITE.

Prezado cliente: preço por pessoa. Pacotes somente parte terrestre, não incluem passagens aéreas. Preços e condições de pagamento sujeitos a reajuste e disponibilidade, válidos somente para 2015. Condições de pagamento com parcelamento 0+10 vezes sem juros no cartão de crédito ou 1+9 no boleto bancário. Sujeito a aprovação de crédito. Preços calculados com câmbio CVC 29/7/2015: US$ 1,00 = R$ 3,37, válido por tempo limitado. Os pacotes devem ser calculados com o câmbio do dia da compra. Espanhol na Argentina: Escola Expanish. Preço base US$ 878. Inglês na África do Sul: Escola LAL. Preço base US$ 965. Inglês no Canadá: Escola LSI. Preço base US$ 954. Inglês em Malta: Escola EF. Preço base US$ 1.435. Inglês em Cambridge: Escola EF. Preço base US$ 1.803. Inglês em Boston: Escola EF. Preço base US$1.913.

CVC
sempreComVC
cvc.com.br


McDia
Feliz

Gosta de Big Mac^MR? E de ajudar?

Há 27 anos, toda a venda de Big Mac no McDia Feliz, com exceção de alguns impostos, é revertida para projetos em prol da cura do câncer infantil e juvenil. Com isso, ajudamos a aumentar o índice de cura para até 85% quando diagnosticado precocemente e tratado adequadamente. O McDia Feliz acontece em todos os Restaurantes McDonald's, de norte a sul do Brasil. **Peça o seu Big Mac e participe.**





COORDENAÇÃO:



É hora de recuperar o gosto pelo bom debate

O lema do personagem Will McAvoy, protagonista da série de TV *Newsroom*, era: "Estou em missão civilizatória". Soa um pouco arrogante, e é mesmo. Por se julgar em missão, McAvoy, um âncora de telejornal interpretado por Jeff Daniels, frequentemente entediava o público com seus sermões. Havia, no entanto, algo de nobre em sua missão civilizatória. Nas entrevistas que fazia e nas mediações de debates eleitorais, McAvoy tinha como principal objetivo elevar o nível da discussão. Isso significava colocar no ar quem tinha propostas concretas para melhorar o país – e questionar, ao vivo, quem apenas exibia retórica oca. Ele não poupava nem seus pares ideológicos. Eleitor do Partido Republicano, McAvoy era duro com a ala mais extremista da sigla, o Tea Party, cujo discurso considerava bombástico e autoritário. Dizia no ar: "O Tea Party é o Taleban americano".

Slogans bombásticos e discurso autoritário estão em moda no Brasil atual. Os vários lados do espectro ideológico guerreiam com xingamentos. Nos países europeus – e mesmo nos Estados Unidos, que recentemente passou por um processo de radicalização –, esquerda e direita são contendores na discussão política. O embate entre as duas posições extremas, e as várias nuances entre elas, gera a discussão que resulta na melhoria dos governos. Existe, repita-se, uma discussão – com ideias, propostas, argumentos. O debate pode ser acalorado, mas ainda assim é um debate. Essa prática, tão fundamental na democracia, está se perdendo no Brasil. Como diria Will McAvoy, é hora de elevar o nível da discussão.



PARA ELEVAR O NÍVEL
O ator Jeff Daniels como o âncora Will McAvoy. Ele se sentia em "missão civilizatória"

O Brasil, como ressaltaram os vários editoriais das publicações estrangeiras que cobriram as manifestações da semana passada, é uma democracia jovem e vibrante. Tem eleições livres e limpas. Instituições que se fiscalizam umas às outras – pela primeira vez em nossa história corruptos são investigados, julgados e punidos. As manifestações de rua, cada vez mais livres da violência, começam a fazer parte da rotina política, como ocorre nas democracias maduras. No país do "homem cordial", aquele que se move mais pelas paixões que pela reflexão, ainda persiste, no entanto, o péssimo hábito de desqualificar quem pensa diferente. Esse hábito mata a discussão e é especialmente danoso numa época em que são necessárias ideias para tirar o país da crise.

Por isso, estudos como o apresentado pelos economistas Marcos Lisboa, Mansueto Almeida e Samuel Pessoa são tão bem-vindos. No texto *O ajuste inevitável*, eles fazem um diagnóstico profundo da crise atual e sugerem propostas para resgatar o Estado de bem-estar social que o Brasil criou na Constituição de 1988. Trata-se de uma leitura com o viés da esquerda liberal. Pelo lado da direita, deixando de lado os lunáticos que foram às ruas pedir ditadura – e que, no mundo das redes sociais, acabam conseguindo exposição desproporcional –, é possível filtrar propostas interessantes em vários dos movimentos que se manifestaram. Eis um debate aí – a esquerda liberal *versus* a direita que, finalmente fora do armário, ousa dizer seu nome. Isso só será possível, no entanto, se as palavras "esquerda" e "direita" deixarem de ser xingamentos, como frequentemente ocorre no Brasil radicalizado. A reportagem sobre o assunto publicada nesta edição mostra que voltou o interesse por política e muitos brasileiros gostam de conversar com quem pensa diferente. Para elevar o nível da discussão, é preciso que um lado ouça as propostas do outro e, ao refletir sobre elas e rebatê-las, recupere o gosto pelo debate. Gosto que, pelo bem da democracia, precisamos cultivar.

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

Foto: Melissa Moseley/Everett Collection

PERSONAGEM DA SEMANA

PIXULEKO

Cheguei longe, mas perdi gás

Se me perguntassem antes como seria estrondosa minha passagem por Brasília, teria de responder: eu não sabia



O REINO DO PIXULEKO **O boneco na Esplanada, no protesto do dia 16. Ele provocou resposta do Instituto Lula**

Foto: Ailton de Freitas/Agência O Globo.

Pixuleko, o boneco do Lula

Perdoe minha imodéstia, mas você conseguiria segurar a onda se vivesse o que vivo agora? Estou convencido de que sou um caso raríssimo de quem ganhou fama instantânea sem participar de reality show. Entrei para o panteão das celebridades. Minha imagem corre o Brasil e o mundo. Minha notoriedade foi meteórica – surgiu assim que ganhei corpo na manifestação contra a corrupção, em 16 de agosto, em Brasília. E que corpanzil. Peso 100 quilos e tenho 15 metros de altura. Imponente como sou, pude ver de cima a enxurrada de camisas amarelas que tomou a Esplanada dos Ministérios. Fiquei entre emocionado e atônito com a ovação que recebi. Quem viu a cena sabe que não é exagero: parecia um gol da Seleção Brasileira.

Nunca antes na história deste país um boneco se tornou tão rapidamente símbolo de um protesto nacional. Virei meme, bombei, quer glória maior? Fizeram montagens em que apareço ao lado de grandes personalidades, como protagonista de momentos históricos, dentro de filmes e desenhos animados clássicos. Houve quem criasse nas redes sociais páginas batizadas de "Lula inflado", só para me exaltar. Aproveito a ocasião para esclarecer: "Lula inflado" foi como os manifestantes e a imprensa se referiram a mim de início. Meu nome é Pixuleko, assim mesmo, com "k", numa referência ao apelido dado à propina no escândalo do petrolão. Só fui batizado oficialmente na terça-feira da semana passada. Chegou a correr na internet um movimento para a escolha do nome. Cogitaram também "Luleco", mas desistiram. Soaria como nome de brinquedo de criança.

Como quase todo mundo, fui concebido entre quatro paredes. Comecei a ganhar vida há dois meses, numa reunião da seccional de Maceió do Movimento Brasil, uma associação de cidadãos críticos do governo. Ali surgiu a ideia de fazer algo diferente na manifestação do dia 16 de agosto. No protesto anterior, essa mesma turma havia levado às ruas um bandeirão de 30 metros pedindo o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Precisavam de um novo apetrecho para surpreender. Um dos presentes àquele encontro revelou detalhes da minha origem. É sempre bom conhecer nossas raízes. Nasci com um único objetivo: jogar o ex-presidente Lula no caldeirão das ruas.

Sabe como é, filho bonito tem vários pais. Não se sabe ao certo quem foi o sábio que sugeriu fazer um boneco, mas o certo é que a aprovação se deu por unanimidade. A partir desse momento, tudo passou a ser altamente sigiloso. Minha gestação, que durou dois meses, foi envolta em mistério. Apenas seis pessoas sabiam detalhes do projeto. Esse grupo começou a buscar na internet uma fábrica que me moldasse. O primeiro orçamento feito quase levou a abortar a história: pediram R$ 96 mil. Depois de muita pesquisa, meus pais conseguiram alguém em São Paulo que se comprometeu a me criar por R$ 12 mil. Para bancar a despesa, o grupo fez uma vaquinha. O teor do texto de convocação era enigmático. Falava de uma "grande ação que não podia ser divulgada". Quando atingiram R$ 6 mil, metade do valor total, veio o sinal verde. Se eu fosse um simples boneco de posto de gasolina, aquele tipo banal, certamente a missão seria mais fácil (e eu, provavelmente, ganharia o apelido de "Lava Jato"). Mas meus pais queriam que eu viesse ao mundo para fazer história.



PASSEATA **Protesto no dia 16. Em São Paulo, houve críticas a Lula na marcha anti-PT e um ato em defesa dele**

Sou fruto de uma criação coletiva, daí que desisti de tentar descobrir o autor da ideia de me vestir com uniforme zebrado de presidiário, de número 13-171, e pôr uma bola de ferro em meus pés. Deve ter partido de algum publicitário do Movimento Brasil. Lá tem de tudo: profissionais liberais, estudantes, donas de casa, todos voluntários. O lugar onde fui parido também é um segredo difícil de desvendar. Não há delação premiada que dê jeito. Argumentam que é para preservá-lo de retaliações. Minha gestação foi tensa. Ninguém sabia exatamente que bicho ia dar até que o fabricante mandou minha foto todo inflado – inclusive o ego, é do meu DNA. Foi um alívio geral para a turma que me gerou ver seu devaneio se materializar. Se me perguntam se, naquele momento, eu imaginava aonde chegaria e o sucesso que viria a fazer, respondo: eu não sabia. Não sabia, não sabia de nada mesmo.

Tem uma máxima que diz "baiano não nasce, estreia". Foi assim comigo. Havia consenso que minha primeira



aparição tinha de ser apoteótica. A escolha recaiu sobre um palco nobre: a capital da República. Foi preciso uma intrincada logística para que eu viajasse de São Paulo a Brasília. Acomodado num pacote de 1,5 metro por 1 metro, embarquei num caminhão de transporte de carga e cheguei ao Distrito Federal quatro dias antes da grande manifestação. Numa operação discreta, fui recebido por um grupo da União dos Movimentos de Brasília. Fiquei hospedado, sem alarde, na casa do analista de sistemas aposentado Ricardo Honorato, que não contou nada sobre o embrulho, nem mesmo para a mulher.

A contagem regressiva até o domingo suscitou uma enorme ansiedade. Chegou-se a pensar em antecipar minha aparição para a véspera do grande dia, mas a proposta não vingou. Às 6 horas da manhã de domingo, fui levado no carro do Honorato ao ponto de concentração. Alugaram um gerador para acionar os dois propulsores de ar que carrego acoplados. Foi tenso. Assim que comecei a inflar, uma ventania rasgou a costura ao lado do meu pescoço. Corre daqui, corre de lá, recebi primeiros socorros, com uma fita adesiva larga o bastante para fazer o remendo. Àquela altura, os manifestantes se aproximavam, torcendo para que eu alcançasse as dimensões que o destino me reservou. Deu certo. Às 9h30, eu assomava na multidão, estimada em 25 mil pessoas pela Polícia Militar. Deu-se, então, a epifania. Fui solto das hastes que me fixavam ao chão e flutuei sobre a galera. Nunca esquecerei a consagração nos braços do povo.

Virei astro, e um astro incômodo, como prova a resposta soturna do Instituto Lula à provocação. Nos dias que se seguiram, Honorato e o microempresário Alessandro Gusmão, dois de meus colaboradores, receberam mais de 100 ligações solicitando meu comparecimento a outras cidades. Choveram pedidos de autorização para me reproduzir em bonecos menores e chaveiros. Honorato e Gusmão não colocaram obstáculo. Diante do sucesso, vão encomendar um clone meu. Já vi que vida de astro não é mole. Dois dias após a festa, embarquei num caminhão de volta para São Paulo, a fim de fazer no pescoço uma cirurgia "plástica" (pegou?). Se convalescer a tempo, é bem provável que apareça em algum ponto do país – quiçá na capital paulista. De agora em diante, a exemplo dos grandes artistas, terei uma agenda lotada de exibições pelo Brasil. Contarei também com um esquema especial de segurança, pois tenho ciência de que passei a ser um indivíduo visado. Mas não vou esconder de vocês, não: ser famoso é bom demais. ◆

Pediram meu comparecimento em outras cidades. Querem fazer de mim bonequinhos e chaveiros

Em depoimento a *Sérgio Garcia*

Foto: Tiago M. Chiaravalloti/Frame



O fim do sonho dos radicais

O primeiro-ministro da Grécia, **Alexis Tsipras**, renunciou ao cargo na quinta-feira, dia 20, e convocou eleições antecipadas. Há um mês Tsipras enfrenta uma rebelião dentro de seu partido radical de esquerda, o Syriza, por ter aceitado as demandas de credores por mais disciplina fiscal em troca de um novo resgate financeiro. O Syriza se elegeu com a bandeira do combate às políticas de austeridade. Depois de sete meses em que a Grécia afundou na crise econômica e quase saiu da Zona do Euro, Tsipras teve de ceder às políticas que combatia. As novas eleições deverão ocorrer até 20 de setembro.



Libera ou não libera?

A descriminalização das drogas saiu na frente no julgamento do Supremo Tribunal Federal. Relator do caso, o ministro **Gilmar Mendes** votou contra o Artigo 28 da Lei de Drogas, que considera crime o consumo. Logo em seguida, o julgamento foi adiado. O ministro Luiz Facchin pediu mais tempo para estudar o caso.

PROTESTOS PRÓ-DILMA

Na última quinta-feira, dia 20, protestos a favor do governo Dilma Rousseff em 32 cidades, de 24 Estados, reuniram

207 MIL PESSOAS

A Polícia Militar fez estimativas em 21 capitais – nessa conta, o total de manifestantes foi de 62 mil pessoas. As manifestações anti-Dilma, no final de semana anterior, chegaram a mais de 800 mil pessoas, segundo estimativas

Romário 1x0 CBF

A CBF sofreu uma dura derrota na quinta-feira, dia 20, no Senado. Em sessão da CPI do Futebol, presidida pelo senador Romário (PSB-RJ), os parlamentares aprovaram a quebra dos sigilos bancário e fiscal do atual presidente da entidade, **Marco Polo Del Nero**, e do empresário Wagner Abrahão, cujas empresas prestam serviço para a confederação.



Alckmin nota que falta água em SP

Depois de um ano e meio negando a crise hídrica, o governo paulista confirmou: a situação é crítica na Bacia do Alto Tietê, que concentra cinco dos seis sistemas que abastecem a região metropolitana da capital. O Ministério Público questionou o porquê de a empresa de saneamento estadual, a Sabesp, vir fazendo obras emergenciais, sem que o governo de Geraldo Alckmin (PSDB) reconhecesse a crise hídrica.



QUENTE DEMAIS Um bombeiro combate um foco de incêndio no Parque Angeles National Forest, perto de Los Angeles, na Califórnia. Com o tempo seco e o calor, os incêndios se alastram no Estado. O mês de julho foi o mais quente já registrado no mundo desde 1880, segundo a Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA).



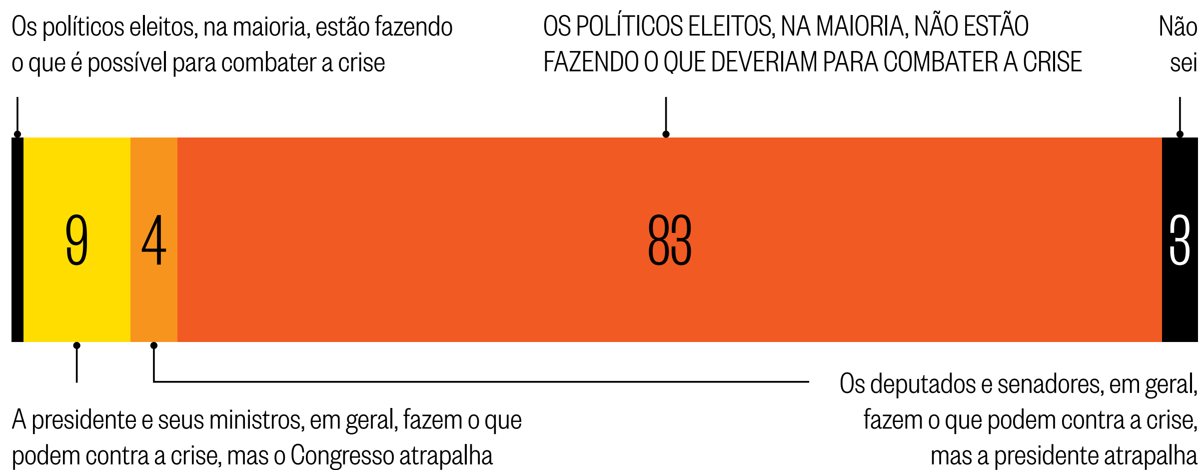
Terror na "terra de ninguém"

A situação dos **imigrantes sírios** presos na fronteira da Grécia e da Macedônia, conhecida como "terra de ninguém", piorou na sexta-feira, dia 21. A Macedônia mobilizou o Exército e a polícia para bloquear a entrada de imigrantes. Forças de segurança da Macedônia usaram gás lacrimogêneo para dispersar os mais de 3 mil imigrantes presos na região. Entre eles estão crianças e bebês.

Como os brasileiros veem a crise

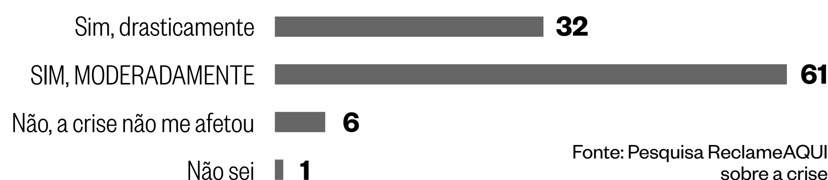
Os políticos não fazem o que podem para combater a crise econômica, que já obriga o brasileiro a cortar o orçamento doméstico. É o que mostra uma pesquisa do ReclameAQUI, com 38 mil pessoas, publicada com exclusividade por ÉPOCA. O resultado completo da pesquisa está no site de ÉPOCA.

Como você acha que nossos representantes políticos estão lidando com a crise econômica?
Em %



Você já precisou reduzir o orçamento doméstico?

Em %



Fotos: Christian Hartmann/Reuters, Pedro Martins/Agif/Ag. O Globo, Jonathan Alcorn/Reuters, Darko Vojinovic/AP Photo e Nilton Fukuda/Estadão Conteúdo

OITO FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA



"Nós não vamos ser silenciados"

Janelle Monáe,
cantora, em um show transmitido ao vivo pela televisão, nos Estados Unidos. A frase de protesto, contra a morte de negros por policiais, foi interrompida por um intervalo comercial

“Mesmo se Dilma fosse removida, provavelmente outro político medíocre iria substituí-la”

Financial Times, jornal britânico, em editorial contra o afastamento da presidente Dilma Rousseff

“Aécio subiu no nosso caminhão em Belo Horizonte. Como pode? Xingamos tanto ele...”

Kim Kataguiri, um dos líderes do Movimento Brasil Livre, sobre o senador Aécio Neves (PSDB-MG)

“A direita no Brasil é tão populista quanto a esquerda. No Brasil, a esquerda é tão atrasada quanto a direita”

José Serra, (PSDB-SP), senador

“Eu ouvia que a ação penal 470 (*mensalão*) ia mudar o país. Não sei se mudou”

Sergio Moro, juiz federal, sobre a chance de a Operação Lava Jato pôr fim à corrupção no Brasil

“É um jeito de preservar casamentos”

Noel Biderman, fundador do Ashley Madison, site de relacionamentos extraconjugais cuja lista de usuários vazou na internet



TOMATE DA SEMANA

“Não é possível que milhões de paulistanos e paulistas sejam responsabilizados pela morte de pedestres irresponsáveis que desafiam o Direito e manifestam o desejo de perder a vida voluntariamente”

Marcos da Costa, presidente da OAB-SP, responsável por um processo contra a redução dos limites de velocidade dos automóveis nas marginais Tietê e Pinheiros

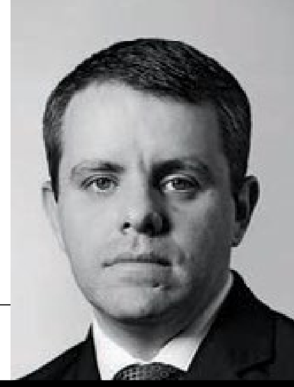
“Têm existido tiranos e assassinos. Por um tempo eles parecem invencíveis, mas, no final, sempre caem”

Rodrigo Janot, procurador-geral da República. A frase, do líder indiano Mahatma Gandhi, está na primeira página da denúncia que Janot apresentou contra Eduardo Cunha (PMDB-RJ), presidente da Câmara dos Deputados. Para Janot, Cunha deve devolver aos cofres públicos US$ 80 milhões por corrupção à Petrobras

Fotos: Jeff Christensen /AP Photo e José Luis da ConceiçãoOABSP

Por **Murilo Ramos**

expresso@edglobo.com.br





Alívio imediato

Lula será preso na Lava Jato?

Essa é a pergunta que não quer calar. E a resposta, por enquanto, é não. E não. Os investigadores dizem que estão próximos de elementos para uma investigação contra **Lula**, mas ele não é José Dirceu. Lula pode ser investigado e processado, mas a prisão é um ato extremo que teria uma repercussão política danosa à operação e poderia pôr em risco todo o trabalho realizado até aqui.

Só subindo

A busca e apreensão da Polícia Federal realizada no escritório do advogado Guilherme Gonçalves foi pródiga em provas contra o casal **Paulo Bernardo** e **Gleisi Hoffmann**. O material será empacotado e encaminhado a Brasília em breve. Gleisi, senadora, tem foro privilegiado.



Pedra bruta

Entre os investigadores há quem considere ter faltado lapidação à denúncia contra o presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Em especial o caminho do dinheiro que, segundo acreditam, o lobista Fernando Baiano poderia contribuir. Não esperaram a delação de Baiano ser fechada.

Além de Eduardo

Novas denúncias contra políticos e pedidos de inquéritos preencherão os dias das próximas duas semanas.

Além de Eduardo 2

Um dos principais investigadores define o momento: Eduardo Cunha está morto. O próximo é Renan. A denúncia contra ele envolverá a Transpetro.

Sem gaguejar

Um dos principais trunfos do ex-diretor da Petrobras Nestor Cerveró para fechar uma delação premiada é detalhar como o dinheiro desviado da compra da controversa refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos, irrigou campanhas petistas em 2006.

Sem gaguejar 2

O lobista João Augusto Henriques negocia os termos de uma delação premiada. Pelo adiantado da hora, terá de citar muitos nomes graúdos na roda para obter algum benefício.

Sem gaguejar 3

Ex-presidente da Sete Brasil, empresa que administrava a fabricação de sondas para a Petrobras, João Ferraz deverá engrossar a fileira dos delatores e acusar João Vaccari Neto.

Fotos: Icaro Limaverde Marquezi, Jonathan Campos/ Agência de notícias, Gazeta do Povo, Alan Marques/ Folhapress, Renato Silvestre/Folhapress e Thinkstock

Com **Nonato Viegas** e **Ricardo Della Coletta** e reportagem
de **Pedro Marcondes de Moura** e **Thiago Bronzatto**

Xadrez VIP

O escritório do advogado paranaense Marlus Arns, que defende o ex-diretor da Petrobras Renato Duque, oferece serviços que causam inveja aos demais presos da Lava Jato: lavagem de roupas e entrega de refeições com cardápios variados na carceragem. Arns afirma que o serviço está acessível a toda clientela, independentemente do caso.

Haja escândalo

Investigadores da Operação Acrônimo, que tem o governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, como protagonista, estão assustados com o volume do material apreendido pela Polícia Federal. São cerca de 500 equipamentos, entre celulares, tablets e computadores. Somente um deles tem 20 terabytes de dados – mais que o dobro do total apreendido pela procuradoria da Suíça durante a operação de prisão de dirigentes da Fifa.

Saída à francesa

Com o ajuste fiscal aprovado e com Dilma arbitrando os cargos federais ainda em disputa, o vice-presidente, Michel Temer, pensa em se afastar logo da articulação política para não ter o ônus de descumprir acordos feitos com a base do governo. A presidente barrou novas indicações políticas para a Caixa e o PT não tem cedido espaço em cargos nos Estados.

Um tucano no Planalto

O ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante, recebeu dia desses o prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto, que foi pedir uma ajuda federal para sua cidade. Virgílio, que é do PSDB, vivia às turras com Mercadante no tempo em que ambos eram senadores.

Ministro sem Pasta



Terceira via

Michel Temer? Aloizio Mercadante? Que nada. Dilma incumbiu seu assessor especial, **Giles Azevedo**, de conversar com as bancadas dos pequenos partidos e relatar a ela as queixas dos parlamentares. Giles costuma ouvir mais do que falar.

Alvo preferido

A decisão da Fazenda de não pagar o adiantamento do 13º salário a aposentados gerou um turbilhão de reclamações contra o ministro Joaquim Levy. Para auxiliares de Dilma, gerou um fato negativo absolutamente desnecessário. Um dos mais críticos foi Jaques Wagner.

Na reserva

A falta de traquejo político de Levy faz o PT sonhar com sua saída da Fazenda em breve e com a convocação de Nelson Barbosa, hoje no Ministério do Planejamento. Enquanto isso, Barbosa ganha espaço. Foi escalado para marcar encontros da presidente com empresários em suas cada vez mais constantes viagens aos Estados.

Briga na paróquia

Não há paz entre o ex-ministro Ciro Gomes e o senador Eunício Oliveira (PMDB). A Justiça negou pedido de Ciro para parcelar a multa imposta a ele pela não publicação de um direito de resposta conferido a Eunício nas eleições. No Facebook, Ciro chamara Eunício de "Pinóquio corrupto". A Justiça mandou inscrever a multa de R$ 53 mil aplicada a Ciro na dívida ativa.

É comédia

A Justiça de São Paulo não encontrou o deputado federal **Paulo Maluf** (PP) para citá-lo num processo envolvendo o Teatro Procópio Ferreira, na capital paulista. Vizinhos do teatro não querem que o estabelecimento abra uma porta de emergência voltada para uma rua fechada do condomínio, onde moram. A família de Maluf é proprietária do teatro.



Leia a coluna Expresso em epoca.com.br



GUILHERME FIUZA

Pixuleco 171, o herói inflável

Lula ficou revoltado com Pixuleco, um boneco inflável de 12 metros de altura que apareceu em Brasília nas manifestações do dia 16. Pixuleco é uma caricatura de Lula com roupa de presidiário e a inscrição "13-171" *(leia mais em Personagem da Semana)*. A sátira motivou uma nota oficial do Instituto Lula, afirmando que o ex-presidente nunca fez nada de errado e só foi preso na ditadura militar por defender as liberdades. Nunca antes um ex-presidente da República polemizou com um boneco inflável – que veio desinflar o mito de Lula. E, quando isso se consumar, acabará a bateria da marionete que governa o Brasil.

Lula está indignado, porque a indignação é seu disfarce perfeito. Um dia ele já se indignou de verdade, mas, quando notou que o figurino do injustiçado chorão lhe dava poderes mágicos, não vestiu mais outra roupa. Lula manda no Brasil há 12 anos e continua se queixando da opressão – fórmula perfeita para eleger uma oprimida profissional, que luta dia e noite contra uma ditadura encerrada 30 anos atrás. Hoje, há quem diga que essa ditadura foi profética ao prender Lula: atirou no que via e acertou no que ainda não existia. É evidentemente uma piada. O autoritarismo militar não tem graça, e Lula não estava destinado a ser o Pixuleco 171. Quem lhe reservou esse destino, quase sem querer, foi ele mesmo.

Lula não se enrolou por banditismo. Se enrolou por mediocridade. Foi muito pobre e, ao se aproximar do poder, mais forte do que o impulso de combater a pobreza foi o instinto de se vingar dela. Vingança pessoal, bem entendido. Não resistiu aos convites do poder como status, como ascensão social. Quem conviveu com ele nos primeiros anos de palácio se impressionou com os charutos, os vinhos caros e demais símbolos de riqueza. Um ex-operário fascinado pela opulência dos magnatas. Isso não costuma dar certo. Não para um político.

Luiz Inácio da Silva é um cara simpático, engraçado. Não tem o olhar demoníaco de um Collor, que exala prepotência e crueldade. Mas, assim como a imensa maioria dos companheiros petistas, tem uma noção visceral de sua mediocridade. Os companheiros morrem de medo de sua própria covardia. Daí o desespero com que se agarram às tetas do Estado, com a forte desconfiança de que não serão capazes de mamar em outra freguesia. Talvez até alguns fossem capazes – Lula muito mais do que Dilma, por exemplo –, mas eles mesmos não acreditam. E não pagam para ver. Ou melhor: pagam para não ver.

E pagam bem. A República do Pixuleco é possivelmente um dos mais formidáveis sistemas de corrupção da civilização moderna – se é que se pode chamar isso de civilização. Um sistema montado sobre um trunfo infalível em sociedades infantilizadas e sentimentaloides: a chantagem emocional. Lula da Silva chora, e os corações derretidos ficam cegos para tudo – inclusive para o saque a seus próprios bolsos. O Brasil está sendo roubado de forma obscena há 12 anos pelos coitados, e não se sabe mais quantos exemplares de Joaquim Barbosa e Sergio Moro serão necessários para o país enxotar o governo criminoso.

NUNCA ANTES NESTE PAÍS UM EX-PRESIDENTE POLEMIZOU COM UM BONECO INFLÁVEL – QUE VEIO DESINFLAR O MITO DE LULA

A Lava Jato já evidenciou: as campanhas presidenciais de Lula e Dilma foram abastecidas com dinheiro roubado da Petrobras. Enquanto Lula batia boca com o boneco inflável, explodia a confissão de Nestor Cerveró sobre o uso de propina do navio-sonda Vitória 10000 para a campanha de Lula em 2006. O próprio Instituto Lula que foi visto polemizando com o Pixuleco é uma central de arrecadação de cachês milionários do ex-presidente, oficialmente para palestras pagas por grandes empreiteiras – as mesmas que ganham obras no exterior graças ao lobby do palestrante.

Não é que o impeachment de Dilma seja uma saída legítima – ele é a única saída legítima, se os brasileiros ainda quiserem salvar suas instituições da pilhagem desenfreada. A legalidade no país leva todo dia um tapa na cara das trampolinagens companheiras sucessivamente reveladas e expostas, escatologicamente, à luz do sol. Dilma é a representante oficial da pilhagem – e só os covardes duvidam disso.

Se o Brasil tiver vergonha na cara, cercará o Congresso Nacional e o "encorajará" a fazer o que tem de ser feito. Se ficar em casa chupando o dedo, talvez o país tenha de ser libertado por um boneco inflável. ◆

Guilherme Fiuza é jornalista. Publicou os livros *Meu nome não é Johnny*, que deu origem ao filme, *3.000 dias no bunker* e *Não é a mamãe – Para entender a Era Dilma*. Escreve quinzenalmente em ÉPOCA **gfiuza@edglobo.com.br**

SUA OPINIÃO



Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

DINHEIRO NA SUÍÇA

"Pimentinha por fora" (897/2015) revelou uma conta secreta na Suíça da agência Pepper, ligada ao PT

Realmente eles tinham muita sofisticação para roubar.

Margarida Wagner,
via Facebook

Nossa corrupção é imensurável, infelizmente! Nós, brasileiros, não paramos de nos surpreender.

Zaira Fagundes Araujo,
via Facebook



COMENTÁRIO DA SEMANA

"Para o bem ou para o mal, já foi provado que a maconha tem substâncias que ajudam no tratamento de doenças. Por que não usar a droga para o bem?"

Marli Texeira,
São Paulo, SP

O QUE VEM DEPOIS

"O novo coração do esporte" (897/2015) mostrou o avanço nas obras do Parque Olímpico e o que continuará de pé após os Jogos

É fácil descobrir o que acontecerá com o Parque Olímpico: será deixado para ninguém. Ninguém tomará conta. Ninguém vai utilizar. E ninguém vai cuidar para que não caia aos pedaços. Assim como na Rússia, esse monstro que está sendo construído não terá utilidade mais tarde. E, como nossos órgãos públicos não têm a capacidade de cuidar das obras pagas com o dinheiro do povo, após os Jogos Olímpicos esse será um parque fantasma.

André Farlo,
São Paulo, SP

Sou estudante e ao ler a reportagem fiquei com esperança de que o Brasil incentivará mais seus atletas. Conheço pessoas que não têm onde praticar esportes fora da escola. Apenas futebol, em campinhos improvisados. Dessa maneira, outras estrelas do esporte poderão surgir.

Clarice Santos,
São Paulo, SP

O CONSUMO DE DROGAS DEVE SER DESCRIMINALIZADO?

"Reprimir não funciona" (897/2015) discute a questão a partir do julgamento do Supremo Tribunal Federal

SIM




A legalização pode ser um risco, por outro lado, ela pode ajudar na cura de doenças. É necessário entender que a maconha pode ajudar na medicina.

Beatriz Ferraz,
Piracicaba, SP


Deveria ser liberado. Os impostos arrecadados financiariam a saúde e a educação. Se a venda for legalizada, quem consome terá de assumir os riscos e as responsabilidades.

Teresa Villares,
via Facebook

¿NÃO




Não acho que legalizar as drogas vá resolver o problema. É só analisar o cigarro, que há décadas foi legalizado, mas hoje faz mal a milhões de pessoas. O Brasil não está preparado para uma medida desse porte.

Pedro Matheus,
via Facebook


Num país que não consegue se livrar de políticos drogas, modernizar a política das drogas não deveria ser prioridade.

Abel Pires Rodrigues,
Rio de Janeiro, RJ



MAIS COMENTADAS

1. **Agência Pepper Interativa, ligada ao PT, tinha conta na Suíça para receber...**
2. **"Lembram de 1964?", pergunta presidente do...** Coluna Expresso
3. **Ex-cara-pintada, Lindbergh diz que "manifestações..."** Coluna Expresso
4. **Dilma quer ex-presidente Lula na equipe ministerial** Coluna Expresso
5. **Amar exige generosidade** Coluna de Ivan Martins



MAIS LIDAS

1. **Amar exige generosidade** Coluna de Ivan Martins
2. **Agência Pepper Interativa, ligada ao PT, tinha conta na Suíça para receber...**
3. **PGR diz que Eduardo Cunha usa Câmara para se beneficiar na Lava Jato**
4. **Sexo com sentimentos** Coluna de Ivan Martins
5. **16 de agosto: as manifestações pelo Brasil**



MAIS COMPARTILHADAS

1. **Amar exige generosidade** Coluna de Ivan Martins
2. **16 de agosto: as manifestações pelo Brasil**
3. **Em Brasília, grupo gasta R$ 12 mil para fazer boneco gigante do ex-presidente...**
4. **Caiado foi aplaudido em pizzaria de São Paulo** Coluna Expresso
5. **Agência Pepper Interativa, ligada ao PT, tinha conta na Suíça para receber...**





INSTAGRAM DO LEITOR

@felivi venceu o tema **"Na Minha Infância"**. Confira mais fotos e o tema da próxima edição no site de ÉPOCA: glo.bo/bombou

O desenvolvimentismo de pé-quebrado

O pacote de crédito emergencial para setores escolhidos pelo governo sinaliza a retomada de práticas econômicas do primeiro mandato de Dilma que levaram o país ao atoleiro

Perto de completar oito meses de seu segundo mandato, a presidente Dilma Rousseff parece ainda não ter compreendido plenamente as razões que levaram a economia do país ao atoleiro. Diante do enorme desafio de recuperar a confiança dos empresários e a credibilidade da política econômica, Dilma continua a insistir em soluções adotadas no primeiro mandato que se mostraram claramente equivocadas e deveriam ser abandonadas para sempre. Com isso, em vez de contribuir para melhorar o quadro, ela acaba por alimentar as dúvidas sobre suas reais intenções de rever o modelo do nacional-desenvolvimentismo de pé-quebrado implementado desde o segundo governo de Lula e ampliado em sua gestão. Dilma ainda reforça os rumores sobre a perda de influência do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, a principal trincheira de credibilidade do governo, e aumenta as incertezas dos agentes econômicos, que já não são poucas, sobre as perspectivas econômicas do país.

Num momento em que procura desesperadamente obter o apoio do setor produtivo para superar a pasmaceira da economia e enfrentar a crise política, o governo decidiu recorrer novamente aos bancos públicos para liberar empréstimos a juros de pai para filho para alguns setores da economia, se eles se comprometerem a não demitir funcionários. O crédito emergencial poderá chegar a R$ 8,1 bilhões. O primeiro setor a se beneficiar das benesses oficiais será ela, sempre ela – a indústria automobilística. Como acontece desde os tempos do regime militar, com breves períodos de exceção, as montadoras deitam e rolam em Brasília. A partir da posse de Lula, em 2003, passaram a contar com o apoio decisivo dos sindicatos de metalúrgicos do setor, vinculados historicamente ao PT. Em breve, segundo a presidente da Caixa, Miriam Belchior, a bondade do governo deverá se estender aos setores de eletroeletrônicos, telecomunicações, papel e celulose, farmacêutico e químico, embora não haja uma explicação clara para a escolha dos setores beneficiados.

Com o ajuste fiscal fazendo água, Dilma deveria se preocupar em reforçar a ideia da estabilidade nas regras do jogo e mostrar que



PRIVILÉGIO
Pátio da Ford, lotado de automóveis. Com as vendas em queda, as montadoras arrancam ajuda do governo, mais uma vez

elas valem para todos. Seria um sinal claro de mudança, em vez de trazer de volta o patrimonialismo do primeiro mandato, tão criticado por Levy, segundo o qual se dá melhor quem mantém boas relações nos gabinetes oficiais. Como se pode comprovar agora, o patrimonialismo do governo, geralmente atribuído ao ex-ministro Guido Mantega, tinha muito da mão da própria Dilma – e nem Levy consegue enfrentá-la nesse quesito.

Levy até tentou defender a medida, ao afirmar que ela não compromete o plano de estabilização apoiado pela Fazenda e pelo Banco Central. Seu argumento é que os bancos públicos, como o BB e a Caixa, vão usar recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), e não do Tesouro, nas operações. Não é preciso ser um gênio das finanças, porém, para perceber que a operação hospital montada pelo governo para as grandes empresas vai na direção oposta do ajuste. Com as taxas de juro na estratosfera, para tentar enxugar a liquidez da economia e conter a inflação, é um contrassenso o governo estimular o crédito, colocando mais recursos na praça. Isso poderá levar o Banco Central a ter de subir ainda mais os juros para tirar o dinheiro de circulação depois. É o próprio governo, com a dívida pública na faixa de R$ 2,5 trilhões, o maior prejudicado com a alta das taxas.

No atual cenário, o melhor que o governo poderia fazer para favorecer a retomada do crescimento é se concentrar no equilíbrio das contas públicas. Não por meio do corte de investimentos e de benefícios sociais, nem do aumento de impostos, como fez até agora, mas da redução das despesas de custeio, aquelas feitas com a máquina administrativa. Sem uma ampla reforma, que permita uma diminuição significativa dos 25 mil cargos comissionados, e a adoção de medidas que levem à queda dos gastos obrigatórios, é pouco provável alcançar uma solução sustentável para as finanças públicas, que abra caminho para o desenvolvimento. O pacote patrimonialista pode até render para Dilma algum alívio junto ao Congresso Nacional e a alguns segmentos da sociedade, mas nunca passará de um mero paliativo. ◆

Foto: Paulo Whitaker/Reuters

FERA FERIDA

O Ministério Público tem provas abundantes da atuação do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, no esquema de corrupção na Petrobras. Cunha avisa: não cairá sozinho

Filipe Coutinho e **Leandro Loyola**

Rápido, incansável, agressivo e acuado em uma situação muito delicada, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, do PMDB, causa apreensão em Brasília. Na tarde da quinta-feira, final da semana passada, colegas do PMDB souberam que Cunha mandou ao vice-presidente da República, Michel Temer, aquele clássico aviso de "não vou cair sozinho", disparado quando a tensão fica alta na região mais escura do espectro político. Durante anos, Cunha e Temer foram muito próximos no PMDB. O governo sabe que não será poupado da ira de Cunha, apesar do discurso oficial otimista espalhado por ministros petistas.

Cunha foi denunciado pelo procurador-geral da República, Rodrigo Janot, ao Supremo Tribunal Federal (STF), como um dos envolvidos no esquema de corrupção que drenou bilhões de reais da Petrobras. No documento de 85 páginas, Janot acusa Cunha de dois crimes, corrupção passiva e lavagem de dinheiro, por ter recebido ao menos US$ 5 milhões de propina em um contrato celebrado entre a estatal e a empresa coreana Samsung. Janot pede ao Supremo que Cunha seja condenado a 184 anos de prisão e obrigado a devolver US$ 80 milhões – equivalentes a cerca de R$ 280 milhões. ▶

A DENÚNCIA
O Ministério Público acusa Cunha com base em depoimentos, dados bancários, telefônicos e da Aeronáutica

Foto: Adriano Machado/ÉPOCA

USO DA FÉ
Eduardo Cunha na Câmara. De acordo com a denúncia, ele usou uma igreja para receber propina

OS CRIMES

Corrupção passiva
2 VEZES

Lavagem de dinheiro
60 VEZES

A PROPINA

US$ 5
milhões para o deputado

R$ 500
mil em "doações" a uma igreja

AS PENAS

Até
184
anos de prisão

Devolução de
US$ 80
milhões

A história de Cunha tem uma particularidade, no padrão descoberto pela Operação Lava Jato: ele usou o caixa de uma igreja, a Assembleia de Deus Madureira, como biombo na distribuição de uma fatia da propina.

A ação de Janot desestabiliza Cunha severamente. Entretanto, devido ao cargo do deputado, a seu perfil pessoal e ao atual cenário político, torna-o ainda mais perigoso para a estabilidade do país.

Do ponto de vista jurídico, Cunha não é obrigado a deixar o cargo. A bancada do PSOL pretende apresentar um pedido para afastá-lo, mas a aprovação é difícil, mesmo se tiver apoio do PT e do governo. Pela lei, Cunha pode exercer o cargo até ser condenado pelo STF. Há muito tempo até lá. O Supremo ainda precisa aceitar a denúncia de Janot. Depois disso, o deputado se torna réu e ganha tempo para se defender e só depois será julgado. Um processo assim deve levar mais de um ano. O mandato de Cunha na presidência da Câmara termina no início de 2017.

Cunha tende a ameaçar colegas como o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), também acusado pela Operação Lava Jato e que recentemente se aproximou da presidente Dilma Rousseff. Cunha pediu a aliados que aprovem a convocação de Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro, para depor na CPI da Petrobras. Afilhado de Renan, Machado permaneceu 11 anos na presidência da subsidiária da Petrobras, de onde saiu por ter sido mencionado pelo ex-diretor Paulo Roberto Costa como pagador de uma propina de R$ 500 mil. No ano passado, a situação de Machado causava arrepios a Renan. Cunha também orientou sua turma na CPI dos Fundos de Pensão a investigar o Postalis, o fundo dos funcionários dos Correios. Ele acumula um rombo de R$ 2 bilhões e é controlado por PMDB e PT. O doleiro Alberto Youssef mencionou em um de seus depoimentos que Renan trabalhou para que o fundo comprasse R$ 50 milhões em debêntures de uma empresa, administrada por ele. Cunha quer também a convocação do lobista Milton Lyra, ligado a Renan *(leia a reportagem na página 36)* e envolvido com o Postalis.

AS PROVAS CONTRA CUNHA

O relato dos procuradores mostra a lógica das relações entre os personagens da investigação

1

Nesta oportunidade, FERNANDO SOARES afirmou a JÚLIO CAMARGO:

"Estou vindo na qualidade de seu amigo e na última vez disse que tinha compromissos inadiáveis e quero te dizer o seguinte: **Eu tenho um compromisso com o Deputado EDUARDO CUNHA**"[76]

O NOME DO CHEFE

Quando o fluxo de propina secou, o intermediário, Fernando Baiano, deixou claro em nome de quem fazia a cobrança

2

Assim, para pressionar o retorno dos pagamentos das propinas, o denunciado **EDUARDO CUNHA realmente concretizou as ameaças feitas**, a partir de **julho de 2011**.

Nesse sentido, o denunciado **EDUARDO CUNHA**, valendo-se do poder inerente ao seu cargo, passou a pressionar pelo restabelecimento do pagamento das propinas por meio de dois requerimentos perante a Comissão de Fiscalização Financeira e Controle da Câmara dos Deputados (CFFC).

USO DO CARGO

Deputados em comissões fiscalizadoras têm um poderoso instrumento de pressão. De acordo com a investigação, Cunha usou uma deputada para convocar e pressionar quem considerava seus devedores

Cunha é o primeiro presidente da Câmara acusado formalmente de crimes pela Procuradoria-Geral da República. A acusação é sólida, baseada principalmente nos depoimentos dados pelo lobista Júlio Camargo mediante um acordo de delação premiada. Os relatos detalhados de Camargo foram corroborados por diversas provas obtidas pelos investigadores, o que enfraquece o discurso de Cunha de que tudo não passa de uma armação engendrada contra ele pelo governo.

Camargo relatou que, em 2006, intermediou em nome da Samsung um contrato de US$ 586 milhões com a Petrobras. Sua função era receber dos coreanos a propina por meio de um falso trabalho de consultoria – o procedimento-padrão da roubalheira na estatal, pelo que constatou a Lava Jato – e entregar parte a outro lobista, Fernando Baiano (preso), representante do PMDB. O partido controlava a Diretoria Internacional – primeiro em consórcio com o PT, por meio de Nestor Cerveró (preso), depois em voo partidário solo, por meio de Jorge Zelada (preso), num acerto político que, segundo ele, teve o aval do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A engrenagem entre Camargo e Baiano encrencou em 2009. Faltou graxa: a Samsung passou a atrasar pagamentos. Sem dinheiro, Camargo não pagava Baiano, que não pagava Eduardo Cunha. "A partir de então, surgiu expressamente o nome do denunciado Eduardo Cunha como destinatário dos valores. Nesta oportunidade, Fernando Soares afirmou a Júlio Camargo: 'Estou vindo na qualidade de seu amigo e na última vez disse que tinha compromissos inadiáveis e quero te dizer

3

O teor da justificativa do requerimento já era indicativo de que se buscava não um objetivo republicano, mas sim, especificamente, "investigar" apenas as pessoas e empresas envolvidas no pagamento de propinas, que haviam cessado tais pagamentos, como forma de constrangê-las.

POR QUE PRESSIONAR

A denúncia da Procuradoria-Geral da República conclui que o objetivo das convocações nada tinha a ver com a verdadeira função fiscalizadora do Legislativo

4

Uma vez iniciada a reunião, **EDUARDO CUNHA** solicitou a JÚLIO CAMARGO o pagamento da vantagem indevida: *"JÚLIO, em primeiro lugar eu quero dizer que não é nenhum problema pessoal em relação a você. O problema que eu tenho é com o FERNANDO [SOARES] e não com você. Acontece que o FERNANDO não me paga porque diz que você não o paga. Como o FERNANDO não tem capacidade de me pagar, eu preciso que você me pague".*[128] Conforme visto, o valor faltante era de **US$ 15 milhões de dólares**.

EM QUANTO FICA

Segundo a investigação, Cunha se considerava credor de US$ 15 milhões em verba desviada. Diante dos atrasos, aceitou negociar e baixar o valor para US$ 10 milhões

5

fins de efetivação dos pagamentos, foram feitas duas transferências para a IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS (CNPJ 44595395/0001-98): a) uma no valor de R$ 125.000,00 da empresa PIEMONTE em **31 de agosto de 2012**; b) uma outra no mesmo valor de R$ 125.000,00 da empresa TREVISO na mesma data de **31 de agosto de 2012**, em valor total de **R$ 250.000,00**, ambas com a falsa justificativa de "pagamento a fornecedores".[144]

USO DE IGREJA

Cunha tem forte apelo entre o eleitorado evangélico no Rio de Janeiro. A investigação conclui que ele inovou, ao pedir pagamentos em nome de uma igreja

o seguinte: Eu tenho um compromisso com o Deputado EDUARDO CUNHA", diz o texto de Janot.

De acordo com a denúncia, a partir daí Cunha passou a retaliar Júlio Camargo. E, para isso, usou seu mandato de maneira "não republicana", para intimidar Camargo. Em julho de 2011, a deputada carioca Solange Almeida (PMDB-RJ), aliada de Cunha, apresentou dois requerimentos de informações para pressionar Camargo. De acordo com provas obtidas por Janot, Solange funcionou apenas como um instrumento, pois o registro do arquivo digital do requerimento, arquivado no sistema da Câmara, está em nome de "Dep. Eduardo Cunha". Sem saída, Camargo recorreu ao então ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, também do PMDB. Camargo relata uma reunião no dia 31 de agosto de 2011, na base aérea do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Os investigadores descobriram que, de fato, Lobão estava no Rio no dia e no horário relatados por Camargo. E o registro da Aeronáutica confirma que o carro de Camargo entrou na base no horário que o lobista disse.

Segundo Camargo, o próprio Lobão citou que o requerimento era de Cunha. Na versão do delator, Lobão, em conversa telefônica com Cunha, disse: "Eduardo, eu estou com o Júlio Camargo aqui do meu lado. Você enlouqueceu?". A abordagem não freou Cunha. Camargo diz que seu colega lobista, Fernando Baiano, insistiu nas ameaças. "Pode falar com quem você quiser. Enquanto não pagar o que você deve, a pressão continuará cada vez maior", disse. Em um domingo, 18 de setembro de 2011, entre 19 e 21 horas, Cunha, Baiano e Camargo ficaram cara a cara, num prédio chamado Leblon Empresarial. De novo, os investigadores provaram que o encontro não foi uma invenção do delator. O dono da sala admitiu que o local era frequentado por Baiano, que tinha até a chave. A empresa de estacionamento confirmou que o carro de Baiano estava lá naquele dia e hora. E o cruzamento das torres de sinal telefônico mostra que o lobista do PMDB também estava no mesmo local. Segundo a denúncia, Cunha estava de carona com Baiano. "Júlio, em primeiro lugar, quero dizer que não é nenhum problema pessoal em relação a você. O problema que eu tenho é com o Fernando, e não com você. Acontece que o Fernando não me paga porque diz que você não o paga. Como o Fernando não tem capacidade de me pagar, eu preciso que você me pague", disse Cunha, de acordo com o delator. Chegou-se então a um acordo. O valor devido caiu de US$ 15 milhões para US$ 10 milhões – metade para Cunha, metade para Baiano.

Parte do dinheiro, segundo a denúncia, foi paga em dinheiro vivo. Para isso, Camargo se valeu do doleiro Alberto Youssef, mais um envolvido no petrolão. O lobista remetia dinheiro para o exterior e o doleiro era o responsável por pagar Cunha no Brasil, em dinheiro vivo. Aqui também há provas. A Polícia Federal apreendeu com Youssef uma planilha que relata entregas feitas por um funcionário do doleiro. No dia 15 de junho de 2012 há uma anotação de R$ 1,1 milhão para Baiano. Alguns valores foram pagos por meio de empresas offshore, enquanto outros – como o repasse de R$ 500 mil – por meio de "doações" à Assembleia de Deus Madureira, ligada a Cunha. Em nota, Cunha negou as acusações, mas não tentou se explicar. Preferiu atribuir a denúncia a um complô que une Janot e o governo contra ele, um "acordão" que inclui a preservação de outro acusado pela Lava Jato, o presidente do Senado, Renan Calheiros. "Não participei e não participo de qualquer acordão e certamente, com o desenrolar, assistiremos à comprovação da atuação do governo, que já propôs a recondução do procurador, na tentativa de calar e retaliar minha atuação política", diz Cunha. ◆

UM ATALHO PARA ATINGIR RENAN

Aliados de Eduardo Cunha identificam um alvo para chegar ao presidente do Congresso: um empresário, com operações no fundo Postalis

Alana Rizzo

Integrantes da CPI dos Fundos de Pensão ligados ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), identificaram um personagem que é visto como atalho para acossar o presidente do Congresso, senador Renan Calheiros (PMDB-AL): trata-se do empresário Milton Lyra, conhecido como Miltinho, um coadjuvante das altas rodas de brasileiros com imóveis em Miami. Lyra foi apontado por delatores da Lava Jato e em inquérito da Polícia Federal como um operador de Renan no Postalis, o fundo de pensão dos Correios. As primeiras informações de inteligência obtidas por policiais e procuradores detectaram uma compra suspeita de um apartamento de R$ 25 milhões, por meio de uma offshore em nome de Lyra, que não teria lastro para a operação financeira. A informação atiçou aliados de Cunha – e Cunha ordenou a convocação de Lyra para a CPI dos Fundos de Pensão. Pressionado, Lyra, nos últimos dias, passou a mandar recados caso seja convocado pela CPI ou alvo da Lava Jato. "Vou para a delação", ameaçou, mais em busca de blindagem do que com vocação para homem-bomba.

As extravagâncias de Lyra armaram as forças que operam para colocar de vez Renan na mira da Lava Jato. No front da investigação, além de mapear os sinais exteriores de riqueza de Miltinho, procuradores avançam nas negociações com delatores – Fernando Baiano e Alberto Youssef, principalmente – sobre mais detalhes das relações de Lyra com Renan. No termo de colaboração 19 da Operação Lava Jato, Youssef afirmou que Renan era responsável por indicar o diretor financeiro do fundo e tinha ingerência no Postalis. "Youssef disse ainda que Renan atuou para o fundo comprar títulos de dívida, conhecidos como debêntures, de uma empresa de educação ligada a Lyra. Trata-se do Grupo Galileo, mantenedor da Universidade Gama Filho, que recebeu R$ 75 milhões do Postalis.

Para blindar seu patrimônio de investigações no Brasil, Lyra montou uma intrincada operação imobiliária e financeira que chamou a atenção dos procuradores para suas contas bancárias. Endereço do desejo do jet set emergente em Miami, o Condomínio Regalia, em Sunny Isles, foi entregue

NA MIRA
O presidente do Congresso, Renan Calheiros. A Lava Jato e a CPI da Câmara rastreiam pistas contra ele



no início do ano a um seleto grupo de compradores – apenas cinco brasileiros, em meio a canadenses, americanos e venezuelanos. Na divisa com as mansões de Golden Beach, o projeto, assinado pelo arquiteto peruano Bernardo Fort Bescia tem 39 unidades emolduradas por janelas "infinitas" de vidro, que garantem uma vista de 360 graus e lhe renderam o apelido de prédio flutuante. O Regalia tem mais de 500 metros quadrados, quatro quartos, cinco banheiros, armários italianos, jacuzzi com vista para o mar e praia privativa com mordomos. Documentos obtidos por ÉPOCA mostram que o oitavo andar do Regalia pertence a Lyra. "Ninguém imaginava que o Miltinho teria condições de comprar um apartamento ali", diz um brasileiro que vive em Miami e frequenta as mesmas rodas do lobista.

ÉPOCA rastreou a operação realizada por uma offshore do lobista para comprar o imóvel por R$ 25 milhões. Lyra usou a PRL Investment Corporations, de sua propriedade, para adquirir a unidade de "ultraluxo" na Flórida. Os documentos mostram que a empresa foi criada em 2013 com o único propósito de realizar transações comerciais. Em agosto do ano passado, segundo documentos arquivados na Flórida, Lyra contratou a assessoria de um escritório de advocacia para intermediar a abertura da empresa e a compra do imóvel em Miami. O Piquet Law Firm pertence ao advogado brasileiro Alexandre Piquet, especializado em investimentos brasileiros no exterior.

No início deste ano, em 2015, a PRL teve sua sede alterada para o exclusivíssimo endereço do Regalia. Os registros revelam que o lobista pagou U$ 6,9 milhões pelo apartamento. "Não é um apartamento para qualquer milionário. O Regalia está entre os top 10 de Miami e desde que foi lançado gerou alvoroço sobre quem compraria", conta um empresário que circula nas rodas dos políticos brasileiros em Miami. Hoje o imóvel não sai por menos de US$ 12 milhões, ou R$ 42 milhões. O condomínio custa em média US$ 8 mil e inclui adega climatizada para cada morador, spa com aromaterapia, academia, concierge e valet 24 horas.

Procurado, Lyra informou, por meio de seus advogados, que o apartamento está devidamente declarado à Receita Federal e que não tem por que entrar em delação, pois não é réu em nenhum processo. As viagens a Miami de Lyra e de sua mulher, Daniela, são frequentes e noticiadas por colunas sociais locais dirigidas aos brasileiros. Até há pouco hospedavam-se em um apartamento alugado em Sunny Isles. Agora, o casal prepara a mudança para o 8º andar do Regalia. Encomendaram uma longa reforma, que inclui novos pisos e, pelo menos, duas adegas no apartamento, além de móveis de grife. Vinhos são uma nova obsessão de Lyra. Em Brasília, com a turma do Postalis, o empresário já organizou o que os especialistas chamam de "degustação vertical", a prova de diferentes safras de um mesmo vinho. Numa das ocasiões, optou pelo francês Château Petrus, cujo preço varia de R$ 15 mil a garrafa ano 2004 a R$ 30 mil o exemplar de 2010. Lyra, boa-praça, integrou-se ao grupo dos brasileiros caixas-altas de Miami. Mas sempre foi visto como alguém com mais gogó que dinheiro na carteira. O dinheiro apareceu. Agora, os investigadores querem que ele diga de onde veio. ◆

Foto: Adriano Machado/ÉPOCA

MIROU NOS DELATORES, ACERTOU O PÉ

O trabalho confidencial da Kroll para a CPI da Petrobras, ao qual ÉPOCA obteve acesso, resume informações achadas na internet – e entrou na mira da força-tarefa da Lava Jato

Thiago Bronzatto



3. O Plano Investigativo

3.1 Objetivo

O objetivo da Kroll é identificar, localizar e ajudar na recuperação de ati
pelos Sujeitos no alegado desvio sistemático de fundos da Petrobras.
forneceu à Kroll os nomes de doze dos quinze Sujeitos, conforme a lista

1. Renato de Souza Duque
2. Paulo Roberto Costa
3. Pedro José Barusco Filho
4. Alberto Youssef
5. João Vaccari Neto
6. Augusto Ribeiro de Mendonça Neto
7. Julio Gerin de Almeida Camargo
8. Eduardo Hermelino Leite
9. Dalton dos Santos Avancini
10. Stael Fernandes Rodrigues Lima Janene
11. Ricardo Ribeiro Pessoa
12. Julio Faerman

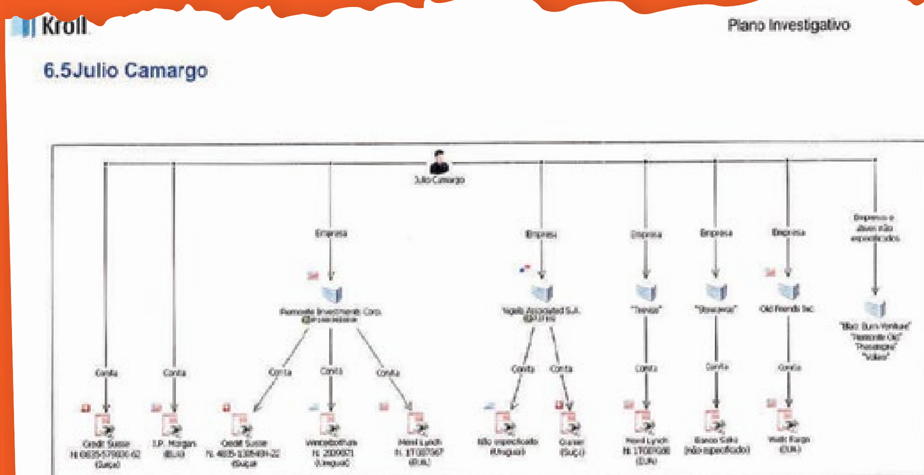
Nas semanas que antecederam a denúncia do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), chegou a recordes históricos o nível de tensão entre a Procuradoria-Geral da República e o Congresso. Do lado dos parlamentares, aliados de Cunha propagavam versões de conchavos entre o Planalto e o procurador-geral, Rodrigo Janot. Já alguns procuradores que integram a força-tarefa da Lava Jato em Brasília desconfiavam que estavam sendo espionados pela empresa de investigação Kroll, contratada pela CPI da Petrobras. Por essa razão, em 20 de agosto Janot pediu à comissão o acesso ao relatório da Kroll. Se colocar a mão no material, que está sob sigilo, Janot apenas constatará o desperdício de dinheiro público.

Trata-se, afinal, de um extenso resumo de pesquisas primárias feitas na internet e recheado de dados públicos. ÉPOCA teve acesso, com pessoas ligadas à Kroll, ao documento de 162 páginas, classificado como "privado e confidencial" e entregue à CPI. Nos seis capítulos que compõem o material, há inúmeras referências a reportagens publicadas pela imprensa, erros de português e de informação, além de confusões primárias entre os nomes dos investigados – um trabalho que custou R$ 7.284,81 por página e poderia ter sido feito por qualquer estudante universitário com acesso à internet.

A CPI da Petrobras até que tentou dar uma mãozinha para a investigação da Kroll. Forneceu documentos de empresas, imóveis, contas bancárias, faturas de cartão de crédito e relatórios obtidos com a quebra de sigilo telefônico de alguns dos 12 "alvos" escolhidos pelo presidente da comissão, Hugo Motta (PMDB-PB), ligado ao presidente da Câmara. Conforme ÉPOCA antecipou em julho, entre os alvos prioritários da Kroll estava o lobista Júlio Camargo.

Ao longo de seu relatório, a Kroll apresenta um resumo sobre cada um dos personagens, listando formação acadêmica, histórico profissional, processos na Justiça, nomes de familiares, uma relação de bens disponíveis em bancos de dados públicos, como juntas comerciais e cartórios, e o que saiu na mídia a respeito deles. Algumas dessas informações foram coletadas em redes sociais. Já os indícios de patrimônio escondido no exterior foram levantados a partir de documentos subsidiados pela própria CPI, como gastos realizados com cartões de crédito fora do Brasil ou relatórios de telefonemas internacionais. No caso do doleiro Alberto Youssef, do telefone registrado em nome da sua empresa GFD Investi-





TIRO N'ÁGUA
Júlio Camargo, delator na investigação da Lava Jato, e trechos do relatório da Kroll. O Congresso pagou R$ 7 mil por página

mentos foram feitas ligações para países como Estados Unidos, Suíça, Espanha, Cingapura, Paraguai e Argentina.

Foram repassadas também pela CPI algumas pistas inéditas para a Kroll apurar. Uma das pistas, de acordo com o relatório da investigação, tratava de uma conta no banco libanês Aldi em nome de Youssef. A outra tem a ver com uma suspeita de que Vaccari teria bens em nome de laranjas e familiares, membros da Confederação Sindical de Trabalhadores das Américas. Mas a Kroll não descobriu nenhuma prova consistente disso. Há no relatório uma única referência de que a empresa multinacional de investigação encontrou, com esforço próprio, uma informação exclusiva: "A pesquisa realizada pela Kroll nos Estados Unidos identificou aproximadamente 15 endereços nos Estados de Nova York, Flórida e Massachusetts que podem estar relacionados a Pedro Barusco (ex-gerente da Petrobras). A Kroll vai averiguar a propriedade desses imóveis na próxima etapa da investigação", afirma o relatório.

Para avançar para a próxima fase da apuração, que incluiria escarafunchar informações dos investigados no exterior e entrevistar "fontes" ligadas a bancos e ao Ministério Público, a Kroll impôs algumas condições aos deputados. A empresa exigiu cerca de R$ 1 milhão a mais para cada um dos 12 alvos escolhidos pela comissão, um cheque caução, pagamento em libras (com câmbio flutuante) e a garantia de que seria blindada num eventual processo movido pelos investigados. Ao todo, a segunda etapa do trabalho ficaria em torno de R$ 12 milhões.

A CPI decidiu, então, concentrar a investigação em três ou quatro nomes, um formato mais econômico e célere. Após dois meses de negociações, a Kroll jogou a toalha, o que deixou os parlamentares insatisfeitos. Ao menos dois fatores contribuíram para a desistência da empresa de investigação. O primeiro se relaciona à pressão que a companhia sofreu de alguns integrantes da CPI. Eles questionaram os valores extras exigidos pela empresa e o insucesso dela em obter evidências concretas. Tais provas poderiam desmoralizar a Lava Jato e dar munição a parlamentares acusados.

Outro motivo determinante para a desistência da Kroll foi o fato inesperado de a empresa ter entrado na mira da Lava Jato. Em abril, o Ministério Público Federal de Brasília instaurou um procedimento para investigar a contratação da Kroll pela Câmara, sem licitação, por R$ 1,2 milhão. O caso foi remetido pelo procurador Douglas Kirchner, do Distrito Federal, para a força-tarefa em Curitiba, sob a coordenação de Deltan Dallagnol. A investigação cível continua em andamento, o que deixou a Kroll arredia. Em nota divulgada recentemente, a Kroll disse que não pode comentar sobre os serviços prestados à CPI da Petrobras. Procurado, o deputado Motta disse preferir não comentar o tema, por causa das cláusulas de confidencialidade no contrato com a Kroll. A Kroll afirma nunca comentar detalhes de investigações e estar impedida de falar sobre os serviços prestados à CPI da Petrobras. "A CPI comunicou a sua satisfação em relação aos trabalhos realizados pela Kroll", afirma a empresa. O saldo final da apuração da Kroll foi uma série de indícios: oito contas bancárias, 67 empresas, 65 propriedades em cerca de 30 países. Mas a maioria deles já foi revelada pela imprensa. Ao que tudo indica, a atabalhoada espionagem da Kroll no Google deverá sair caro para todos os envolvidos. ◆

Foto: reprodução

A escolinha do professor tucano

Fernando Henrique Cardoso pede a renúncia de Dilma Rousseff e, assim, tenta unificar o discurso do partido. Conseguirá?

Aline Ribeiro

Inflamado pela derrota na eleição presidencial de meses antes, o petista Luiz Inácio Lula da Silva subiu no palanque de uma passeata em Brasília, na tarde de 26 de agosto de 1999. Entre a agitação das bandeiras vermelhas e os gritos de ordem, defendeu a saída do então presidente reeleito, o tucano Fernando Henrique Cardoso. "Renúncia é um gesto de grandeza", disse Lula a uma plateia de cerca de 70 mil manifestantes. "Só um grande homem tem essa grandeza. Fernando Henrique não tem. Ele é orgulhoso e prepotente." Na época, a economia andava mal, com inflação e desemprego em alta, e a aprovação de Fernando Henrique era pífia (12%).

A cena se repete 16 anos depois, com os papéis invertidos. A crise econômica e a popularidade da presidente Dilma Rousseff na casa de um dígito (8%) oferecem aos tucanos a chance de vingança. Na segunda-feira, dia 17, Fernando Henrique deixou a moderação de lado e publicou, numa rede social, uma declaração incisiva: "Se a própria Presidente não for capaz do gesto de grandeza (renúncia ou a voz franca de que errou, e sabe apontar os caminhos da recuperação nacional), assistiremos à desarticulação crescente do governo e do Congresso, a golpes de Lavajato", escreveu. A exortação à renúncia é uma nova posição de Fernando Henrique – e uma tentativa de alinhar os discursos de seu partido.

No mesmo dia, Fernando Henrique recebeu o presidente do PSDB, o senador Aécio Neves, e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, para um almoço em seu apartamento em São Paulo. Ao lado do senador José Serra, ambos disputam o posto de candidato a presidente em 2018 pelo PSDB e vêm discordando sobre a posição do partido contra Dilma. Fernando Henrique atuou como um pai conciliador, dos que colocam os filhos para conversar. Na terça-feira, a escolha pelo discurso da renúncia foi sacramentada numa reunião da Executiva, em Brasília. "A decisão foi fruto da análise de que a Dilma perdeu as condições de governabilidade", afirma o deputado federal Silvio Torres, secretário-geral do PSDB.

> **"Se a presidente não for capaz do gesto de grandeza (renúncia), assistiremos à desarticulação do governo"**
>
> **Fernando Henrique Cardoso,** pelo Facebook

Ao subir o tom e pedir a renúncia de Dilma, o ex-presidente tenta resolver dois problemas. O primeiro é dar uma resposta, ainda que tardia, à massa de brasileiros insatisfeitos com o governo, para os quais o PSDB deve ser mais combativo. O segundo é conter as divergências internas do partido, unificando o coro de discursos dissonantes que tem pulverizado a oposição. Em nenhuma das duas frentes há certeza de que a tentativa funcionará.

Para a massa de insatisfeitos, não acostumados às sutilezas do teatro da política, o discurso da renúncia, ao colocar a decisão nas mãos da presidente, pode continuar a soar brando demais, senão tolo. E para unir os tucanos talvez seja preciso mais que um almoço e uma palavra de ordem. O PSDB vem perdendo unidade. Em quatro eleições presidenciais, houve quatro rachas. Em 2002, Serra e Tasso Jereissati (PSDB-CE) brigaram pelo posto de candidato a presidente da República. Em 2006, Aécio, então governador de Minas Gerais, foi acusado de não se empenhar na postulação de Alckmin. Em 2010, os tucanos mineiros não endossaram de imediato a candidatura de Serra. Em 2014, o consenso em torno de Aécio tardou.



DE NOVO
Fernando Henrique *(acima)* em casa, em São Paulo, e uma passeata em 1999 que pedia sua renúncia. Agora, os papéis se invertem

O racha atual diz respeito à estratégia em relação a Dilma. Há ao menos três posições divergentes. Aécio defendeu a convocação de nova eleição na convenção nacional do PSDB, em julho. Quer a cassação da chapa presidencial pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Se fosse confirmado abuso político e econômico na eleição passada, Dilma e seu vice, Michel Temer, cairiam, e um novo pleito seria aberto. Aécio, recebedor de 51 milhões de votos da última eleição, seria favorecido. Serra, outro pré-candidato, acha melhor o impeachment da presidente. Isso ocorreria se o Tribunal de Contas da União (TCU) concluísse que o governo Dilma emprestou dinheiro de bancos federais para fechar as contas. Nesse cenário, Temer assumiria, Serra participaria do governo e teria chances de se candidatar em 2018. A Alckmin, interessa que Dilma termine o mandato. Até 2018, ele terá deixado o governo de São Paulo e estará livre para disputar a Presidência.

Ao pedir a renúncia de Dilma, Fernando Henrique não espera que ela obedeça. Para o cientista social e filósofo Marcos Nobre, professor da Universidade de Campinas (Unicamp), o ex-presidente sabe que Dilma, mesmo que tivesse a intenção de sair – e não há sinal disso –, desistiria ao ouvir o pedido do adversário político. "Seria uma humilhação", afirma Nobre. Fernando Henrique tem consciência de que o PSDB é o partido com melhores condições para vencer a eleição em 2018. Caso se apresse a assumir agora, entretanto, poderá chegar à próxima eleição com o ônus de governar num ambiente político e econômico adverso, além de correr o risco de ser acusado de golpista. "A convocação de nova eleição exigiria ou o duplo impeachment, da Dilma e do Temer, ou a cassação da chapa pelo TSE. É uma ruptura institucional muito grave, traumática", diz Nobre. Nos bastidores, as articulações individuais continuam. Os filhos do PSDB, até hoje, não têm se destacado pela obediência. ◆

Com *Pedro Marcondes de Moura*

Fotos: Nacho Doce/Reuters



Os segredos da paz no Cone Sul

Documentos revelam como os Estados Unidos pressionaram o Brasil e a Argentina a fazer um pacto de cooperação nuclear, que inspira hoje o acordo entre Obama e o Irã

Vinicius Gorczeski

Odilon Marcuzzo do Canto, o secretário da Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares (ABACC), com sede no Rio de Janeiro, recebeu, no mês passado, um e-mail dos Estados Unidos com uma revelação surpreendente. Nele, Paul Findley, um americano de 94 anos, senador pelo Partido Republicano pelo Estado de Illinois entre 1961 e 1983, narrava seu papel breve, mas único, no "grande drama" que foi a criação da ABACC, constituída em 1991 com o objetivo de evitar uma corrida nuclear entre a Argentina e o Brasil rumo à bomba atômica.

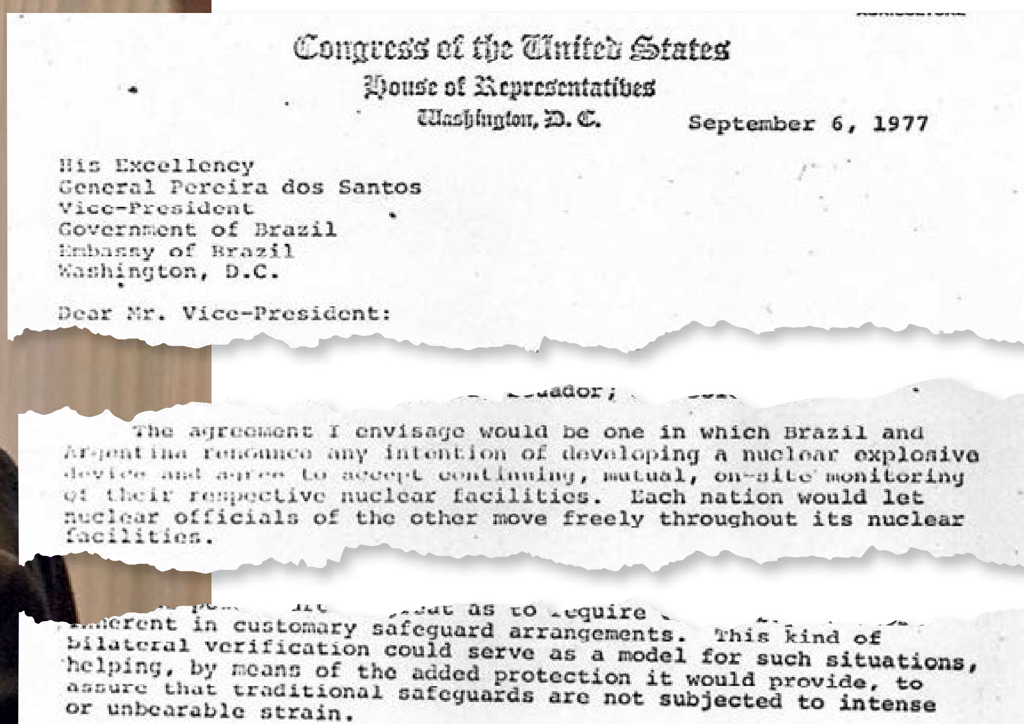
O e-mail de 5.368 palavras tinha como ponto de partida o ano de 1977, quando Findley e outros congressistas americanos fizeram um tour diplomático pela América do Sul. Dois anos antes, o Brasil fechara um acordo nuclear histórico com a Alemanha. Pelo acordo, os alemães exportariam a tecnologia necessária para o Brasil dominar uma etapa industrial que transforma o urânio em combustível nuclear para ser usado nas usinas de Angra dos Reis. Apesar de o Brasil insistir que seus planos eram pacíficos, os americanos e os argentinos, que eram mais avançados no domínio da tecnologia nuclear e tinham em funcionamento a usina de Pilcaniyeu, no sul da Argentina, receavam que o próximo passo dos brasileiros fosse a fabricação da bomba.

Os argentinos também diziam que seus planos nucleares eram pacíficos, mas o temor de uma corrida na América do Sul pela construção da bomba tinha alguns fundamentos. Os dois países, na época, eram governados por ditaduras militares. Ambos recusavam-se a aderir ao Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares de 1968. Para piorar, os militares dos dois lados alimentavam desavenças, como em torno da construção da usina hidrelétrica de Itaipu, na fronteira dos dois países. Findley terminou sua viagem em Brasília e Buenos Aires. A diplomatas dos dois países – e de boca – ele sugeriu a fiscalização mútua de instalações nucleares. Na Argentina, a recepção foi mais calorosa. No Brasil, nem tanto.

Ao voltar para Washington, Findley, de forma desvinculada do governo do então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, resolveu insistir em sua proposta de uma parceria entre Brasil e Argentina: por que ambos não renunciavam, publicamente, às suas intenções de fabricar uma bomba nuclear? Por que cientistas argentinos e brasileiros não fiscalizavam suas usinas nucleares de forma recíproca, livre e recorrente? Findley






Congress of the United States
House of Representatives
Washington, D.C. September 6, 1977

His Excellency
General Pereira dos Santos
Vice-President
Government of Brazil
Embassy of Brazil
Washington, D.C.

Dear Mr. Vice-President:

...ador; ...

The agreement I envisage would be one in which Brazil and Argentina renounce any intention of developing a nuclear explosive device and agree to accept continuing, mutual, on-site monitoring of their respective nuclear facilities. Each nation would let nuclear officials of the other move freely throughout its nuclear facilities.

... as to require ... inherent in customary safeguard arrangements. This kind of bilateral verification could serve as a model for such situations, helping, by means of the added protection it would provide, to assure that traditional safeguards are not subjected to intense or unbearable strain.

1977

A proposta de Findley

O senador americano *(na foto ao lado em 2014, com o ex-presidente Jimmy Carter)* escreve ao vice-presidente do Brasil e ao presidente da Argentina, com a sugestão de inspeção mútua na área nuclear



1985

O acerto entre Sarney e Alfonsín

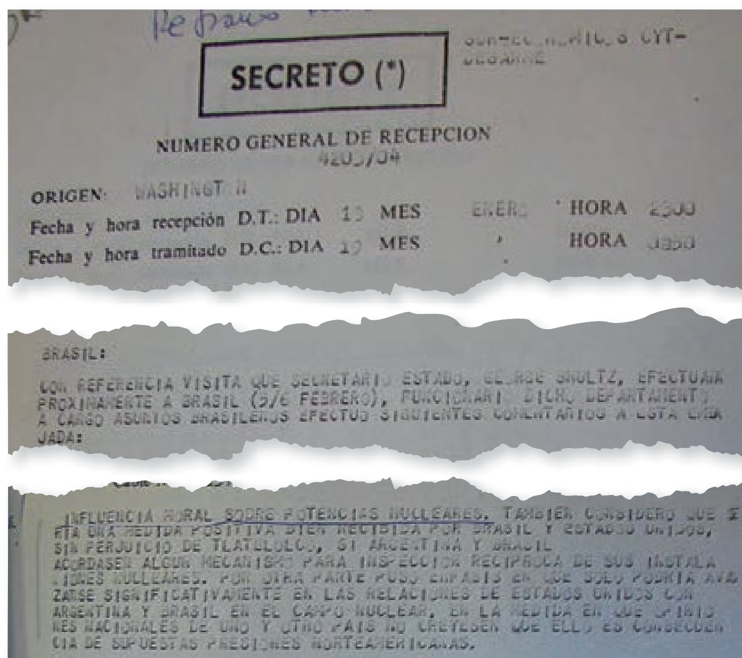
Os presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín se encontram em Foz do Iguaçu e dão o primeiro passo para a criação da primeira agência bilateral de fiscalização nuclear do mundo

avaliava que o pacto renderia aplausos mundiais às duas nações, por se tratar de uma iniciativa sem nenhuma mediação global. De quebra, o acordo poderia levar a uma parceria comercial entre os países.

Findley detalhou suas ideias numa carta, datilografada sob o brasão do Congresso americano e enviada, em setembro de 1977, ao então vice-presidente do Brasil, Adalberto Pereira, e ao presidente da Argentina, Jorge Rafael Videla. A carta de Findley ficou esquecida até agora. Acaba de ser revelada graças a uma extensa pesquisa do especialista em relações internacionais Matias Spektor, professor da Fundação Getulio Vargas (FGV), do diplomata argentino Rodrigo Mallea e do inglês Nicholas Wheeler, professor da Universidade de Birmingham. Parte da pesquisa se tornou o livro *Origens da cooperação nuclear – Uma história oral crítica entre Argentina e Brasil,* em que os três autores mostram como os Estados Unidos, a partir da carta de Findley, enquanto publicamente pressionavam os dois países a arrefecer seus planos nucleares, plantaram em vários momentos a ideia que resultaria na ABACC. Tudo de forma discreta e secreta – mas onipresente. Seria a vanguarda da diplomacia pautada na criação de instituições para fomentar a confiança entre os países, um princípio que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, está tentando recuperar agora no atual acordo nuclear com o Irã.

Em sua pesquisa, Spektor, Mallea e Wheeler desencavaram centenas de documentos secretos que mostram como a diplomacia americana fez inúmeras tentativas de estabelecer um acordo entre Brasil e Argentina nos termos propostos por Findley – uma ideia, desde o início, recebida com mais simpatia pelos argentinos. "Não sei explicar por que o Brasil recuava. Talvez por causa das falhas do ▶

Fotos: Kristen Schmid/divulgação e José Luiz/Ag. O Globo


SECRETO (*)

NUMERO GENERAL DE RECEPCION

ORIGEN: WASHINGTON

Fecha y hora recepción D.T.: DIA MES HORA

Fecha y hora tramitado D.C.: DIA MES HORA

BRASIL:

CON REFERENCIA VISITA QUE SECRETARIO ESTADO, GEORGE SHULTZ, EFECTUARA PROXIMAMENTE A BRASIL (5/6 FEBRERO), FUNCIONARIO DICHO DEPARTAMENTO A CARGO ASUNTOS BRASILEÑOS EFECTUO SIGUIENTES COMENTARIOS A ESTA EMBAJADA:

INFLUENCIA MORAL SOBRE POTENCIAS NUCLEARES. TAMBIEN CONSIDERO QUE SERIA UNA MEDIDA POSITIVA BIEN RECIBIDA POR BRASIL Y ESTADOS UNIDOS, SIN PERJUICIO DE TLATELOLCO, SI ARGENTINA Y BRASIL ACORDASEN ALGUN MECANISMO PARA INSPECCION RECIPROCA DE SUS INSTALACIONES NUCLEARES. POR OTRA PARTE PUSO ENFASIS EN QUE SOLO PODRIA AVANZARSE SIGNIFICATIVAMENTE EN LAS RELACIONES DE ESTADOS UNIDOS CON ARGENTINA Y BRASIL EN EL CAMPO NUCLEAR, EN LA MEDIDA EN QUE OPINIONES NACIONALES DE UNO Y OTRO PAIS NO CREYESEN QUE ELLO ES CONSECUENCIA DE SUPUESTAS PRESIONES NORTEAMERICANAS.



1984
Shultz adota a proposta de Findley

Secretário de Estado dos Estados Unidos, George Shultz visita a embaixada argentina em Washington. Ele pressiona para que Argentina e Brasil façam o acordo de fiscalização nuclear, sem que os Estados Unidos apareçam

país em avançar no campo nuclear", disse Findley a ÉPOCA. "Todo governo tem gente que quer iniciar uma guerra." Por causa das reticências dos brasileiros, a década de 1970 terminou sem avanços.

Uma reviravolta aconteceria em 1980. A lei americana de não proliferação de materiais nucleares entrou em vigor. Os Estados Unidos deixaram de enviar tecnologia a países não signatários do tratado, caso do Brasil e da Argentina. Os dois países, pela primeira vez, se inclinaram a uma cooperação pacífica na área nuclear. Em janeiro de 1984, o embaixador da Argentina em Washington, García Del Solar, recebeu uma visita ilustre. O secretário de Estado americano George Shultz – que faria uma viagem ao Brasil na sequência – apareceu com uma ideia com contornos de novidade. Shultz disse que os Estados Unidos viam Brasil e Argentina de forma equivalente. E que haveria uma "melhora relevante" nessa relação se o Brasil e a Argentina declarassem que não fabricariam a bomba atômica. Disse ainda que, se a Argentina propusesse a criação de um órgão que fiscalizasse as instalações nucleares de ambos os países, a ideia seria bem-vista tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Concluiu que haveria mais avanços – ainda – se a proposta não fosse interpretada como pressão americana. Essa seria a primeira vez que o governo americano, representado por Shultz, mostrou que tinha encampado as ideias do acordo proposto por Findley.

Alguns meses depois da visita, em 1985, a Argentina já tinha pronta uma proposta de acordo nuclear – nos termos defendidos por Findley e Shultz – para levar para o Brasil. Os regimes militares dos dois países já estavam em retirada e os civis assumiam o poder. Diante da reticência brasileira em se pronunciar sobre as propostas, o presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, apelou publicamente por um acordo ao então presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves. Mas Tancredo morreu e Sarney assumiu a Presidência. Ainda em 1985, os diplomatas da Argentina arquitetaram um plano: aproveitar um encontro entre os chanceleres das duas nações para entregar as propostas de forma institucional e cobrar respostas. Mas antes que houvesse o encontro, o ministro do Exército de Sarney, o general Leônidas Pires, defendeu a fabricação da bomba atômica. Pouco depois da declaração de Pires, um avião militar brasileiro desviou de rota e sobrevoou as instalações nucleares de Pilcaniyeu.

ANTES DO ENCONTRO ENTRE SARNEY E ALFONSÍN, O MINISTRO DO EXÉRCITO DO BRASIL DEFENDEU A BOMBA ATÔMICA

Alfonsín tomou conhecimento do ocorrido, mas não se abalou. Ele aproveitaria seu encontro com Sarney, em 29 de novembro de 1985, na inauguração da Ponte Tancredo Neves, em Foz do Iguaçu, como o momento perfeito para mudar para sempre as relações entre os dois países no campo nuclear. Segundo o livro de Spektor, na conversa em Foz do Iguaçu, Alfonsín convidou Sarney a visitar as instalações nucleares de Pilcaniyeu. Por reciprocidade, Sarney convidou Alfonsín a visitar as instalações brasileiras de Resende, no Estado do Rio de Janeiro. Estava dado o primeiro passo para diversos pactos de cooperação nuclear que levariam à assinatura, em 1991, do tratado de Guadalajara – e à criação da ABACC. "Os dois presidentes foram sábios e usaram a política externa de forma inteligente para ganhar espaço no embate interno, à margem da mão de ferro dos militares", diz Spektor.

Com o surgimento da agência, o Brasil, a Argentina, a ABACC e a AIEA assinariam, em 1991, um tratado de salvaguardas – o jargão usado pelos especialistas para se referir à contabilidade nuclear. Entre 1997 e 1999, Argentina e Brasil aceitariam os termos do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Sob a responsabilidade da ABACC e da AIEA, existem 23 instalações nucleares brasileiras e 45 argentinas. As inspeções do material nuclear acontecem com e sem aviso prévio dos dois órgãos. Confere-se a localização de cada grama de plutônio ou urânio enriquecido pelas duas nações. Entre março e junho deste ano, ocorreram 28 inspeções na Argentina e 28 no Brasil. Aqui ou do outro lado da fronteira, nenhuma delas encontrou irregularidades que indicassem que Brasil ou Argentina desenvolvem a bomba.

Mais de 30 anos depois de sua proposta, Paul Findley mora em Jacksonville, Illinois. Aos 94 anos, mal enxerga, mas escreve artigos sobre mediação de conflitos no Oriente Médio e cartas – endereçadas ao presidente Obama –, todas com tipologia não menor que 20. Se tiver saúde, gostaria de vir ao Rio de Janeiro para a comemoração dos 25 anos da ABACC, em dezembro, para gritar saudações às presidentes Dilma Rousseff e Cristina Kirchner por chefiarem os países a firmarem a "primeira cooperação nuclear da história". ◆

EM CADA OLHAR, DETERMINAÇÃO.

EM CADA GESTO, PRECISÃO.

E EM CADA CORAÇÃO, O ORGULHO DE COLOCAR NOSSA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL COMO A MELHOR DO MUNDO.

worldskills São Paulo 2015

62 PAÍSES PARTICIPANTES

50 PROFISSÕES

MAIS DE 1.200 COMPETIDORES

#SenaiBrasilMelhordoMundo

Foi a primeira vez na história que um país da América Latina recebeu a WorldSkills, a maior competição de educação profissional do mundo, realizada pelo SENAI Nacional e pela Confederação Nacional da Indústria - CNI.

Mais de 1.200 competidores de **62 países** mostraram suas habilidades em **50 profissões**, durante 4 dias, em São Paulo, no Anhembi Parque.

Com a **maior delegação brasileira** de todos os tempos, nossa equipe mostrou seu talento, garra, determinação e conhecimento. **E o resultado não poderia ter sido outro.** Nos dois rankings mais importantes da Competição, conquistamos o **1º lugar por pontos** e o **1º lugar no quadro geral de medalhas,** entre todos os países participantes. Foram **27** medalhas, um recorde: **11** de **Ouro**, **10** de **Prata**, **6** de **Bronze** e **18 Certificados de Excelência.**

O SENAI tem a melhor educação profissional do mundo!

Parabéns a todos! Esse megaevento mostrou a importância e a força da educação profissional como excelente **escolha** e oportunidade de transformação de vida para milhares de jovens.

ESCOLHA SENAI. VALEU, BRASIL!

Saiba mais: **www.senai.br**

 /olimpiadasenai  /SENAI_Olimpiada  /senaiolimpiada

 SENAI_olimpiada  SenaiOlimpiada

#SenaiBrasilMelhordoMundo #SenaiBrasilCampeao #EscolhaSenaiBrasil

Realização





Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria





Confederação Nacional da Indústria

IDEIAS

PARADOXOS E CONTRADIÇÕES

ESTÁ NA HORA

Para começar um debate produtivo, é preciso entender primeiro o q

João Gabriel de Lima

O estudante Matheus Hector Garcia, de 21 anos, é de esquerda. Da nova esquerda. Ele faz faculdade de economia no Insper, em São Paulo, e se interessa pela área de políticas sociais. Matheus é a favor do Estado de bem-estar social, de educação e saúde públicas – mesmo que as escolas não sejam necessariamente geridas pelo Estado – e de iniciativas como o Bolsa Família. Por causa de programas como o ProUni, que oferece bolsas de estudos a estudantes carentes, Matheus elogia o primeiro mandato do presidente Lula. Ele defende, no entanto, a responsabilidade com as contas públicas. "Continuaremos

Foto: Edu Lopes/Click de Gente
Produção: Daniele Verillo

ENCONTRO
Matheus Garcia e Michelle Sopper numa conversa bem-humorada. Eles representam a esquerda e a direita com bom-senso

DE DIALOGAR

ue significam as palavras "direita" e "esquerda" no mundo moderno

sem conseguir resolver a desigualdade enquanto não colocarmos a economia em ordem. É preciso primeiro ajustar as contas e recuperar a credibilidade, para em seguida dar base para as melhorias sociais", afirma. Matheus gosta de participar de debates acadêmicos sobre política, principalmente quando inclui gente que pensa diferente dele.

A advogada Michelle Sopper, de 31 anos, é de direita. Da nova direita. Ela é frequentadora de palestras no Instituto de Formação de Líderes e no Instituto de Estudos Empresariais, duas entidades divulgadoras do pensamento liberal. Ela defende que o corte de impostos e a criação de um ecossistema empreendedor ▶



ESQUERDA
Manifestação organizada por centrais sindicais na quinta-feira, dia 20, em São Paulo. Eles defendem as políticas sociais

são as melhores soluções para tirar os indivíduos da pobreza. "O Estado deveria servir para mediar conflitos e promover a segurança", diz ela. "O restante, as próprias pessoas podem fazer sozinhas ou com sua comunidade." Ela se define como liberal num sentido amplo, na economia e nos costumes. Além do corte de impostos, ela defende o casamento gay e a legalização de drogas. "O liberalismo pressupõe indivíduos livres, com direitos sobre o próprio corpo e responsabilidades sobre suas ações", afirma. Ela adora discutir suas visões políticas com a família e ouvir quem pensa diferente.

Nas últimas semanas, o Brasil foi sacudido por manifestações de diversos tamanhos e de colorações ideológicas variadas. As ruas mostram um fato: cada vez mais o brasileiro, principalmente o brasileiro jovem, se interessa por política. Muitos dos que protestam nas ruas são movidos pela emoção pura, que pode ser a adesão apaixonada a um partido ou o ódio a um projeto político. Afinal, o brasileiro é antes de tudo o "homem cordial", movido pelo coração, retratado magistralmente pelo ensaísta Sérgio Buarque de Holanda. Às vezes a emoção extrapola e leva a exageros. São nesses momentos que saem da toca os autoritários que, intolerantes com quem pensa diferente, quebram vidraças, como faziam os black blocs *(felizmente sumidos das ruas, como lembra Ruth de Aquino em sua coluna na página 90)*, ou – num estado de espírito análogo – pede a volta da ditadura militar. O interesse crescente por política também despertou jovens que vão além da emoção e gostam de se aprofundar no tema. Estão nessa categoria Matheus, que estuda políticas públicas na faculdade, e Michelle, que frequenta cursos sobre o assunto.

A visão política de Matheus e Michelle se aproxima mais da política como ela é – e como, um dia, pode voltar a ser no Brasil. Um espaço de discussão em que as visões tendem ao centro. Em democracias maduras, costumam predominar ideias social-democratas, de esquerda, de um lado – e de outro, à direita, liberais



DIREITA
Protestos em São Paulo no dia 16 de agosto. Eles querem o fim da corrupção

(leia artigo de Fernando Schüler a partir da página 56). E a discussão se dá em torno de dois pontos inegociáveis. Um deles, por definição, é a própria democracia. O outro é a responsabilidade fiscal. Um governo que quebra um país está fadado ao fracasso, seja ele de direita ou de esquerda – como provou a aventura recente na Grécia, que culminou com a renúncia do ministro Alexis Tsipras.

Nesse ambiente, grosso modo, a direita defende o corte de impostos – e, consequentemente, de benefícios –, propondo, em troca, uma economia mais pujante que possibilite a inclusão social. A esquerda não se incomoda em pagar impostos, desde que o cidadão receba benefícios em troca, no que se convencionou chamar de Estado de bem-estar social. Entre essas duas posições existem infinitas nuances, que têm a ver com a quantidade de impostos que cada sociedade topa pagar e que tipo de benefícios os cidadãos querem receber. Independentemente dos impostos e dos benefícios, o orçamento tem de fechar no final. Não se aceita que a conta seja empurrada para a população mais pobre ou para as gerações seguintes, em forma de inflação ou juros altos.

As visões políticas de Michelle e Matheus estão em sintonia com o que acontece no mundo – e também com a maioria dos brasileiros que, conscientemente ou intuitivamente, rejeita posturas mais radicais. Michelle e Matheus não se identificam com os "loucos de passeata" que satisfazem o apetite por exotismo das redes sociais. Tanto que se apressam em dizer que fazem parte da "nova esquerda" ou "nova direita". No final do século passado, como lembra Michelle, o discurso liberal passou a enfatizar cada vez mais o que um regime de liberdade econômica pode fazer pela porção mais carente da população. A então primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher cunhou o termo "capitalismo dos pobres" para retratar essa realidade. Filha de um quitandeiro, Thatcher realmente fomentou o empreendedorismo de sua gente.

À esquerda, a mudança não foi apenas de discurso. Nos tempos em que se ▶

Fotos: Daniel Teixeira/Estadão Conteúdo e Cris Faga/Fox Press Photo

acreditava em revolução comunista, os esquerdistas achavam que podiam ignorar a realidade econômica. A partir dos anos 1980, tornou-se claro que um Estado de bem-estar social só fica de pé numa economia bem administrada, como lembra Matheus. O maior propagandista dessa mudança foi outro primeiro-ministro inglês, Tony Blair. Tornou-se corriqueiro que economistas de corte liberal tomassem parte em governos social-democratas, levando junto suas métricas para aferir a eficiência de programas sociais. Os mandatos de Thatcher e Blair tiveram suas polêmicas, mas se estabeleceram como referenciais de governança virtuosa à direita e à esquerda.

No Brasil, esse debate acabou viciado pelo populismo. Em 1988, os representantes que elegemos promulgaram uma Constituição que previa um Estado social-democrata – muitos benefícios para todos, que só seriam possíveis com impostos altos e uma reforma do Estado *(leia entrevista com Mansueto Almeida a partir da página 58)*. Somos, assim, por determinação constitucional, um país "de esquerda". O primeiro governo eleito democraticamente, de Fernando Collor, pouco avançou na construção do prometido bem-estar. Em seus dois mandatos, o presidente Fernando Henrique Cardoso combateu a crise econômica que se expressava na forma de uma inflação altíssima e deu os primeiros passos para implantar o Estado social-democrata, investindo principalmente em educação.

O primeiro governo Lula ampliou o investimento social, implantando, entre outras coisas, os programas de transferência de renda mínima para a população mais pobre (Bolsa Família). Em algum momento do segundo governo Lula o pilar da responsabilidade fiscal se perdeu. O resultado é a crise econômica que vivemos hoje. "Ocorreu uma crescente piora do ambiente macro, com crédito subsidiado para setores selecionados, maior proteção ao comércio exterior, agravamento da trajetória fiscal e concessão de benefícios tributários privilegiando uns, às expensas dos demais", diz o economista Marcos Lisboa, diretor do centro de ensino universitário Insper e integrante da equipe do governo Lula entre 2003 e 2006.

MODERADOS DIALOGAM,

Moderados conversam e aprendem com as experiências do campo ad

Barack Obama
ESQUERDA MODERNA

Pode parecer estranho classificar de esquerdista um presidente dos Estados Unidos, país que defende valores de livre mercado. E é. Mas Obama tenta aumentar a proteção social. Sua principal bandeira é a ampliação da saúde pública. Também atuou para disciplinar atividades bancárias e controlar emissões poluentes das indústrias





Fidel Castro
ESQUERDA RADICAL

Em nome de uma revolução socialista, Fidel instaurou em 1959 um regime autoritário que perdura até hoje em Cuba. Perseguiu oponentes, nunca permitiu eleições para presidente e promoveu a censura. Os cubanos têm indicadores de saúde e educação acima da média na América Latina, mas muitos preferem, quando podem, fugir para os Estados Unidos

MITOS SOBRE A ESQUERDA ...

O casamento gay é bandeira da esquerda?

Nos Estados Unidos, causas relativas aos direitos civis, como o casamento gay, são bandeira do Partido Democrata, que está à esquerda do Partido Republicano. Na Inglaterra, na era Tony Blair, os Trabalhistas abraçaram de forma efetiva a causa gay. As pesquisas mostram, no entanto, que o conservadorismo na área de costumes é uma causa em decadência. Principalmente o casamento gay, que é amplamente aceito entre a juventude. Nas eleições deste ano, o conservador David Cameron se declarou favorável a uniões gays.

A esquerda não tem responsabilidade fiscal?

O sueco Olof Palme é tido como fundador da social-democracia – cuja raiz é de esquerda. Segundo ele, é preciso sensatez na execução de qualquer política de bem-estar social, para evitar o desperdício dos impostos elevados que essas políticas exigem – e são cobrados de todos os cidadãos. O princípio da responsabilidade fiscal com oferta de benefícios tem, entre seus defensores, o economista Marcos Lisboa, presidente do Insper. Para Lisboa, um Estado endividado – caso do Brasil atual – tem dificuldade para executar ações sociais.

RADICAIS TROMBAM

versário. Radicais acham-se inimigos inconciliáveis – mas são parecidos



Espera que o governo cobre o mínimo de tributos e abra espaço à livre-iniciativa. Sabe que a oferta de oportunidades iguais a todo cidadão exige boas políticas públicas, no mínimo, em educação

Busca cegamente a liberdade de mercado e ignora distorções. Ao defender um Estado omisso, deixa de lado a igualdade de oportunidades

Sob o argumento de enfrentar a esquerda (ou outro inimigo), ataca a democracia. O viés autoritário acaba por minar a liberdade individual, que deveria defender. O resultado são ditaduras parecidas com as da esquerda radical

Angela Merkel

DIREITA MODERNA

Também pode ser estranho falar de Angela Merkel como direita numa Alemanha repleta de benefícios sociais. E é. Mas a chanceler, que cresceu na Alemanha Oriental comunista antes da unificação, se vale da responsabilidade fiscal para defender o Estado de bem-estar social alemão. Vem impondo medidas de ajuste nos gastos na Zona do Euro no intuito de defender os benefícios sociais de seus eleitores



Augusto Pinochet

DIREITA RADICAL

Em nome de evitar uma tomada socialista no Chile, Pinochet derrubou o presidente eleito Salvador Allende no 11 de setembro de 1973. Perseguiu, torturou e matou milhares de pessoas, num dos regimes mais bárbaros do continente. Deixou uma economia de mercado vibrante, mas os cidadãos sofrem até hoje com memórias traumáticas da repressão

...E SOBRE A DIREITA

Privatizações são de direita?

A esquerda que emergiu após a queda do Muro de Berlim é afeita à ideia de um Estado eficiente, que se vale de estratégias de mercado para cumprir seu papel social. O exemplo brasileiro ocorreu durante a administração do tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB), inspirado na esquerda europeia pós-queda da URSS. A lógica era que o Estado deveria abrir mão de tarefas acessórias, como administrar empresa de telefonia (deficitária) ou cuidar de fábrica de aviões (como a Embraer), para cuidar melhor, por exemplo, das áreas de saúde e educação.

Valores religiosos são características da direita?

Não necessariamente. É verdade que a história da esquerda está ligada a ideias antirreligiosas. Depois da Revolução Russa – de esquerda – no início do século passado, os bolcheviques deram vida à máxima do filósofo Karl Marx, de que a religião é o ópio do povo. Do século passado para cá, porém, surgiram outras experiências de esquerda ligadas à religião. Caso da América Latina, onde emergiu a luta contra injustiças econômicas, políticas e sociais – bandeira da Teologia da Libertação ou a revolução de Sandino, um católico, na Nicarágua.

Os erros de política econômica do segundo mandato de Lula e do primeiro mandato de Dilma Rousseff, no entanto, acabaram travestidos de virtudes durante a campanha eleitoral de 2014. A propaganda política vendeu a agenda de centro-esquerda que o Brasil adotou nos dois governos de Fernando Henrique e no primeiro governo de Lula como “neoliberalismo” ou “defesa dos ricos”. Já a má gestão econômica de Dilma, uma espécie de nacional-desenvolvimentismo de pé-quebrado *(leia Nossa Opinião a partir da página 30)*, foi vendida à população como “defesa dos pobres” e “defesa do emprego”. A estratégia era desqualificar o PSDB, pespegando-lhe o rótulo de “direita” – que, no Brasil, ainda é tabu. A reação antipetista foi proporcional – e a soma de intolerâncias transforma o debate atual num Fla-Flu improdutivo.

Nem tudo, no entanto, é Fla-Flu. No ambiente vibrante da democracia brasileira surgem também propostas concretas. Na área da social-democracia, os economistas Marcos Lisboa, Samuel Pessoa e Mansueto Almeida lançaram, recentemente, o estudo *O ajuste inevitável* – uma espécie de agenda para atualizar o projeto de esquerda liberal que os governantes brasileiros implantaram como resposta à Constituição de 1988. Do outro lado, movimentos de direita como os citados por Michelle – além de entidades com presença nas ruas, como o Vem Prá Rua – tocam seriamente numa questão que sempre foi tabu no Brasil: o corte de impostos para dinamizar a economia. Outra inovação desses movimentos é que eles se assumem como de direita – num país em que, em parte por causa da ditadura militar, a palavra “direita” ainda é quase um palavrão. Os termos “petralha” e “coxinha” são boas piadas num país onde, felizmente, o humor faz parte da política. Mas são também um jeito de desqualificar quem pensa diferente. Uma discussão em que ninguém seja demonizado é essencial para que gente como Michelle e Matheus possa conversar – e para que a democracia brasileira possa trocar o populismo pela discussão inteligente. ◆

Com *Gabriel Lellis, Marcos Coronato* e *Vinicius Gorczeski*

ESQUERDA (

Como essas ideologias surgiram, o que pregam para resolver o

Leandro Loyola e Vinicius Gorczeski

O discurso de um lado diz: "O pessoal da esquerda, no fundo, não passa de comunistas que querem transformar o Brasil num regime autoritário como a Venezuela". O do outro retruca: "A turma da direita é herdeira das elites escravocratas e defenderia um golpe militar para proteger as elites". O Brasil parece hoje mergulhado numa divisão ideológica

BENEFÍCIOS...
Maximilien Robespierre, um dos líderes da Revolução Francesa. Ele pregava igualdade, liberdade e democracia

AS ORIGENS D

ESQUERDA

Na Revolução Francesa, no século XVIII, durante os debates da Assembleia Nacional Constituinte, uma ala radical buscava distribuição de terras improdutivas e o fim das regalias dos nobres e ricos. A outra ala, conservadora nos costumes, defendia os privilégios. A ala radical se sentava à esquerda do presidente da Assembleia. Os conservadores, à direita. No fim, a ala da esquerda se impôs e derrubou a lei que isentava os mais ricos de pagar impostos. Era o início da declaração dos direitos do homem e do cidadão. Mais tarde, o filósofo alemão Karl Marx e outro filósofo, Friedrich Engels, defenderam uma revolução para mitigar o que consideravam uma exploração dos industriais e comerciantes contra o trabalhador pobre. As tentativas de pôr em prática essa ideia na Rússia, em Cuba, na China e na Coreia do Norte terminaram em regimes ditatoriais. Com a queda do Muro de Berlim, surgiu uma nova esquerda, democrática, que sabe que só com a administração competente do capitalismo é possível gerar recursos para distribuir benefícios sociais.

OU DIREITA

s problemas sociais e quem as representa na política brasileira

onde predominam o ódio e a ignorância. É o que se vê nos discursos inflamados nas manifestações de todos os matizes políticos. É o que se lê nas redes sociais. Para reduzir um pouco da incompreensão e estimular o debate, elaboramos um breve resumo das origens, do pensamento, das boas intenções sociais e da face política brasileira da esquerda e da direita.

O PENSAMENTO

DIREITA

A origem da direita está ligada ao liberalismo, ao livre mercado e à preservação dos direitos individuais. Uma de suas bases fundamentais está no tratado de moral *A riqueza das nações*, no qual o filósofo escocês Adam Smith postula que a liberdade de mercado faz com que as pessoas, ao buscarem naturalmente o melhor para si, produzam mais e melhor. Em um ambiente de livre concorrência, essa busca individual resultará em maior eficiência, preços mais justos e mais benefícios a todos. No século passado, distorções dos ideais de direita desembocaram em totalitarismo, como o fascismo italiano. No mundo contemporâneo, a direita está associada à revolução promovida, nos anos 1980, pelo ex-presidente americano Ronald Reagan e pela ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Eles privatizaram empresas estatais, desregulamentaram a economia e deram impulso ao livre mercado – além de mostrar claramente que o liberalismo podia trazer oportunidades para a população mais pobre.

Fotos: Hulton Archive/Getty Images



...DE OPORTUNIDADES **Adam Smith, principal teórico do liberalismo econômico. Ele escreveu que a liberdade individual gera inovação e eficiência, com ganhos para toda a sociedade**

ESQUERDA

O QU
VISÃO M

A esquerda moderna, que emergiu depois da queda dos regimes da URSS e da Europa socialista, aderiu aos dois consensos básicos da governança moderna no Ocidente – democracia e responsabilidade fiscal. Ela procura criar um bom ambiente de negócios para gerar recursos para o gasto social. O político sueco Olof Palme é considerado um dos fundadores da social-democracia. Dizia que um regime ideal estimula um capitalismo vibrante para criar oportunidades, ao mesmo tempo que o Estado garante serviços de qualidade. Sua frase famosa é: "É preciso engordar o carneiro do capitalismo, para depois tosá-lo".

O estudioso inglês Anthony Giddens deu a essa nova esquerda o nome de "Terceira Via". Nos anos 1990, Giddens apontou o primeiro-ministro britânico Tony Blair, o presidente americano Bill Clinton e o brasileiro Fernando Henrique Cardoso como exemplos dessa nova visão social-democrata. Ele estendeu a classificação ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu primeiro mandato.



CONFORTO **Uma família no Parque Legoland, na Dinamarca. O país tem os maiores impostos do mundo (49% do PIB), mas os serviços de educação, previdência, seguro-desemprego e saúde garantem segurança e vida tranquila**

O QUE PODE
INCLUSÃ

O pensamento central é que a riqueza precisa ser bem distribuída na sociedade. Para isso, usam-se recursos do Estado para melhorar a qualidade de vida das pessoas, em especial dos mais pobres. A política de esquerda se caracteriza por impostos altos – com benefícios distribuídos com inteligência e critério. A Inglaterra reduziu a oferta de benefícios da previdência. Em troca, investe no serviço universal de saúde de qualidade e gratuito. Não existe Estado de bem-estar social que forneça tudo a sua população de graça, e o melhor exemplo são as economias capitalistas dos países nórdicos. Na superprotetora Dinamarca, a taxa de impostos chega a 49% do PIB. No Brasil, os impostos também são altos: 34% do PIB. Mas aqui os serviços públicos não satisfazem os cidadãos.

REPRESENTAÇ
NO BRASI

Praticamente todos os partidos políticos brasileiros com chance de vencer eleições majoritárias são de esquerda ou se dizem de esquerda. Isso ocorre porque a ditadura militar brasileira, que matou e torturou, era uma ditadura "de direita" – embora na economia fosse "de esquerda", com viés fortemente estatizante. Marxistas de São Paulo que frequentavam os mesmos bares e as mesmas festas fundaram o PT e a ala esquerda do PMDB – que depois se tornou uma dissidência dentro do partido e adotou o nome de PSDB. Uma dissidência ecológica do PT fundou o PV, onde se formou Marina Silva. Os três principais candidatos que concorreram às eleições presidenciais no Brasil se definiam como de esquerda ou centro-esquerda: Dilma Rousseff, Aécio Neves e a própria Marina. No meio acadêmico existem dois tipos de esquerda. Uma sente saudades do nacional-desenvolvimentismo dos anos 1970. A outra se dedica ao estudo de como tornar as políticas públicas mais eficientes e como viabilizar um Estado de bem-estar social. Fazem parte desse contingente economistas liberais como Ricardo Paes de Barros, um dos criadores do Bolsa Família.

DIREITA

E É A
ODERNA

A o longo do século XX, a direita perdeu para a esquerda a guerra da propaganda. Os intelectuais mais influentes do mundo eram de esquerda e criaram a falsa ideia de que a direita defenderia “os ricos” e a esquerda “os pobres”. Ninguém é contra defender quem mais precisa – daí vem a hegemonia da esquerda na propaganda, apesar de ditaduras como a da União Soviética. Essa situação começou a mudar nos anos 1980, com os governos de Ronald Reagan nos Estados Unidos e Margaret Thatcher na Inglaterra. Thatcher sabia que não bastava cortar gastos e impostos. Era necessário provar à população mais pobre que essa política favorece quem se esforça para melhorar de vida. Hoje se sabe que é ingênuo dizer que uma ideologia está a serviço dos “pobres” e a outra dos “ricos”. Entre os países que mais melhoraram a vida da população carente estão nações “de direita”, com impostos baixos e cultura empreendedora, como a Austrália e o Vietnã (que, paradoxalmente, chama a si próprio de “República Socialista”).



DINAMISMO
Escritório compartilhado por empreendedores no Vale do Silício, nos Estados Unidos. Impostos baixos e nenhuma obrigação trabalhista facilitam a criação de empresas, que criam oportunidades e riqueza

FAZER PELA
O SOCIAL

O pensamento central é que, se o Estado não atrapalha, a riqueza da sociedade cresce. Cresce tanto que os mais ricos faturam e os mais pobres melhoram de vida. A tarefa de fazer a inclusão social cabe mais ao cidadão, por seus próprios esforços. Para a direita, não pode haver desigualdade de oportunidades. Adam Smith já defendia que o Estado deve proporcionar serviços básicos de qualidade – como educação, saúde e segurança. Todos devem ter os mesmos direitos e um ambiente no qual a burocracia não atrapalhe os esforços individuais. Isso significa cobrar menos impostos, para que a riqueza gerada pela população fique com ela mesma. Governos de direita também cobram impostos altos sobre heranças, como uma forma de evitar a perpetuação de dinheiro nas mãos de poucos.

ÇÃO POLÍTICA
L DE HOJE

N o Brasil, a rigor, a direita não chegou à política partidária. No máximo, foi influenciada no século passado por pensadores como o diplomata e sociólogo José Guilherme Merquior e o economista e ex-ministro Roberto Campos. Não existem hoje partidos de direita com representação no Congresso Nacional. Não vale citar os Democratas (DEM) e o Partido Progressista (PP), que dizem abrigar políticos conservadores. Na prática, o PP é um aliado do PT no governo federal desde o primeiro mandato do presidente Lula (2003-2006) e boa parte de sua bancada endossou a política econômica praticada pela presidente Dilma Rousseff – que pode ser tudo, menos liberal. Os Democratas se mantiveram na oposição, mas é difícil que algum de seus integrantes se declare “de direita”, devido ao preconceito associado ao termo. A pequena militância de direita no Brasil vem de jovens oriundos de instituições como o Instituto Millenium e o Instituto Liberdade, que pregam a crença no livre mercado e num Estado enxuto. Existem também pequenas iniciativas como o Partido Novo, do engenheiro carioca João Amoedo. A falta de uma direita com representatividade é ruim para o debate democrático no Brasil.

Fotos: MyLoupe/UIG via Getty Images e Ramin Talaie/Corbis



ARCO-ÍRIS **Manifestação pró-casamento gay em Brasília. Será que todos eles são de esquerda?**

A CONFUSÃO DAS DUAS PALAVRINHAS

Democracias maduras tendem a opor posições social-democratas e liberais, com uma ampla base de consenso. Talvez seja esse o futuro do Brasil

Ainda me lembro da noite fria de Porto Alegre, num inverno qualquer dos anos 1980, em que aplaudi o velho líder comunista Luís Carlos Prestes. Não tenho bem certeza se eu, ou aquela plateia toda, sabia bem o que era o comunismo. Provavelmente não. Mas não importava. Ele vinha do exílio. Havia sido perseguido pela nossa ditadura. Era um dos heróis que aprendíamos a admirar, na faculdade. E era de esquerda.

Retratos do Brasil, no final do século passado. Não importava que o Muro de Berlim houvesse caído, que o mundo vivesse a era de Thatcher, Havel ou Lech Walesa e da abertura liberal. Por aqui, os heróis andavam para o outro lado.

Não havia como ser diferente. Tratava-se de uma herança do regime militar. O conceito de "direita", na redemocratização, veio com um estigma incontornável. Por muitos anos, nenhum político brasileiro, com alguma perspectiva, e muito poucos intelectuais públicos assumiram o rótulo. Fomos um país de uma esquerda autodesignada e uma direita inexistente.

Daí porque a dicotomia, por estes trópicos, perdeu inteiramente o sentido. Tornou-se, quando muito, um exercício de adjetivação. Argumento *ad hominem*, um xingamento, feito aqui e ali, ao sabor da conjuntura. Fernando Henrique e Bresser Pereira, notáveis sociais-democratas, foram tidos como próceres da direita. Exercício de banalização, tedioso, repetitivo, mas por algum tempo eficiente, no dia a dia da política.

Falar em esquerda e direita ainda faz sentido nos dias de hoje? Talvez tenha sido de Norberto Bobbio, nos anos 1990, a última tentativa de dar alguma dignidade à dicotomia. Em seu livro *Direita e esquerda*, sugeriu que a chave para compreender suas diferenças residia na ênfase – maior ou menor – na ideia da igualdade. A esquerda, dizia Bobbio, tende a perceber os homens como "mais iguais que desiguais", e vice-versa.

Bobbio foi um intelectual de grande sofisticação, mas havia problemas evidentes em sua definição. O primeiro era desconsiderar que é o argumento liberal que supõe exatamente a tese de que os indivíduos são "mais iguais do



AMARELOS **Passeata contra o Uber no Rio de Janeiro. Se o Uber é de direita, os taxistas são de esquerda?**

que desiguais". É a igualdade "de fato", inspirada nas ideias do filósofo inglês Thomas Hobbes, que dá sentido às ideias de competição, mérito e responsabilidade individual, tão caras ao que Bobbio identifica como uma posição de "direita".

Outro problema era a suposição de que a sociedade ou a política possam ser reduzidas a "dois lados". A tese de que tudo o que é pensado por todas as pessoas, em nossas democracias, possa ser empacotado em duas palavrinhas. Temas de eficiência do Estado ou qualidade da vida urbana. Demandas ambientais ou comportamentais. O casamento gay seria de esquerda? Evangélicos são de direita, então? Liberais não conservadores seriam de esquerda, pela mesma lógica? E a liberação do Uber, seria uma bandeira de direita? É o livre mercado, não? Perfeito, mas então os taxistas são de esquerda? Quem sabe. Quem sabe é apenas confusão. A confusão das duas palavrinhas.

A insistência na dicotomia esquerda e direita obscurece o espaço para o consenso, tão caro e cada vez mais evidente, nas democracias maduras. No Brasil, por exemplo, a estabilidade econômica seria de esquerda ou de direita? E a disciplina fiscal? Gastar dinheiro que não existe seria um problema ideológico? Garantir acesso universal ao ensino básico. Alguém discorda? E programas como o ProUni? Fora alguns militantes sindicais, alguém é contra? E a ética pública? Feita a devida reflexão, vamos descobrir que há mais espaço para consenso do que dissenso, em nossa democracia. Que a sociedade é feita de muitos lados e que a maior parte das questões em jogo, no mundo real das políticas públicas, passa longe da velha demarcação ideológica.

Talvez seja essa a melhor lição que podemos tirar da grande crise existencial em que o país se encontra. O Brasil obteve grandes sucessos quando conseguiu, nestas últimas décadas, avançar em alguns consensos. Quando o país saiu às ruas, na campanha das diretas, e pôs fim ao ciclo militar; quando foi intransigente com a corrupção, no impeachment do Presidente Collor; quando implementou o Plano Real, reafirmado, anos depois, em seus fundamentos, pelo então candidato Lula, na Carta ao Povo Brasileiro. Houve consenso em torno dos grandes programas sociais, como o Bolsa Família, e mais recentemente sobre a importância da plena liberdade de imprensa, como um valor definidor da nossa democracia.

Há razões para o otimismo. Quem sabe a falência do modelo da "nova matriz econômica", tentada na segunda parte do governo Lula e na gestão da presidente Dilma, possa gerar um consenso definitivo em torno da responsabilidade fiscal no Brasil. É possível imaginar muitas coisas. Em muitas democracias maduras, o debate político tende a opor posições social-democratas e liberais, com uma ampla base de consenso, em torno de valores republicanos. Talvez seja o destino do Brasil.

Apenas não vejo nele um papel relevante para os conceitos de esquerda e direita. Não vejo sentido em manchar as primeiras luzes de um novo dia com os velhos fantasmas da noite. ◆



Fernando Schüler é filósofo, curador do projeto Fronteiras do Pensamento e professor do Insper, em São Paulo

Fotos: Jamil Bittar/Reuters e Paulo Campos/Ag. O Globo

MANSUETO ALMEIDA

“Governo de esquerda também pode privatizar”

O economista afirma que governos interessados em fazer gastos sociais, como em educação e saúde, têm de ser os mais responsáveis com as contas públicas

Vinicius Gorczeski

Mansueto Almeida considera-se um economista de esquerda – afinal, acha que o Estado tem papel importante na distribuição de renda. Além disso, colabora com outros pesquisadores brasileiros para aferir resultados de políticas sociais adotadas em outros grandes países em desenvolvimento. Mesmo assim, tem amigos que o consideram de direita. “Eles acham que sou de direita, eu pendo mais à esquerda, e não vejo problema nenhum nisso”, diz, rindo. Mansueto é rotulado como “de direita” por ser crítico contumaz da gastança de verba pública para incentivar grandes empresas brasileiras. A prática ganhou força no segundo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, sob pretexto de combater os efeitos da crise econômica global de 2008, e disparou no primeiro governo de Dilma Rousseff. Mansueto associa essa visão à “esquerda atrasada da década de 1950”. Ela obstrui o crescimento econômico e prejudica a inclusão social dos mais pobres. E se opõe aos ideais social-democratas de países avançados, como o Reino Unido, onde se sabe que investir mais num sistema universal de saúde exige que o governo atente para os limites do orçamento e deixe de gastar em alguma outra coisa. Esse tipo de discussão, que tem como pilar a responsabilidade fiscal, é distorcido e mal interpretado no Brasil.

ÉPOCA – Nossa atual Constituição é de esquerda?
Mansueto Almeida – Nossa Constituição é muito mais de esquerda, pois tem uma preocupação em prover um Estado de bem-estar social. No governo FHC, quando você tem o Plano Real no primeiro mandato e as reformas estruturais no segundo, a agenda social foi muito forte. A Constituição estabelece, por exemplo, um Sistema Único de Saúde com atendimento integral, universal e gratuito. Nossa Constituição tem claramente essa agenda de esquerda, de bem-estar social. Entretanto, há também uma segunda agenda, baseada não no pensamento de esquerda, mas sim na agenda do nacional desenvolvimentismo da década de 1970 pautada pelos militares. Isso começou com menos força em 2004 no governo Lula, com uma política industrial que respeitou a restrição orçamentária. A partir de 2008, houve o crescimento de uma agenda intervencionista com uma política setorial de subsídios. O Estado passou a manter recursos tanto para a agenda social quanto para a setorial. Em países como a China, por exemplo, se faz política setorial, mas com pouca política social. Por gastar tanto com o social, financiado com o orçamento, o Brasil não tem recursos para o setorial.

ÉPOCA – Essa rede de proteção social inexistia antes de 1988?
Almeida – Praticamente inexistia. Até 1988, havia restrições, como a aposentadoria rural, que não era tão simples de conseguir. Os gastos com educação e saúde também eram muito limitados. Na década de 1970, só acessava a saúde pública quem tinha Carteira de Trabalho. Isso mudou. A rede de assistência social ampla que vemos hoje é algo surgido apenas após a Constituição.

ÉPOCA – Como a crise de 2008 mudou o perfil do governo?
Almeida – Do ponto de vista social, não houve mudanças, pois houve uma continuidade do que já vinha sendo ▸



LUZ NO DEBATE
Mansueto em casa, em Brasília. O populismo no Brasil distorce o debate entre esquerda e direita

Foto: Adriano Machado/ÉPOCA

feito nos gastos sociais. As agravantes foram as políticas setoriais atreladas ao aumento de conteúdo *(industrial)* nacional, como buscar desenvolver a cadeia da indústria naval e dar subsídios ao setor automobilístico. Toda essa agenda nacionalista com foco na indústria tem apoiadores de direita e de esquerda. Quem defende essa agenda, por exemplo, são os empresários.

ÉPOCA – Por que o debate entre esquerda e direita no Brasil é tão diferente do travado nas democracias avançadas?
Almeida – Há um problema de falta de informação. É um debate em que os partidos que eram identificados com a esquerda e defendiam o social também são os defensores dessa agenda intervencionista.

ÉPOCA – O debate nacional desenvolvimentista distorce o debate de direita e esquerda no Brasil?
Almeida – O governo tem o direito de fazer política industrial. Vários governos fazem e em alguns casos têm até recursos específicos para isso. A questão é o exagero que se fez no aumento do endividamento por meio de um pensamento de "quanto mais subsídios, maior o retorno". Isso deixou uma dívida grande que não conseguirá ser paga em décadas. Os empréstimos para o BNDES, por exemplo, que correspondem a 10% do PIB, só vão começar a retornar para o Tesouro em 2040. Os erros dos últimos anos que levaram ao crescimento da dívida bruta foram erros de política econômica, e não problemas de estrutura. Essa situação de desequilíbrio do *deficit* primário aconteceu porque o governo gastou muito mais do que podia, criou vários novos programas e expandiu a dívida para dar subsídios.

"Dilma adotou a agenda de incentivo *(a empresas)*. Isso não coube no Orçamento e prejudicou o social"

ÉPOCA – É o que ocorreu no primeiro governo de Dilma Rousseff?
Almeida – O primeiro governo Dilma tentou fazer agenda social, mas ao mesmo tempo pegou uma agenda de incentivo que não cabia no orçamento do Estado, prejudicando o social. O salário mínimo real, por exemplo, cresceu 150% entre 1995 e 2013. Agora, nos próximos anos, esse crescimento real será próximo de zero, mesmo na regra atual.

ÉPOCA – Quem se beneficia com uma política de responsabilidade nas contas públicas?
Almeida – Todos se beneficiam. Se um país tem maior responsabilidade fiscal e a dívida e os juros estão caindo, temos várias benesses. Se a inflação está em níveis razoáveis, a tendência é os juros ficarem menores em longo prazo. Com essa segurança, o país fica mais bem posicionado para atrair dinheiro externo. Quem consegue controlar a dívida e fazer uma economia fiscal razoável beneficia tanto a esquerda quanto a direita, pois o clima de negócios vai ser melhor, os juros serão menores e vai haver mais espaço para expandir outros programas, como foi o caso do primeiro governo Lula. O problema hoje é que a tentativa de ajuste fiscal não tem conseguido nem entregar o que prometeu. Quando comparamos com o ano passado, o ajuste fiscal diminuiu. A economia no primeiro semestre deste ano foi muito menor do que no primeiro semestre do ano passado. No primeiro semestre do ano passado o *superavit* primário *(o saldo das contas do governo, antes do pagamento de juros)* foi de R$ 19 bilhões. Neste ano, foi de apenas R$ 1 bilhão.

ÉPOCA – Por que as privatizações no Brasil são consideradas de direita?
Almeida – Acho que essa distorção piora o debate. Se você privatiza um serviço que tem uma tarifa com que os pobres não conseguem arcar, então você deve subsidiar o acesso dos pobres ao serviço. Há uma visão muito velha da esquerda ligada ao socialismo quando você diz, por exemplo, que o Estado tem de ser o dono das comunicações ou dos portos. Uma visão da década de 1950, relacionada à propriedade dos meios de produção. Querer ter um discurso de esquerda como esse é um grande equívoco hoje. E aí vem a crítica à privatização. O que importa para o Estado é ter o dinheiro para gastar com áreas essenciais como saúde, educação e distribuição de renda. Isso vai depender da capacidade do Estado de tributar. Na Venezuela, todas as companhias internacionais de petróleo foram expulsas, e com isso a produção caiu e o Estado não teve receita para financiar os programas sociais. Uma saída que poderia ter sido adotada era não a estatização delas, e sim a taxação, mais alta. Essa visão de esquerda atrasada que se manifesta principalmente na Argentina e na Venezuela é uma agenda que não leva ao desenvolvimento. Na Inglaterra, o debate está dizendo que determinados programas não essenciais devem ser cortados e outros não. A saúde lá é pública e é mais universal do que no Brasil. O orçamento para eles é tão importante que não se estabelece uma regra de gastos. Se pensa muito mais em responsabilidade fiscal do que aqui.

ÉPOCA – O senhor é de esquerda ou de direita?
Almeida – Eu me considero mais de esquerda do que de direita, pois acredito muito que é papel do Estado fazer distribuição de renda. Políticas de educação básica e incentivo ao ensino fundamental e médio são papel do Estado, e ele precisa fazer o melhor possível nessas duas áreas. Apesar de me considerar um cara de centro-esquerda, eu não comungo com essa agenda de incentivar muitos setores a fechar os olhos para o equilíbrio fiscal. Somos um país emergente e ainda temos de ser muito responsáveis no trato dos recursos públicos. A agenda de esquerda brasileira tem dificuldades de entender essa ideia. Muitas vezes essa esquerda quer aumentar os gastos, mas não quer fazer reformas da previdência ou discutir quem vai pagar a conta. ◆

Eles não curtem o Facebook

Produtores de vídeo on-line estão incomodados com a omissão da rede social em combater os piratas de conteúdo

Rafael Ciscati

Houve um tempo em que o comediante Felipe Neto conquistava desafetos entre os ídolos adolescentes. Um tanto verborrágico em seu canal no YouTube, criado em 2010, Neto chamou as fãs do cantor Fiuk de retardadas e ganhou notoriedade achincalhando a série de filmes *Crepúsculo*. A estratégia de metralhadora deu certo. Neto ganhou audiência, dinheiro e fundou a Paramaker – uma rede brasileira que reúne 5 mil canais do YouTube. São os youtubers – pessoas que produzem vídeos e que ganham dinheiro com publicidade. Em nome dessas pessoas, Neto arrumou um poderoso rival: o Facebook.

Neto encabeça, no Brasil, o protesto de um grupo de youtubers insatisfeitos com a conduta do Facebook. As reclamações deles se repetem em todo o mundo: seus vídeos, que demandam tempo e dinheiro para ser feitos, circulam de graça pela rede em versões pirateadas. O Facebook não consegue conter o problema. "O Facebook tem completo descaso pelo nosso trabalho", diz.

A bronca é a seguinte: um internauta faz o download de um vídeo do YouTu-



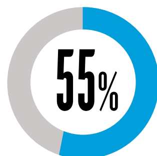
CAÇA-PIRATAS **Felipe Neto comanda uma rede de youtubers que estão irados com o descaso do Facebook**



COMO OS YOUTUBERS FAZEM DINHEIRO

O YouTube divide a receita publicitária com produtores de vídeo desde 2007

A receita gerada pela publicidade é repartida



do valor vai para o criador do vídeo

Em 2013, pagava-se, em média,

US$ 7,60

para o criador a cada 1.000 visualizações

O YouTube afirma que, desde 2007, distribuiu

US$ 1 BILHÃO

em receita a parceiros com vídeos copiados

be, produzido por um desses criadores. Sem dar o crédito, republica o material no Facebook como se fosse seu. Esse tipo de pirataria incomoda porque quem produz conteúdo perde o controle sobre ele. O vídeo circula sem gerar curtidas na página do autor. Também são publicados no publicador do próprio Facebook sem um link que leve para o vídeo do YouTube. Eis o problema: o YouTube remunera o criador. O Facebook não. "Uma pessoa que assiste a seu vídeo no Facebook não vai querer rever no YouTube. Quando isso ocorre, você não ganha nada em troca", diz Neto. A cereja do bolo: o Facebook lucra com a pirataria. A rede exibe propaganda nos espaços próximos aos vídeos e se beneficia com a atenção que eles atraem.

As regras de conduta de usuários no Facebook condenam a prática. Os youtubers se ressentem porque, segundo eles, o Facebook faz pouco para evitá-la. "Para fazer uma queixa, temos de preencher formulários. Não há contato direto", diz Neto. "Às vezes, leva mais de uma semana para o vídeo sair do ar." Também não há mecanismo de alerta de plágio.

A pirataria de vídeos começou a gerar preocupações no ano passado, quando o Facebook passou a incentivar a publicação de vídeos em sua própria plataforma. Para isso, em resumo, a rede social passou a usar seu sistema de filtragem de conteúdo para "dar uma mãozinha" a vídeos colocados no publicador do Facebook. Se você subisse o mesmo conteúdo no YouTube e no Facebook, a rede faria com que o segundo aparecesse em mais perfis do que o primeiro. Segundo um levantamento da empresa de análise de dados Tubular Labs, dos 1.000 vídeos mais populares vistos no Facebook no primeiro trimestre deste ano, 725 eram piratas. Quem pirateia não lucra, mas atrai mais atenção. Páginas de empresas e de celebridades usam a técnica para atrair fãs.

DOS 1.000 VÍDEOS MAIS POPULARES DO FACEBOOK NO PRIMEIRO TRIMESTRE, 725 ERAM PIRATAS

No passado, o YouTube também teve dificuldades para lidar com o plágio. O site ganhou apreço entre os youtubers quando, ainda em 2007, decidiu dividir parte da receita publicitária com eles. Na mesma época, criou um sistema que verifica os vídeos para determinar se eles são cópias de material protegido por direito autoral. Se a cópia de um vídeo é publicada no YouTube, o criador do original é alertado. Ele pode pedir a remoção ou receber a receita publicitária gerada pela cópia.

O Facebook afirma que trabalha em uma solução parecida. Matt Pakes, gerente de produtos da empresa, disse recentemente que identificar cópias "envolve grande dificuldade técnica para uma operação com essa escala". Em julho, a rede anunciou que vai dividir a receita publicitária gerada pelos vídeos com alguns parceiros. Em 2015, o Facebook, uma empresa de mais de US$ 250 bilhões, diz que tem dificuldades para fazer o que o YouTube conseguiu há mais de cinco anos. Dá para entender a bronca de Felipe Neto e seus youtubers. ◆

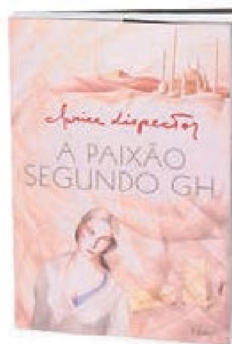
Foto: Stefano Martini/ÉPOCA



HELIO GUROVITZ

A paixão por Clarice Lispector

A imagem do Brasil no exterior sofreu um baque em tempos recentes. A crise econômica levou as agências de avaliação de risco a rebaixar nossa nota. O petrolão não sai da pauta da imprensa internacional. Dois dos maiores jornais globais, *New York Times* e *Financial Times*, discutiram em editoriais na semana passada a crise política brasileira e o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Foi-se, enfim, o encanto de país emergente. A mágica da Era Lula esfacelou-se toda – e somos agora expostos pela realidade crua de nossos limites. Em toda essa maré negativa, um fato chama a atenção: o mundo descobriu Clarice Lispector. Duas das publicações mais respeitadas pela intelectualidade americana, as revistas *New Yorker* e *Paris Review*, fizeram uma extensa cobertura do lançamento de uma nova tradução de sua obra em inglês. Resenhas positivas, nos grandes jornais americanos, começam enfim a se dar conta do valor literário de Clarice. É verdade que a imagem da cultura brasileira lá fora ainda está associada ao futebol, ao Carnaval e à musicalidade de um povo alegre e brejeiro. Ou àquele provincianismo que mistura compadres, coronéis e "questões sociais" no rame-rame medíocre que caracteriza boa parte da literatura latino-americana. Mas também temos Clarice. E ela é o oposto de tudo isso.



LIVRO DA SEMANA
A paixão segundo G.H.
Clarice Lispector

Rocco
180 páginas
R$ 31

Uma mulher atormentada, de texto considerado difícil, até metafísico. Clarice é tão diferente de tudo o que conhecemos e esperamos da literatura brasileira que a reação sempre foi colocá-la numa gaveta própria, separada dos movimentos literários que sacudiram o país, classificada sob rótulos preconceituosos como "autora feminina" ou "para poucos". Só que ninguém passa impune pela leitura de Clarice. Raríssimos, no mundo todo, são os escritores, homens ou mulheres, capazes de provocar no leitor o mesmo efeito. É possível não entendê-la, até mesmo odiá-la – mas não ignorá-la. Seu maior e mais difícil romance, *A paixão segundo G.H.*, pode ser tão perturbador que ela mesma recomenda no prefácio que seja lido apenas por "pessoas de alma já formada". "É um livro poderoso o bastante para destruir um ser humano", disse em entrevista à *Paris Review* Benjamin Moser, biógrafo de Clarice, organizador da nova tradução de sua obra para o inglês e, sem dúvida, maior responsável pela atual "onda Lispector" nos círculos literários americanos.

Se você for alguém de "alma já formada" e quiser encarar o romance, esteja preparado para ler algo como nunca leu. O enredo é banal. Uma escultora de iniciais G.H. toma café da manhã em seu apartamento no Rio de Janeiro. Decide começar a limpar a casa pelo quarto da empregada que pedira demissão na véspera. Lá, encontra uma barata que prende com a porta do armário. Ao contemplar o bicho, meio morto, meio vivo, dispara uma reflexão sobre a vida, a semelhança entre seres humanos e insetos, amor e sexo, Deus e religião. A "paixão" do título é sua via-crúcis pelos labirintos da mente humana, capaz de desnudar, estação a estação, nossos temores, nossa hipocrisia, nossos limites e nossos sofrimentos. Ela culmina com uma estranha comunhão, em que G.H., no clímax de seu devaneio, come a pasta branca que escorre do corpo da barata.

É uma narrativa visceral, intimista, de um só fôlego, com um domínio incomum da primeira pessoa. Como muitos aspirantes da literatura, Clarice pratica uma espécie de escrita espontânea, em que as palavras vão da mente ao papel numa torrente de sentimentos e ideias. Num fluxo de consciência ininterrupto, ela "põe tudo para fora". Mas, ao contrário desses aspirantes, cujas obras costumam ser um exercício sofrível de narcisismo e autocomiseração, a sofisticação e o talento de Clarice se encarregaram de produzir uma obra-prima. Seu estilo é gorduroso, cheio de desvãos e palavras que sobram (ela não revisava os textos depois de enviá-los ao editor). As ideias vêm, vão, voltam e tornam a ir embora, para mais uma vez voltar. O efeito é único. Muito escritor – ou escritora – de primeira viagem adoraria escrever como Clarice. Só ela consegue.

Judia nascida na Ucrânia, Clarice chegou com 2 anos ao Brasil, naturalizou-se e sempre se considerou pernambucana. Casada com diplomata, morou muitos anos fora do país e escreveu o romance depois de se separar do marido e voltar ao Rio de Janeiro. O livro saiu em meio ao clima tenso que vivia o Brasil de 1964. Demorou mais de 50 anos para o público brasileiro entender que Clarice Lispector é um nome que deve figurar ao lado de Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade ou Guimarães Rosa. Moser a considera também o "maior escritor judeu" desde Franz Kafka – com quem ela ainda partilha um improvável fascínio por baratas. A descoberta de Clarice pelos americanos poderá contribuir para lhe conferir o lugar merecido na literatura mundial e para revelar lá fora uma faceta inesperada e mais complexa do Brasil. ◆

Helio Gurovitz é jornalista **hgurovitz@edglobo.com.br** (e-mail)
@gurovitz (Twitter) **http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/** (web)

#aquitemconFiança

Onde tem Friboi, tem confiança. Onde tem Friboi, tem carne com garantia de origem e rigoroso controle de qualidade. A carne ideal para todos os chefs.

Veja mais em: **friboi.com.br**

Friboi
CARNE CONFIÁVEL TEM NOME.

LEW'LARA\TBWA

Coração da Alcatra
Friboi
CARNE RESFRIADA DE BOVINO SEM OSSO CORAÇÃO DA ALCATRA

Picanha
Friboi
CARNE RESFRIADA DE BOVINO SEM OSSO PICANHA



VIDA

ROMANCE URBANO

As Tinderellas da era digital

As mulheres ainda sonham em ser Cinderela. Mas agora os candidatos a príncipe se expõem nas redes sociais e o cavalo branco é o Tinder, o aplicativo de paqueras

João Luiz Vieira

Cinderela, a moça que sonha em ascender social e emocionalmente casando-se com um príncipe, é um dos arquétipos mais poderosos da humanidade e está presente em várias civilizações. Na mais popular versão do mundo ocidental, *A Gata Borralheira*, de 1697, do escritor francês Charles Perrault, o acaso ajuda – e o conto de fadas de Cinderela é realizado. Séculos depois, as mulheres continuam a sonhar com o moço encantado que vai resgatá-las de uma vida insossa.

Na era dos aplicativos, porém, há uma releitura dessa narrativa. O novo cavalo branco é o Tinder, o mais popular aplicativo de paqueras. Os príncipes agora têm perfis, hábitos, medidas e fotos expostos nas redes sociais. O baile, o sapatinho e a carruagem são carregados pela internet. A bruxa má continua a andar por aí – como sempre. A novidade é a legião de moças que assumem, sim, procurar o príncipe no Tinder: as Tinderellas, como foram batizadas.

Na era dos galanteios à moda antiga, pretendentes e alvos amorosos costumavam cumprir um ritual de sedução. Na era digital, os aplicativos servem para encurtar as preliminares. A clássica frase "tempo é dinheiro" passou a ser aplicada também ao consumo dos desejos. Os usuários do Tinder, ao navegar pelos perfis, deparam com duas possíveis escolhas: apertar o botão do coração, a ação que demonstra interesse, ou o X, que descarta a pessoa. Se o interesse é mútuo, abre-se o bate-papo e depois a sorte decide.

A atriz Luciana Caruso, de 33 anos, buscou muitos romances dessa maneira. "Entrei no Tinder, pela primeira vez, ▶



NOME
Adriana Rossatti

IDADE
38 anos

PROFISSÃO
Escritora

Adriana usa o Tinder porque o aplicativo a ajuda a se aproximar de homens mais maduros em Nova York, onde ela mora

Foto: Stephanie Diani/AP Images/EPOCA

por curiosidade, depois de ter me separado de um marido com quem vivi por quatro anos", diz. Moradora de São Paulo, Luciana chegou a investir dinheiro para ir atrás de um "príncipe" no Rio de Janeiro que parecia na medida de seu sonho. "Conversávamos 24 horas por dia. Decidi encarar", afirma.

Ao viajar, ela deixou várias amigas de sobreaviso caso algo desse errado. Ao chegar à casa do rapaz, um cirurgião plástico de 37 anos, a ansiedade pelo encontro era tanta que nem desfez as malas. "Foi meio loucura, mas fiquei na casa dele", diz Luciana. "O problema é que já no segundo dia a gente se desentendeu feio. Ele bebeu muito e ficou um clima horrível." Após deixar a casa do ex-príncipe sem sequer deixar uma sandália de tiras, Luciana diz que resolveu "pôr o pé no freio nos encontros". Mas ela continua a entrar e a sair do Tinder conforme sua situação amorosa.

A também atriz Carina Porto, de 31 anos, se deu melhor. Reticente, ela entrou no aplicativo apenas por insistência de amigas. No primeiro encontro, conheceu um rapaz que "vendia mármore em cima de uma moto". O interesse dela se esgotou nos cinco primeiros minutos. Na segunda vez em que usou o Tinder, ela conseguiu agarrar seu príncipe: o advogado italiano Giuseppe Marino, de 33 anos, com quem vai casar e de quem soube que está grávida na semana passada. "Quando disse que era atriz, ele me mandou um texto de Oscar Wilde, *A atriz*", diz Carina. "Gostei demais disso. Depois disse que estava numa peça do Plínio Marcos. Ele não só conhecia o Plínio Marcos, como sabia que ele havia morrido pobre, vendendo livros. Não dava tempo para ele ter entrado no Google, entende?" Toda essa aproximação ocorreu via celular. Pessoalmente, foram cinco horas de conversas até dormirem juntos. Uma semana depois, "por livre e espontânea pressão", ele a pediu em namoro. "Ele é meu príncipe porque não é do teatro, é hétero, espécie em extinção no meu meio, e é superinteligente", afirma. Realizada e resoluta, ela decreta: "É possível amar no Tinder".

As histórias de Luciana e Carina são bem ilustrativas de um novo comportamento das mulheres com a emergência das redes sociais, diz o antropólogo Michel Alcoforado, sócio da Consumoteca, empresa que pesquisa tendências de comportamentos e consumo. "Se antes as mulheres ficavam a vida toda esperando o 'príncipe' chegar, agora elas exploram bem os homens errados até encontrar o perfil ideal", diz Alcoforado. "As mulheres continuam na expectativa de um casamento com um príncipe encantado. A essência delas não muda. Mas, enquanto o sonho não se realiza, vão usando o Tinder para se 'divertir'."

Nem tudo, porém, é diversão para as Tinderellas. O Tinder equivale a um catálogo em que os perfis em exposição, com fotos editadas e currículos anabolizados, nem sempre correspondem à realidade. A publicitária D.E., de 38 anos, pediu para não ser identificada nesta reportagem porque "nuncaaaa deu certoooo!" no Tinder, apesar de frequentá-lo há dois anos, onde procura, de preferência, rapazes acima do peso. "Eu adoro um gordinho. Procuro um Shrek porque sou uma Fiona", diz.

D.E. diz que reencontrou, via Tinder, um antigo colega que estudara no mesmo colégio. "No começo achei superlegal, pois tínhamos a mesma educação, frequentávamos os mesmos lugares. Mas namorei exatamente só um mês, porque descobri que ele mentiu para mim", diz. "Ele se vendeu como um cara que trabalhava com mercado financeiro. Depois descobri que ele era um quebrado, filhinho de papai e não fazia nada. Foi uma decepção." Resolvida a não perder a carruagem do Tinder, ela conheceu outro rapaz, mas teve outra decepção. "Ficamos conversando um bom tempo antes de nos conhecer pessoalmente. Depois de nosso encontro, o rapaz viajou



NOME
Luciana Caruso
IDADE
33 anos
PROFISSÃO
Atriz

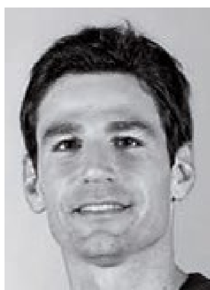
Luciana viajou para encontrar um homem que conhecera no Tinder. Decepcionou-se, mas continua a usar o aplicativo

Foto: Filipe Redondo/ÉPOCA

a trabalho por três meses e sumiu sem sequer se despedir."

Um dos problemas de procurar encantamentos nos aplicativos é que os homens brasileiros, fora ou dentro das redes sociais, tendem a manter uma característica muito comum no comportamento masculino: escapar dos compromissos sérios com evasivas. "No Brasil, acho que os caras não levam o Tinder a sério. Aqui em Nova York senti muita diferença", diz a escritora Adriana Rossatti, de 38 anos, recém-mudada para os Estados Unidos para um mestrado. Ela afirma que gosta de homens maduros. Em Nova York, segundo ela, há mais opções a seu gosto no Tinder. "Deu match *(termo usado para as combinações feitas pelo aplicativo)*, conversou um pouco, achou interessante, ele vai te convidar para alguma coisa, para poder te conhecer", afirma. "No Brasil, há muita gente procurando apenas sexo casual, e os caras parecem enrolados. Parece que não são capazes nem mesmo de marcar um café." Adriana diz, porém, não acreditar em príncipes e que não está à caça de um no Tinder. "Se alguém procura um, talvez o melhor seja começar mudando para alguma monarquia e não em um aplicativo de celular", diz.

Nenhuma das mulheres solteiras entrevistadas nesta reportagem diz estar desesperada para namorar e encontrar o homem dos sonhos. "Se não rolar, tudo bem. Pode ser no Tinder, pode ser na esquina", afirma a atriz Luciana Caruso. Mesmo com todas as conquistas obtidas pelas mulheres nas últimas décadas, a pressão exercida pela fantasia de um casamento dos sonhos, diz o psicoterapeuta Marcelo Niel, de São Paulo, continua a pairar sobre a imaginação delas. "Uma paciente minha, apesar de ter criado seus filhos sem nenhum apoio de seu ex-marido e de ter construído sozinha seu patrimônio, ainda acredita piamente numa frase dita pela mãe de que uma mulher, sem um homem ao lado, não vale nada", diz Niel. "Encontrar o príncipe é um importante desejo ainda bastante arraigado no inconsciente coletivo e na imaginação, não apenas entre as mulheres. É algo humano." O mito da Cinderela continua poderoso, fora ou dentro das redes sociais. ◆



MARCIO ATALLA

Existe alergia a exercício físico?

Tenho 32 anos, sou contador há 11 e há um ano voltei à faculdade, no curso de educação física, uma paixão antiga. Tenho gordura abdominal e estou fazendo atividades aeróbicas para emagrecer. Nos primeiros 20 minutos, sinto muita coceira na região lombar, abdominal e no interior da coxa. Isso me atrapalha. Qual é a causa dessa coceira e como me livrar dela? – Elton Orvate Miranda, Campinas, SP

Existem pessoas que têm um tipo de alergia desencadeado pelo aumento da temperatura corporal. Essa reação pode acontecer nos primeiros minutos e durar por mais de uma hora. Ou o corpo se adapta rapidamente e a alergia passa. Quando o caso é sério, pode haver necessidade de medicamentos. O melhor é consultar um médico e tentar um caminho para aliviar o desconforto. Você está recomeçando sua vida como educador físico e o movimento fará ainda mais parte de sua rotina.



NA LIVRARIA
Mais dicas sobre qualidade de vida e emagrecimento no livro *Sua vida em movimento*, de Marcio Atalla (Editora Paralela)

Sinto dores constantes na lombar. Já fui a um ortopedista e, pelas radiografias, ele disse que estava tudo bem. Tomei remédio para a dor, fiz fisioterapia, mas o incômodo continua. Devo continuar fazendo exercícios? Meu sobrepeso contribui para as dores? Tenho 1,70 metro e peso 83 quilos. – Wagner Almeida da Silva, Brasília, DF

Certamente o sobrepeso aumenta a incidência de dores e desconfortos em todas as articulações e no próprio esqueleto. O incômodo pode ser maior na coluna lombar, quando há excesso de gordura abdominal. Ela causa uma mudança na curvatura da coluna porque o peso provoca uma alteração de postura. Além do raio X, que diagnostica problemas na ossatura, recomendo fazer outros tipos de exames de imagem, como tomografia ou ressonância magnética. Eles poderão avaliar se há algum processo inflamatório grave ou crônico ou alguma deformação nos discos da coluna – até mesmo uma hérnia (quando parte dos discos vertebrais comprime nervos). A partir daí, pode-se indicar o melhor tipo de fisioterapia e de exercício físico para melhorar o desconforto e evitar que ele retorne. Algumas atividades físicas são recomendadas para fortalecer a região do core, que engloba a região abdominal, lombar e pélvica. Com essa musculatura fortalecida e a redução do sobrepeso, com atividades de baixo impacto, como ciclismo ou natação, além de uma alimentação equilibrada, você se livrará das dores e poderá continuar se exercitando. ◆

Marcio Atalla é professor de educação física e consultor do quadro "Medida certa", do *Fantástico*, da Globo.
E-mail: **matalla@edglobo.com.br**

JOÃO EMANUEL CARNEIRO

"O público de televisão parece uma criança"

O autor da próxima novela das 9 horas diz que os espectadores não são conservadores e mesmo os temas heterodoxos podem ser assimilados, se forem bem embalados

João Luiz Vieira

João Emanuel Carneiro, de 45 anos, recebeu ÉPOCA numa sexta-feira ensolarada que levou turistas a tomar espumantes na pérgula do Copacabana Palace. O autor da próxima novela da TV Globo, *A regra do jogo*, que estreará no dia 31, morou numa das suítes do hotel de Copacabana quando um de seus imóveis (não revela quantos) estava sob reforma. Ele estava, portanto, quase em casa, quando deu esta entrevista. Consagrado como o autor de dois dos maiores sucessos da TV Globo, *Avenida Brasil* (2012), vendida para 106 países, e *Da cor do pecado* (2004), 100 países, ele tem a missão de superar os baixos índices de audiência de *Babilônia*, a atração do momento na faixa das 9 horas. Mesmo contando com seis colaboradores na construção de sua narrativa, Carneiro trabalha dez horas por dia. Em *A regra do jogo*, quase todos os personagens transitam no limiar ético entre o bem e o mal – e o protagonista é um anti-herói de esquerda. Carneiro diz que se inspirou, em parte, na atual crise vivida pelo país.

ÉPOCA – Como o senhor está vendo o Brasil hoje? A crise do país está inserida em sua novela?
João Emanuel Carneiro – O protagonista Romero Rômulo *(personagem do ator Alexandre Nero)* é uma figura bastante complexa e contraditória. É um ativista social ongueiro que recupera marginalizados. Só que, apesar disso, pairam dúvidas sobre seu caráter. A novela toda trata dessa sombra, dessa dúvida sobre o caráter das pessoas. A começar pelo do protagonista. Até que ponto esse homem quer o bem dos pobres? Está se aproveitando deles? É ou não um bandido? Tem tudo a ver com este momento brasileiro. Passei por uma banca em Ipanema e as capas de revistas eram todas sobre ética, com nossos heróis de esquerda presos. Romero é de esquerda com uma ética duvidosa.

ÉPOCA – O senhor discute ética e moral com muita frequência em suas novelas. É proposital?
Carneiro – Em *A regra do jogo,* a discussão é no sentido mais abrangente e político. Por mais que não estejamos falando de pessoas reais, já que a novela fala de um microcosmo ficcional, ela reflete a realidade. O escritor tem de ter uma antena mesmo, algum tipo de percepção.

ÉPOCA – O senhor escreveu depois das manifestações de 2013? Elas o influenciaram de alguma forma?
Carneiro – A questão ética da esquerda que tomou o poder e é ou não ladra é uma questão que vem nos acompanhando há muitos anos, não é? Não diria que me motivou. Não é encomenda dessa situação. Novela é um bordado, parte de um elemento. Começou assim com o Romero. Tenho esse cara, que ninguém sabe se é bom ou se é mau. Aí tem uma mulher que é boa, Tóia *(personagem de Vanessa Giácomo)*. E tem uma que é má, Atena *(Giovanna Antonelli)*. Tóia e Atena são os dois lados de Romero Rômulo, como se fossem um anjinho e um diabinho. As duas são úteis porque ele se apaixona pela ideia de que há quem o idealize e o idolatre como herói do povo.

ÉPOCA – O senhor estreou como autor com a novela *Da cor do pecado* e a difícil missão de levantar a audiência do horário das 7 horas. Terminou com excelentes 43 ▸



O MOMENTO DO BRASIL
João Emanuel Carneiro, no Copacabana Palace, onde já morou. "Criei um anti-herói de esquerda com uma ética duvidosa"

Foto: Andre Arruda/EPOCA

pontos de média geral. Agora precisa levantar a audiência das 9 horas, que caiu muito com *Babilônia*. Como o senhor lida com essa pressão?
Carneiro – Olha, todas as novelas que fiz foram sucesso de audiência. Então, eu não tive de lidar com um problema de ter de mudar a novela porque foi um fracasso. Até hoje. Ao contrário, peguei audiência baixa e levantei. Rezo para Deus para continuar assim. Novela tem uma coisa. A gente faz a melhor história possível, o melhor que você pode imaginar. Mas existe o imponderável. Só o Altíssimo pode nos ajudar *(risos)*.

ÉPOCA – Mas não há pressão neste momento? Afinal, são muitas pessoas envolvidas na produção de uma novela.
Carneiro – Toda a imprensa diz que a Globo impõe questões para mim. Mas não tem nada disso. Nem artístico, nem tema encomendado, nada. Nunca ouvi isso. O segredo do sucesso da TV Globo é esse. As pessoas têm liberdade para apresentar coisas. Há uma autoralidade que não há nas novelas latino-americanas. A pressão existe quando a novela vai ao ar. Basicamente, tem de dar certo. É isso, não é? É muito cruel, duro, porque é uma expectativa enorme em cima de uma pessoa.

ÉPOCA – O senhor trabalha com colaboradores. Como se dividem?
Carneiro – Eu concentro muito o trabalho. A novela não é uma obra coletiva, não deve ser feita em grupo. É a criação individual de uma pessoa, de um autor. E colaborador é... colaborador. Trabalho dez horas por dia. A tendência das novelas hoje em dia é serem feitas por um grupo de pessoas porque são grandes demais. Um capítulo tem 33 laudas. Supõe-se que eu faça um capítulo por dia, com inspiração. É uma coisa maluca. Faço mais capítulos antes de estrear para não fazer seis por semana. Eu estoco. Depois faço dois, três capítulos semanais com a novela no ar.

ÉPOCA – Suas novelas têm poucos personagens. Boa parte dos autores precisa escrever para mais de 100 atores. O senhor barganhou essa situação?
Carneiro – Não, eu faço com quantos quiser. É que eu só consigo falar com 30 personagens por semana. Não consigo falar com 100. Essa questão de 100 personagens tem a ver com esse processo de escrita. Como há muitas pessoas escrevendo diversos núcleos, vai virando essa coisa gigante.

ÉPOCA – O senhor escolhe os atores de suas novelas? Ou a indicação vem de cima?
Carneiro – Eu e a diretora, Amora Mautner, escolhemos o elenco inteiro, e também a trilha sonora. O autor de uma novela tem uma função criativa, mas também um pouco administrativa. É uma função de produtor.

ÉPOCA – Como os seleciona?
Carneiro – Como em minhas novelas há poucos personagens, trabalho com perfis específicos. Por isso, eu vou atrás, abordo, vou procurar quem me interessa. Comigo, não há um balcão. Não escrevo para atores, entende? Mas, naturalmente, os talentos aparecem.

ÉPOCA – O público que assiste a novelas, nas TVs abertas, é mais conservador? Como o senhor mantém a liberdade criativa tendo de atender uma audiência reticente a temas mais heterodoxos?
Carneiro – Acho que o público não é conservador. Conquistá-lo com algo novo depende muito da forma como você vai tratar determinadas questões na dramaturgia, tendo o cuidado de perceber como o telespectador vai assimilar. O público de televisão, conservador ou não, é como se fosse uma criança. Como criança, ele está sempre propenso a aceitar o que vem para ele. A TV entra na casa das pessoas de graça, como um brinquedo entra no quarto de uma criança. Você consegue vender qualquer coisa para esse público se souber vender.

“Novela é uma possessão. Há horas em que os personagens falam coisas em seu ouvido”

ÉPOCA – É preciso então educar o público?
Carneiro – Uma criança pode fazer birra. É uma negociação. Tem de se impor de uma maneira amistosa. Tanto que fiz novelas que foram consideradas ousadas, como *A favorita*, em que não se sabia quem era a heroína até metade da novela. Como a Flora *(Patricia Pillar)*, pobre, poderia ser a vilã? Se toparam aquilo...

ÉPOCA – Todas as histórias já foram contadas?
Carneiro – Concordo. Com a ressalva de que em *A regra do jogo* vou contar a trajetória de um anti-herói de esquerda. Acho que essa história foi pouco contada. Não vi por aí, não.

ÉPOCA – O senhor é simpático à esquerda?
Carneiro – Não sou uma pessoa política, não. A crise econômica que estamos vivendo é uma coisa dramática. Claro que chega para mim, mas não sou politicamente ativista para nenhum lado. Sinceramente. Estou fazendo uma autocrítica aqui. Não sou uma pessoa que se manifesta. Nem Facebook eu tenho. Não gosto, acho perda de tempo.

ÉPOCA – Quando não faz novela, o que faz?
Carneiro – Ah, prefiro ir à praia. Ou ler.

ÉPOCA – Por que contar histórias?
Carneiro – Contar histórias é uma imposição e uma necessidade. Novela é uma possessão. Há horas em que os personagens falam coisas em seu ouvido. É uma convivência com pessoas invisíveis. Quando acaba, vão todos embora. É uma coisa esquisitíssima. A casa fica vazia. ◆



Enfim, a pílula rosa

Os Estados Unidos aprovaram a primeira droga para tratar a falta de desejo sexual feminino. Por que ela pode mais atrapalhar do que ajudar as mulheres

Marcela Buscato, Ana Helena Rodrigues e **Ariane Freitas**

Foram seis anos, duas reprovações e mais de US$ 100 milhões até que o mundo conhecesse na semana passada a primeira droga para tratar a falta de desejo sexual feminino. Na terça-feira, dia 18, a agência americana que regula medicamentos, conhecida como FDA, liberou a comercialização nos Estados Unidos do Addyi. A aprovação da droga, que já ganhou o apelido de Viagra feminino, era aguardada com ansiedade por mulheres ao redor do mundo, insatisfeitas com suas vidas sexuais, e pela indústria farmacêutica, de olho no mercado bilionário. Dois dias após o anúncio, a empresa que desenvolveu a droga, a americana Sprout Pharmaceuticals, foi vendida para a canadense Valeant Pharmaceuticals por US$ 1 bilhão.

A conquista da cobiçada pílula rosa – uma referência à azul, do Viagra – chama a atenção para problemas sexuais femininos que, por muito tempo, permaneceram em segundo plano na pesquisa científica. Porém, para um grupo numeroso de especialistas, ainda é cedo para comemorar. Eles acreditam que o medicamento pode trazer mais sombras do que luz à sexualidade feminina. "Há muitos perigos em potencial", afirma o australiano Ray Moynihan, que pesquisa o uso excessivo de medicamentos na Universidade Bond. "A droga pode ser usada em excesso e de forma desnecessária por pessoas sem nenhum distúrbio", diz Moynihan, autor do livro *Sex, lies and pharmaceuticals* (algo como *Sexo, mentiras e drogas*, sem edição no Brasil).

Ao solicitar a aprovação à FDA, a agência reguladora que influencia as demais ao redor do mundo, a Sprout foi específica. Isso não impede que qualquer mulher queira usar o medicamento. A droga é destinada a tratar uma condição chamada transtorno do desejo sexual hipoativo, em mulheres na pré-menopausa. Ele é caracterizado pela ausência de desejos ou fantasias sexuais, desde que isso cause sofrimento. O problema é que essa condição não existe mais. Em 2013, o termo mudou de nome no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais dos Estados Unidos, a bíblia da psiquiatria mundial. Virou desordem de desejo/excitação. A mudança revela a dificuldade de entender a libido feminina: não é que muitas mulheres não sintam desejo. Às vezes, ele aparece depois da excitação erótica, e não o contrário, como se pensava. "Menos de 5% das mulheres não têm desejo sexual algum", diz a

DO FRACASSO

Como a flibanserina passou de à primeira droga para tratar

2009

Descoberta
A farmacêutica Boehringer anuncia que o medicamento flibanserina, testado inicialmente como um antidepressivo, apresentou efeitos no aumento da libido sexual feminina

2013

Reavaliação
A Sprout solicita novamente à FDA a aprovação da flibanserina como tratamento para falta de desejo sexual feminino. A FDA recusa pela segunda vez a eficácia da droga. A Sprout contesta formalmente a decisão da agência e questiona os critérios

2015

Aprovação
Em junho, o comitê consultivo da FDA recomenda a aprovação da flibanserina por 18 votos a seis. Na semana passada, a FDA anunciou oficialmente a liberação da venda da flibanserina, que ganhou o nome comercial de Addyi, para tratar a falta de desejo em mulheres na pré-menopausa



ADDYI

Princípio ativo
Flibanserina

Como atua
Aumenta o nível de substâncias que transmitem as informações entre as células do cérebro, como a dopamina e a noradrenalina

À APROVAÇÃO

um antidepressivo malsucedido problemas sexuais femininos

2010

Frustração
Em junho, a FDA recusa a aprovação da flibanserina como tratamento para transtorno do desejo sexual hipoativo pedida pela Boehringer. O efeito era pequeno, e os riscos a longo prazo não estavam bem esclarecidos. Em outubro, a Boehringer vende o composto para a Sprout Pharmaceuticals

2014

Lobby
A FDA pede novos estudos. Uma campanha financiada por indústrias farmacêuticas, inclusive a Sprout, acusa a FDA de preconceito de gênero por nunca ter aprovado uma droga para problemas sexuais das mulheres, enquanto os homens contam com várias opções

Indicação
Mulheres em pré-menopausa com falta de desejo. É preciso tomar a droga todos os dias para ela ter efeito

Efeitos colaterais
Pode causar queda da pressão arterial e desmaios. Voluntárias relataram tontura, fadiga e náusea

americana Emily Nagoski, especialista em comportamento sexual. “Cerca de 30% têm o chamado desejo responsivo: precisam ser excitadas antes. Mas elas e os parceiros não criam clima.”

Especialistas como Emily temem que a pílula rosa seja encarada como uma solução milagrosa, que desestimule as mulheres a se conhecer e a conversar com os parceiros. “Essa pílula pode trazer mais malefícios do que benefícios”, afirma o sexólogo brasileiro João Borzino. “Esse medicamento não atua nas causas reais do problema, que geralmente são repressão sexual, insegurança com o próprio corpo e falta de intimidade.”

Ainda há o risco de a propaganda do medicamento criar padrões ideais – e irreais – de desejo. “Não existe nível normal de libido, isso é uma invenção da indústria”, diz a médica americana Adriane Fugh-Berman, que estuda estratégias de marketing da indústria farmacêutica na Universidade Georgetown. Existe o temor de que as campanhas de conscientização levem mulheres até então satisfeitas a questionar sua frequência sexual. “A propaganda da indústria é feita para incitar pessoas felizes a perguntar aos médicos se elas também não precisam se tratar”, diz Cindy Pearson, diretora da entidade americana Rede Nacional pela Saúde da Mulher. “As mulheres ficarão inseguras.”

O caminho tortuoso do Addyi até sua aprovação é um termômetro da polêmica que cerca a nova droga. A flibanserina, seu princípio ativo, foi testada como antidepressivo pela primeira vez em 2009 por uma das grandes da indústria, a alemã Boehringer Ingelheim. O efeito antidepressivo não apareceu no teste, mas mulheres relataram aumento de libido. A empresa pediu à FDA para aprovar a droga como tratamento para a falta de desejo, mas os resultados não convenceram a agência. O aumento no número de relações sexuais satisfatórias das mulheres que tomaram a droga em relação às que ingeriram uma substância sem ação foi mínimo. Elas tiveram 0,8 relação sexual a mais, muito pouco, segundo a FDA, para compensar possíveis efeitos colaterais. A Boehringer desistiu da droga e a vendeu ao casal Cindy e Robert Whitehead – hoje os felizes e bilionários ex-donos da Sprout. A pequena empresa fez outros testes, mais uma vez recusados pela FDA, que pediu estudos adicionais.

Enquanto eles eram realizados, em 2014, surgiu um movimento de organizações de mulheres americanas, financiado pela Sprout e por outras farmacêuticas, chamado Even the Score (algo como Empate o Jogo). O grupo acusava a FDA de preconceito de gênero por nunca ter aprovado uma droga para problemas femininos. Os homens, por sua vez, contavam com 26 (algumas, como o Viagra, com efeitos colaterais graves, como interação perigosa com outros remédios). Coincidência ou não, meses após o barulho, a FDA aprovou a flibanserina. “Criou-se um precedente perigoso que sugere que uma campanha agressiva de relações públicas é parte do processo de aprovação”, diz Leonore Tiefer, líder do grupo The New View Campaign, que acusa a Even the Score de mudar os critérios de aprovação de drogas, de científicos para políticos. No Brasil, a venda do Addyi precisa ser autorizada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Não há previsão, porque a Anvisa não informa se o processo está em andamento.

A PROMOÇÃO DE PADRÕES DE DESEJO SEXUAL PODE DEIXAR AS MULHERES INSEGURAS

O mecanismo de ação do Addyi permanece desconhecido, sua eficácia polêmica e há efeitos colaterais importantes. Ele pode provocar quedas de pressão e desmaios e não deve ser combinado com álcool. Mas também é possível olhar pelo lado cor-de-rosa da questão. A repercussão pode despertar as mulheres para conhecer a própria sexualidade. “É uma oportunidade para desmitificar a vida sexual feminina”, diz a psiquiatra Carmita Abdo, da Universidade de São Paulo. “Que elas possam ter mais prazer, com ou sem medicamentos.” ◆

Foto: divulgação

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br





A prefeita do rock

Vice-presidente executiva do Rock in Rio, **Roberta Medina** é a responsável pela Cidade do Rock e por toda a organização do evento, que começará no dia 18 de setembro. "Vamos receber 595 mil pessoas em sete dias. Dá para ganhar alguns fios de cabelo brancos", afirma Roberta, filha do publicitário Roberto Medina, criador do festival. "Meu pai nunca me pressionou para seguir seu caminho. Cheguei a pensar em fazer fisioterapia, mas não tive como fugir." Roberta enfrentou uma dificuldade extra nesta edição do festival: o aumento da cotação do dólar, às vésperas do evento. "Trabalhamos com muita antecedência e, por sorte, o line-up já estava fechado, com as atrações contratadas. O projeto só não quebra porque conseguimos aumentar o valor do ingresso antes de colocá-lo à venda." Contratempos são comuns. No ano passado, na versão portuguesa do festival, Roberta teve de conseguir às pressas uma pista de atletismo para Mick Jagger correr e se aquecer antes do show dos Rolling Stones. Por sorte, no parque onde aconteceu a apresentação, havia uma disponível. "Nunca me esqueço do meu pai correndo os hotéis e motéis do Rio para conseguir as 700 toalhas brancas que o Prince pediu horas antes do show, em 1991. Na época, só conseguimos perto de 500. Felizmente, esses pedidos exóticos estão cada vez mais raros."

ROCK IN RIO EM NÚMEROS

11 **milhões** de seguidores na internet

35 **toneladas** é o peso do Palco Mundo

700 **metros** é o percurso da montanha-russa

22,5 **metros** é a altura da tirolesa

148 **mil** postos de trabalho gerados em todas as edições

R$ 55 **milhões** investidos em projetos sociais e ambientais

R$ 1,261 **bilhão** foi investido na marca Rock in Rio

1.274 **atrações** se apresentaram em todas as edições

1.200 **horas** de música em 30 anos

7,7 **milhões** de pessoas já participaram do evento





Pisando firme

Receita para superar o fora levado do ex-namorado, o galã hollywoodiano Bradley Cooper, quando ele a troca por uma top model russa, no caso, a estonteante Irina Shayk, ex do jogador Cristiano Ronaldo:
1) dar uma entrevista reclamando que, na adolescência, foi chamada de "gorda" pelos contratantes que não entendiam suas formas;
2) fechar dois megacontratos para estrelar as campanhas da loja virtual de roupas da Amazon e de uma gigante da indústria de xampus;
3) armar uma festinha no Canadá em torno do aniversário da melhor amiga, a polêmica modelo Cara Delevigne, e terminar a noite a mil por hora numa boate gay de striptease. Só faltava à inglesa **Suki Waterhouse** mostrar todas as generosas curvas de seus 23 anos num ensaio para lá de sensual na *Vogue Brasil* de setembro. A ideia inicial do editorial de moda era mostrar a nova safra de sapatos que chegam ao mercado neste verão. Reparou nos pezinhos, Bradley?



De volta à roda

A história de **Sarajane** se confunde com a do próprio axé. Seu maior hit, "A roda" – aquele do indefectível refrão *Vamos abrir a roda, enlarguecer, tá ficando apertadinha, por favor, abre a rodinha* –, está completando 30 anos. Convidada do Canal Viva para a série de programas em homenagem aos 30 anos do axé, ela relembra as origens da canção. "Fiz a letra de brincadeira, durante um engarrafamento em Salvador." Por causa da música, que rendeu disco de platina duplo pelas 600 mil cópias vendidas, Sara ganhou fama e rodou o mundo. "Só não ganhei dinheiro. O Carnaval de Salvador não tinha ares de indústria como hoje." Atualmente, ela coordena uma entidade que promove a integração de crianças carentes de Salvador. "Já cansei de cantar 'A roda' e disse que não cantaria mais. Sempre volto atrás."

No divã

Para interpretar Nelita, uma artista plástica que sofre com transtorno bipolar em *A regra do jogo*, a nova novela das 9 horas, **Bárbara Paz** resolveu fazer um laboratório caseiro com a própria terapeuta. "Minha psicanálise está toda voltada para a personagem. Hoje, o termo bipolaridade se banalizou, e todo mundo acha que tem a doença, mas a personagem toma remédio e sofre com isso", diz a atriz, que aplicou um mega-hair e ficou morena para o papel. "Ao mesmo tempo que ela tem uma loucura, ela tem um carisma. Tenho lido muito Freud, que, assim como Nelita, tem um problema sério com o pai." Na vida pessoal, Bárbara está em paz: após dez meses de afastamento, ela e o cineasta Hector Babenco voltaram a formar um casal. Foram vistos juntos e trocando chamegos na badalada festa de aniversário do diretor de arte Giovanni Bianco, no Rio, mas evitaram posar para fotos.



Fotos: Gustavo Schlittler/ÉPOCA, Philippe Kliot/Vogue Brasil, João Franco/Canal Viva e Renato da Rocha Miranda/TV Globo



ENTREVISTA

Manuella Machado
consultora de etiqueta

"Coleciono as gafes do Planalto"

Os tempos são outros: se antes as mulheres tinham aulas de etiqueta para agradar aos maridos, hoje elas procuram esses cursos para saber lidar com o mercado de trabalho. Quem garante é **Manuella Machado**, de 68 anos, professora da tradicional Socila, escola que ensinava etiqueta às mulheres da sociedade carioca entre 1953 e 1995 e que acaba de ser reaberta no bairro da Tijuca. "Depois da geração hippie, as pessoas começaram a esquecer a etiqueta e considerá-la frescura. Não é", diz Manuella. O curso dura três meses e custa R$ 750 mensais.

ÉPOCA – **Aulas de etiqueta não estão fora de moda?**
Manuella Machado – As pessoas acham que é só aprender a cruzar as pernas e saber sentar. Mas a etiqueta está no cotidiano, em dizer bom dia, boa tarde, por favor e muito obrigada. Hoje, ninguém tem tempo de olhar para o outro: eu saio pelas ruas, cumprimento dez pessoas e ninguém me responde. Etiqueta ficou associada ao formalismo, mas é a base da educação. E educação é o passaporte para a vida.

ÉPOCA – **Que gafes são imperdoáveis?**
Manuella – Não responder a telefonemas ou convites. Usar o celular no elevador, no consultório médico, em transporte coletivo. Levar problemas pessoais para o trabalho, e vice-versa. Não tem nada mais deselegante do que aquela musiquinha de telemarketing. Faltam consciência e inteligência emocional às pessoas; a razão está se sobrepondo à emoção. Tudo é aqui e agora e parece que o mundo vai acabar em dois minutos. Está faltando bom-senso para saber conduzir tudo de forma mais elegante.



ELEGÂNCIA
A consultora Manuella Machado. "Dilma apareceu com as pernas muito à vontade. Isso não pode"

ÉPOCA – **A Socila já teve entre as alunas as filhas do presidente Juscelino Kubitschek. Daria alguma dica de etiqueta para Dilma?**
Manuella – Nem me fale. Estou colecionando as gafes do Planalto. Numa foto de um encontro dela com outros mandatários, Dilma apareceu com o selo do sapato na sola, como se ela estivesse na varanda de casa brincando com o neto, bem esticada, com as pernas muito à vontade. Isso não pode.

A todo vapor

Feliz e saltitante com a repercussão da personagem Úrsula Andressa, de *Babilônia*, **Rogéria** já definiu o futuro: no dia 8 de outubro, estreará no Rio *Ou tudo ou nada*, versão brasileira de *The full monty*, o famoso musical da Broadway. "Serei Jeanette, uma pianista mais velha, de 77 anos, e vou usar uma peruca vermelha, meio decaída. O personagem está pronto, já encontrei sua alma. O problema agora é decorar o texto", diz. Ela será dirigida por Tadeu Aguiar. "Estou muito feliz, porque, aos 72 anos, continuo ganhando dinheiro com o show business no Brasil. Isso é bom para provar que não sou uma bicha maluca que resolveu virar mulher." Rogéria prefere lutar pela causa LGBT a sua maneira. "O país está uma porcaria. As pessoas têm de se preocupar menos com os homossexuais e tomar conta do Brasil. Se eu fosse o José Dirceu, me mataria de vergonha. É com isso que o povo tem de gastar energia."



Fotos: Vera Donato/ ÉPOCA e TV Globo



WALCYR CARRASCO

WhatsApp é vício

Estou no restaurante Gero, em São Paulo. Na mesa próxima, um casal de orientais. Cada um em seu celular. Durante a refeição não trocam uma palavra. Só teclam. Saem juntos, andando e teclando. Em outra ocasião, em Madri, um amigo convidou um grupo para jantar. Um dos convidados sacou o celular. Ficou conversando com a família no Brasil. E nem se interessou em conhecer o grupo de espanhóis na mesa!

A vida com o celular é boa, mas tem armadilhas. Primeiro, a gente corre o risco de trabalhar o tempo inteiro. O chefe pode chamar a qualquer momento, com um assunto urgente. (Que no passado podia esperar até segunda-feira.) Também se intromete em minha vida o tempo todo. Por exemplo, estou jantando com alguém. Ouve-se o toque. A pessoa se lança numa longa conversa, enquanto espero trucido o peixe em meu prato e tento fazer cara de paisagem. Juro, tento me acostumar. Tornou-se impossível falar com alguém sem que a pessoa atenda a algumas ligações, e fale pelo WhatsApp durante boa parte do papo, dividida entre nossa conversa e alguém que não sei. Ri, enquanto falo de um assunto sério. Mas está rindo do que escreveram do outro lado. É muito estranho. Reconheço: o WhatsApp tem vantagem. Tenho dois grupos familiares, um com minhas sobrinhas e outro com meus irmãos. Estamos sempre atualizados sobre nossas vidas. Sem dúvida a internet une as pessoas. Mas também separa. Porque há quem não consiga parar de teclar. Conheço umas duas atrizes que teclam até durante a gravação da novela. Na hora da fala, não se lembram. Estavam teclando. Alguém assopra e a interpretação vai para o lixo. Já ouvi diretor de novela falar:

– Aquela é muito desconcentrada. Fica teclando na hora de gravar.

É só uma demonstração, em meu meio profissional, de como o WhatsApp especialmente pode prejudicar a vida de alguém. Em reportagens, e também em conversas com um fisioterapeuta, soube que as pessoas estão tendo problemas no pescoço, de tanto ficar com a cabeça curvada no celular. Pode ser uma festa, a pessoa consegue se isolar. Um amigo saiu do Rio Grande do Sul para ser modelo em São Paulo. Durante um evento, estava direto no WhatsApp. A certa altura, virou-se para mim furioso:

– Imagine o que minha mãe disse para meu primo...

Respondi:

– Você não está lá. Está aqui. Não pode participar de briguinhas familiares. Relacione-se com as pessoas, faça contatos. Senão, é melhor voltar para sua cidade de uma vez.

Ele me encarou como se eu estivesse dizendo um absurdo.

– Espera aí. Só vou terminar aqui – disse.

E voltou a teclar que nem doido, rosto vermelho, no meio de uma briga familiar a quilômetros de distância.

Bem, mas isso é com ele. Pior quando é comigo. Às vezes, enquanto espero alguém, converso pelo WhatsApp. Quando a pessoa chega, explico que preciso parar. É como se estivesse expulsando alguém da minha casa. Vem uma reação ofendida. Quem está no WhatsApp comigo acha que tem prioridade. E também quem faz ligações. Esses dias tive um problema com meu celular. Não carregava. Estava com um mínimo de bateria. Antes de sair para comprar um carregador, um amigo ligou. Como nunca me chama, achei que era importante. Atendi e expliquei:

COM O CELULAR, A GENTE CORRE O RISCO DE TRABALHAR O TEMPO INTEIRO, O CHEFE PODE CHAMAR A QUALQUER MOMENTO

– Seja rápido. Minha bateria está no fim e não sei se o problema é do celular ou do carregador.

– Ah, tá. Sabe, eu fui na casa da Vera, sou muito amigo dela e do marido, e ela disse que falou com você e que você...

– Pelo amor de Deus, diga em uma frase.

– Tudo bem. É que ela disse que...

O celular pifou. Mais tarde, celular carregado, liguei. Ele começou a explicar, eu cheio de trabalho a fazer. Finalmente, implorei.

– Por favor, do que se trata?

Ofendeu-se. O comportamento dele é o mesmo de quem está fazendo uma visita. Só que visita eu marco. O do celular entra e se instala como numa poltrona a minha frente. Vejo cada vez mais gente que não consegue parar de falar no WhatsApp, e nele resolve toda a vida amorosa, pessoal e, creio, até financeira. Há relações íntimas entre gente que nunca se viu. O comportamento do usuário de WhatsApp é idêntico ao de um viciado: verifica se há mensagens a cada instante, responde, volta a falar, verifica de novo, responde, verifica. Em vez de um vício químico, surgiu o eletrônico. Óbvio. Palpável. Mas do qual as pessoas não têm consciência e perdem até o contato direto, visual, com quem está em frente a elas.

Dona Jandira, uma senhora mineira de 85 anos, resumiu:

– A invenção do celular pôs fim à etiqueta. ◆

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão



INVASÃO
Cena do início do motim no trem de *O expresso do amanhã*. Enredo distópico que transita entre as culturas oriental e ocidental

Conexão Coreia-Hollywood

Com *O expresso do amanhã*, o diretor Joon-ho Bong populariza o estilo violento e folhetinesco do cinema coreano

Nina Finco e **Ruan de Sousa Gabriel**

Estamos em 2031 em uma nova Era do Gelo. O mundo está completamente congelado, graças a uma tentativa malsucedida de frear o aquecimento global. O que sobrou da população mundial está preso em um trem que se move rumo ao nada. Os vagões não podem parar, caso contrário, congelarão. Os passageiros estão divididos em castas. O dono do trem, o mais rico de todos, ocupa a locomotiva. No último vagão estão os mais pobres, dispostos a pegar em armas e a revolucionar a ordem ferroviária. Essa é a premissa de *O expresso do amanhã*, que estreia nesta quinta-feira, dia 27. O líder dos revoltados é Curtis, interpretado por Chris Evans, acostumado a salvar o mundo na pele do Capitão América.

O expresso do amanhã é baseado na história em quadrinhos *O perfura neve*, dos franceses Jacques Lob e Jean-Marc Rochette. O diretor é o coreano Joon-ho Bong. Esse é seu primeiro filme em inglês – ou quase. Em algumas cenas, Curtis conversa com outro passageiro do trem, o coreano Nam (Kang-ho Song), mas um não fala a língua do outro. Um pergunta em inglês, o outro responde em coreano. Isso é possível graças a um tradutor eletrônico. Em *O expresso do amanhã*, Bong conduz o espectador com fluidez da cultura oriental para a ocidental, e vice-versa. O público, acostumado às grandes produções americanas, tem a impressão de assistir a um típico filme hollywoodiano, com direito a um galã americano para salvar a humanidade e muitos efeitos especiais. Mas não é. Na obra, sobram sentimentos de vingança, cenas de violência explícita e humor negro – elementos típicos da tradição cinematográfica coreana.

A combinação conquistou a aprovação de um público exigente: os críticos. Não é o primeiro filme de Bong a ser ▶

Foto: divulgação

O Brasil já teve governo de esquerda com oposição de direita e vice-versa.

E do seu lado quem é que está?

140 ANOS


De 1875 para cá, o Estadão esteve presente em todas as grandes mudanças do País. E vai continuar ao seu lado. Sempre. Porque, neste tempo todo, só uma coisa não mudou: o seu direito de querer saber.

O BRASIL PRECISA SABER. LEIA O ESTADÃO.

QUER SABER? ESTADÃO

GANGNAM STYLE

Os filmes que fizeram sucesso dentro e fora da Coreia do Sul, com enredos inventivos que atraem os produtores internacionais



Hanyeo
1960
A chegada de uma babá sedutora e ciumenta destrói o casamento de um compositor. Dirigido por Kim Ki-young, o filme é considerado um clássico



Oldboy
2003
Depois de passar 15 anos em cativeiro, um executivo é libertado e tem cinco dias para descobrir seu algoz. O filme ganhou uma versão feita por Spike Lee



O hospedeiro
2006
Um monstro formado pela poluição da indústria química emerge de um rio de Seul e ataca pessoas. O diretor Joon-ho Bong critica a relação de seu país com os Estados Unidos



Hahaha
2010
Dois amigos bebem e conversam sobre o passado e uma garota que eles conheceram. O filme faz lembrar a Nouvelle Vague, o cinema francês produzido nos anos 1960

aclamado, mas é sua primeira superprodução. Graças a sucessos de bilheteria, como *O hospedeiro,* de 2006, que levou mais de 13 milhões de coreanos ao cinema e se tornou o terceiro filme mais visto da história da Coreia do Sul, ele é considerado um dos maiores cineastas do país. *O hospedeiro* conta a história de um pai que precisa resgatar a filha, raptada por um monstro gerado pela poluição da indústria química. Parece puro nonsense, mas é um belo exemplar do estilo coreano: um roteiro folhetinesco que mistura fantasia com crítica social e política. O enredo serve ao mesmo tempo como metáfora à crise ambiental e como crítica à relação dominadora dos Estados Unidos (representados pela indústra química) sobre a Coreia do Sul (encarnada na família coreana).

Bong tem surfado em um movimento conhecido como Halluy, que significa "onda coreana". Trata-se da popularização da cultura da península em outras terras, superando barreiras linguísticas e culturais. Quem não viu o clipe do rapper Psy, que grudou em nossas mentes o refrão chiclete de "Gangnam style", com sua indecorosa coreografia do cavalgar imaginário? "O que singulariza a produção coreana dos últimos anos é uma inventividade que não se vê em Hollywood", afirma o crítico Ruy Gardnier, professor da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro. "Filmes como os de Bong, com efeitos especiais e que misturam ação e ficção científica, chamam a atenção dos produtores americanos."

Em 2013, o cineasta americano Spike Lee fez uma versão de *Oldboy*, a história surrealista do executivo Dae-su Oh, que depois de passar 15 anos em cativeiro tem cinco dias para descobrir a identidade de seu algoz. O filme do diretor Chan-wook Park foi premiado no Festival de Cannes de 2003. "A cultura coreana valoriza muito o sacrifício em nome do bem comum, o que pode prejudicar o indivíduo", diz a cineasta brasileira Paula Un Mi Kim, que já trabalhou com Park. "O filme reflete essa repressão social invisível, o inimigo que ninguém sabe quem é e faz com que as pessoas se sintam limitadas."

Por muito tempo, a produção cinematográfica coreana foi sufocada pela ditadura de Chung-hee Park (1962-1979), que dificultava a entrada de filmes estrangeiros e controlava o conteúdo dos filmes nacionais. A democratização do país, no final dos anos 1980, garantiu a liberdade necessária para a reinvenção do cinema coreano, cujos frutos não demoraram a aparecer. Naquele período, muitos jovens cineastas voltavam de temporadas de estudos no exterior. A maioria cursara cinema na Universidade da Califórnia em Los Angeles e ganhou repertório para fazer filmes com requintes de produções hollywoodianas. O investimento da iniciativa privada também foi decisivo. O gigante de tecnologia Samsung foi um dos mecenas.

Não demorou para que diretores coreanos fossem consagrados em premiações internacionais. Depois de Chan-wook Park, Chang-dong Lee, de *Poesia*, e Sang-soo Hong, de *Hahaha*, ambos filmes de 2010, conquistaram prêmios em Cannes. Os filmes dialogam com a tradição europeia e lembram as primeiras obras da Nouvelle Vague, o movimento que revolucionou o cinema francês nos anos 1960.

O crescimento dos festivais locais garante longevidade ao cinema coreano e a formação de novos talentos. Diretores maduros enviam olheiros à caça de jovens cineastas promissores capazes de levar adiante o estilo que os consagrou. "Após uma certa idade, os diretores colocam seus projetos individuais de lado e se dedicam a produzir os filmes de seus seguidores", afirma Paula. O cuidado dos veteranos com seus pupilos é uma promessa de que mais expressos do amanhã estão nos trilhos. O estilo cheio de sangue e ironia, que conquistou Hollywood e o mundo, se perpetuará. ◆

Fotos: divulgação



TENSÃO
Raf Simons instrui uma das mestras-costureiras. Um novo documentário mostra o nervosismo e a pressão que antecederam sua estreia

Nos bastidores da Christian Dior

Um novo documentário flagra a batalha entre inovação e tradição na chegada do estilista Raf Simons à grife francesa

Bruno Astuto

Quando anunciou, em abril de 2012, o estilista belga Raf Simons como seu novo diretor criativo, a lendária grife francesa Christian Dior pôs fim ao período mais tenebroso de sua história de quase sete décadas de sucesso. Pouco mais de um ano antes, o ocupante anterior do posto, o inglês John Galliano, havia sido demitido após ter sido filmado soltando impropérios antissemitas num bar em Paris. A marca sobreviveu ao escândalo por causa da eficiente engrenagem de seu piloto automático: no caso, os artesãos e artesãs que trabalham incansavelmente no ateliê da histórica sede do número 30 da Avenida Montaigne, em Paris.

A chegada de Simons, um profissional discreto, cerebral e avesso aos ataques de diva tão comuns no mundo da moda, foi um alívio e motivo de júbilo na empresa. Mas teve seus tropeços. De um lado, estava um estilista inovador e contemporâneo, pressionado a superar seus próprios limites e a convencer o mundo de que ele era a pessoa certa para assumir um dos postos mais prestigiados da indústria da moda. Do outro, os funcionários, guardiões da tradição e das antigas técnicas de manufatura, que precisavam corresponder às expectativas do novo chefe e entender suas novas propostas minimalistas e mais de acordo com os gostos das clientes do século XXI. Essa coreografia, com lances de luta e poesia, é o pano de fundo do documentário *Dior e eu*, do diretor francês Frédéric Tcheng, que chega aos cinemas brasileiros no dia 27.

O fato de o filme ter sido encomendado pela direção da marca pode dar a impressão de uma elegante peça publicitária. Mas Tcheng refuta a crítica. “Não entrei no discurso corporativo da Dior. Meu interesse era retratar as pessoas ▶

Foto: divulgação



NO ATELIÊ
O projeto de uma das coleções do estilista Raf Simons. Os lucros cresceram com ele

que trabalham na maison, o lado humano com seus questionamentos, inseguranças e criatividade artística."

Ao longo do filme, o diretor incluiu uma voz em off com trechos da biografia escrita pelo próprio Christian Dior em 1956, *Dior e eu*. "Fiquei tocado pela maneira simples e humilde como Dior falava de seu processo criativo. Quando encontrei Raf, comecei a identificar pontos em comum", conta Tcheng. "Os meios mudaram, a indústria da moda ficou bilionária, mas as emoções são as mesmas, porque estão ligadas ao processo criativo." Na autobiografia, Dior contava suas inspirações, celebrava o sucesso retumbante de suas criações, mas também dividia com o público a insegurança e as inquietações que esse êxito lhe trouxe. Descrevia o célebre estilista que ele se tornou como um irmão siamês com quem devia sempre se confrontar.

Simons é o quinto estilista a comandar a marca desde a morte de seu fundador, em 1957. E, a julgar pelo filme, o que mais se parece com ele. "Não quero posar para fotos depois do desfile", avisa Simons ao serviço de imprensa da grife às vésperas de seu primeiro desfile de alta-costura, em julho de 2012. "Os jornalistas precisam de material", retruca o assessor. Com tanto apreço pela discrição, paira sempre a dúvida sobre como Simons se deixou filmar por uma câmera ao longo das tensas oito semanas desde sua apresentação aos novos funcionários até o momento do desfile. "No princípio, ele recusou", diz Tcheng. "Escrevi uma carta para ele contando que nossa intenção era mostrar e valorizar o trabalho dos ateliês e destrinchar o lado humano dessa grande instituição que é a Christian Dior." Simons divide o protagonismo com as duas primeiras-mestras dos ateliês, as costureiras Monique Bailly e Florence Chehet. Cabe a elas gerenciar as equipes para que as ideias de Simons se realizem.

O momento-chave do filme se dá quando Simons pede que lhe mostrem uma dezena das 54 telas que servirão de molde para os vestidos. Elas não estão prontas porque uma outra personagem-chave da marca, Madame Catherine de la Rivière, responsável pelo relacionamento com as clientes VIPs que pagam até R$ 1 milhão por um vestido, enviou a costureira para atender uma delas em Nova York. "Você me conhece, eu sou muito fácil, mas não voltarei a aceitar uma coisa dessas", avisa Simons. Ela rebate: "Quando alguém desembolsa € 350 mil por temporada, não podemos dizer não". Nesse momento, conta Tcheng, o estilista pediu que ele desligasse a câmera. "Houve vários momentos assim. Daí a gente desliga, espera um pouco e liga de novo. É como uma dança. Tem de saber se retirar e saber voltar e a que distância." No final, o estilista se impõe, toma as rédeas do ateliê e vence a batalha contra Madame de la Rivière. As roupas ficarão prontas, o desfile será um sucesso e Simons irá às lágrimas diante dos muitos aplausos ao final da apresentação, não sem antes brindar com champanhe ao trabalho das costureiras, envaidecidas.

Três anos e dez coleções depois da estreia de Simons, o empresário Bernard Arnault, proprietário da Christian Dior desde 1984, não tem do que reclamar: a retração dos mercados emergentes e a desaceleração do setor de luxo não afetaram suas vendas. Segundo o último balanço, elas cresceram 19%, com faturamento de € 1,5 bilhão em comparação € 717 milhões em 2009. O resultado se deve a uma estratégia de reposicionamento da Christian Dior para um público ainda mais restrito, exigente e qualificado, que anda fugindo das marcas que aderiram à "popularização do luxo" no final da década de 1990. Para isso, Simons diminuiu a oferta de peças com logomarcas chamativas. Nos últimos três anos, a grife aumentou os preços, fechou 30 lojas e passou a investir em butiques que parecem galerias de arte.

Embora faltem ao documentário um certo didatismo para quem não conhece o mundo da moda e uma boa dose de emoção – Simons não é um modelo de carisma –, existe um denominador comum à condição humana. Tirando o glamour e o luxo do mundo da moda, é a história de um homem que enfrenta a insegurança de um novo emprego, que espera a aprovação de seus colegas e pergunta, roendo as unhas, se o patrão está satisfeito. A humanidade almejada pelo diretor foi alcançada – e a performance financeira esperada pelo chefe também. ◆

Foto: divulgação

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA

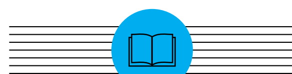




Cinema
2 horas

A segunda mãe

A atuação de **Regina Casé** como a pernambucana Val, empregada de uma família rica em São Paulo, é um dos destaques de ***Que horas ela volta?***, da diretora Anna Muylaert. O filme arrebatou prêmios em festivais e encheu salas de cinema na Europa. Val mora no serviço e criou Fabinho (**Michel Joelsas**), o filho dos patrões – que sempre perguntava à babá a que horas a mãe voltaria para casa. Em Pernambuco, ela deixou a filha Jéssica (Camila Márdila), que foi criada por outra mulher para que sua mãe pudesse trabalhar na cidade grande. Quando Jéssica vem morar com a mãe, em São Paulo, para prestar vestibular, não quer ser tratada como cidadã de segunda classe. **Estreia no dia 27/8.**

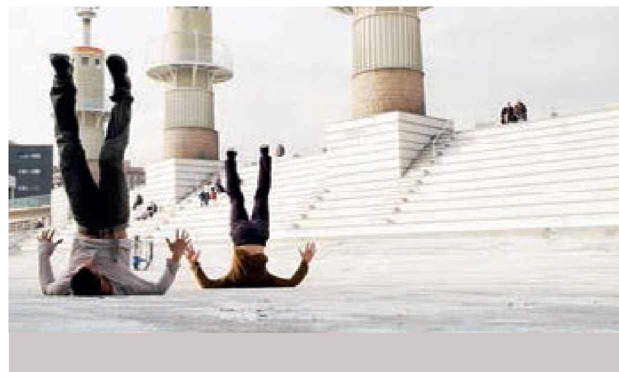


Livro
1 hora

Raí para ler e ver

Um livro de futebol até para as mulheres que não gostam do esporte darem uma olhadinha. O ex-jogador Raí, ídolo do São Paulo na década de 1990, conta sua história (com direito a mais fotos do que história) em ***Raí auto_fotobio***. Estão lá a infância em Ribeirão Preto, São Paulo, a passagem pela Seleção Brasileira, que rendeu a conquista do tetracampeonato, o trabalho social com a Fundação Gol de Letra. De surpreendente, Raí relata as vantagens (a notoriedade) e as desvantagens (a pressão) de ser irmão do jogador Sócrates, morto em 2011. Uma obra para os fãs. **Olhares, 100 páginas, R$ 48.**







Dança
2 horas

Balé ao ar livre

O **Dança em Trânsito**, o principal festival de dança contemporânea itinerante do país, leva os espetáculos dos palcos para a rua. A ideia é democratizar a dança. Por isso, não estranhe se encontrar números em pontos turísticos do Rio de Janeiro, como a orla da Praia de Copacabana e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Os palcos tradicionais também ganham apresentações durante o festival. Participam nove companhias internacionais (da França, **Espanha**, Suíça, Reino Unido, Burkina Faso e Taiwan) e 11 nacionais. **Rio de Janeiro, até 30/8.**





Teatro
2 horas

Música recitada

Em ***Tô Tatiando,*** a cantora **Zélia Duncan** se arrisca numa mistura de teatro e música para homenagear Luiz Tatit, fundador do grupo Rumo, nos anos 1980, e compositor do Palavra Cantada (famoso pelas canções infantis). Zélia cria personagens para encarnar no palco as letras de Tatit enquanto usa seu poderio vocal para recitar as canções. A reestreia do espetáculo de 2011 sugere que a invencionice ousada de Zélia deu certo. **Teatro Porto Seguro, São Paulo, até 27/10.**

Fotos: divulgação





Streaming
2 horas

Pablo Escobar à brasileira

O ator **Wagner Moura** ganhou 20 quilos e aprendeu a falar espanhol para interpretar o traficante colombiano Pablo Escobar (1949-1993) na nova série do Netflix. Em dez episódios, ***Narcos*** narra a caçada de dois agentes do DEA, o departamento antidrogas da Polícia Federal americana, ao bandido mais procurado do planeta entre o fim dos anos 1980 e o começo dos 1990. A série, que conta com a direção de José Padilha e atuação elogiada de Moura, mostra como Escobar ascendeu no mundo do crime ao usar violência brutal para exterminar os inimigos, além de corromper autoridades políticas e policiais. **Estreia no dia 28/8.**



Exposição
2 horas

Marcas do passado

Representante da Geração 80, o pintor carioca Daniel Senise revela parte de seu processo criativo ao expor **os tampos das mesas** sobre os quais já trabalhou em seu ateliê. Senise "limpou" o centro das mesas para que ficassem como telas em branco. A exposição revela o que literalmente ficou à margem de suas criações. **Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, de 28/9 a 23/10.**







CD
1 hora

Para reviver Lupicínio

Em uma mistura de sambas, marchas e boleros, **Adriana Calcanhotto** dá vida às músicas do cantor e compositor Lupicínio Rodrigues em seu novo CD, ***Loucura***. Em uma homenagem ao centenário de Lupe, a cantora recria, com sua interpretação delicada, clássicos como "Vingança", "Cadeira vazia" e "Nunca". **Sony Music, R$ 24,90.**

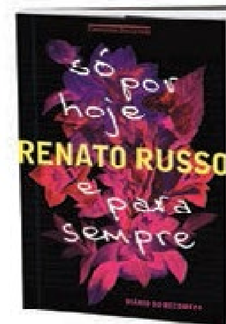
Por **Marcela Buscato,** mbuscato@edglobo.com.br, com **Ruan de Sousa Gabriel**, **Sérgio Garcia**, **Cristina Grillo** e **Ariane Freitas**, atfreitas@edglobo.com.br

LIVROS

MAIS VENDIDOS

Intimidades de Renato

Só por hoje e para sempre é o diário do cantor Renato Russo. A obra traz confissões do líder do Legião Urbana, morto em 1996, escritas durante os 20 dias em que ficou em uma clínica de reabilitação em 1993.



FICÇÃO

1	**Cidades de papel** I John Green I Intrínseca	92/2
2	**Número zero** I Umberto Eco I Record	8/1
3	**Toda luz que não podemos ver** I Anthony Doerr I Intrínseca	17/3
4	**A garota no trem** I Paula Hawkins I Record	1/*
5	**After 4** I Anna Todd I Paralela	1/*
6	**A Guerra dos Tronos – Vol. 1** I George R.R. Martin I Leya Brasil	108/6
7	**Se eu ficar** I Gyle Forman I Novo Conceito	52/4
8	**O conde enfeitiçado** I Julia Quinn I Arqueiro	1/*
9	**Prometo falhar** I Pedro Chagas Freitas I Novo Conceito	1/*
10	**Atração magnética** I Meredith Wild I Agir	3/10

NÃO FICÇÃO

1	**Abilio** I Cristiane Correa I Primeira Pessoa	4/1
2	**Só por hoje e para sempre** I Renato Russo I Companhia das Letras	6/2
3	**Correr** I Drauzio Varella I Companhia das Letras	12/3
4	**O diário de Anne Frank** I Anne Frank I Record	57/5
5	**Sonho grande** I Cristiane Correa I Sextante/GMT	115/4
6	**Brasil – Uma biografia** I L.M. Schwarcz; H. Starling I Companhia das Letras	14/6
7	**Eu sobrevivi ao Holocausto** I Nanette Blitz Konig I Universo dos Livros	1/*
8	**O capital no século XXI** I Thomas Piketty I Intrínseca	35/9
9	**Destrua este diário** I Keri Smith I Intrínseca	86/7
10	**1808** I Laurentino Gomes I Globo Livros	242/*

AUTOAJUDA

1	**Não se iluda, não** I Isabela Freitas I Intrínseca	5/2
2	**Philia** I Pe. Marcelo Rossi I Principium	24/1
3	**Ansiedade** I Augusto Cury I Saraiva	84/4
4	**A mágica da arrumação** I Marie Kondo I Sextante	11/3
5	**Não se apega, não** I Isabela Freitas I Intrínseca	60/5
6	**Ele está no meio de nós** I Pe. Marcos Rogério I Petra	2/*
7	**A hora é agora** I Zibia Gasparetto I Vida e Consciência	14/7
8	**Geração de valor** I Flavio Augusto da Silva I Sextante	37/8
9	**Quem me roubou de mim?** I Pe. Fábio de Melo I Planeta do Brasil	18/9
10	**O poder do hábito** I Charles Duhigg I Objetiva	37/*

E-BOOKS

1	**Grey** I E.L. James I Intrínseca	10/1
2	**O segredo das mulheres apaixonantes** I Eduardo Nunes I Novo Século	3/5
3	**Dieta do metabolismo rápido** I Haylie Pomroy I Agir	9/4
4	**O quarto poder** I Paulo Henrique Amorim I Hedra	1/*
5	**O papai é pop** I Marcos Piangers I Belas Letras	1/*

O número à esquerda indica há quantas semanas o livro figura na lista; à direita, sua posição na semana anterior. Consulte listas completas e fontes de pesquisa em epoca.com.br



RUTH DE AQUINO

Eu não fui, mas gostei

Quem ganhou de barbada nas manifestações contra e a favor de Dilma Rousseff foi a democracia brasileira. Fiz parte dos milhões de brasileiros que não foram a nenhuma das duas. Nem no domingo 16 nem na quinta-feira 20. No país hoje tão acusado de "intolerância", o que vi foi o exercício pacífico da liberdade de expressão. Os maiores ausentes foram os black blocs (lembram?), a violência, os danos ao patrimônio público ou privado, a intimidação policial.

Com bandeiras e cartazes, com famílias e amigos, com alegria e indignação, com esperança e até com muitas dúvidas, foram às ruas brasileiros de todos os matizes e ideologias. Mais de 1 milhão, com certeza, e muito mais contra Dilma que a favor. Nas passeatas a favor da presidente, havia protestos contra o programa econômico de Dilma, o ajuste fiscal, o ministro Levy, o arrocho a trabalhadores, à classe média e aos aposentados.

O que importa é que não vimos pancada ou tiro. Não vimos encapuzados depredando bancos e lojas. Nem bombas de gás lacrimogêneo. Não vimos jovens algemados, à esquerda ou à direita. Nem jornalistas atacados ou cinegrafistas mortos. Não vimos repressão truculenta de policiais fardados ou à paisana. Não vimos os black blocs de triste lembrança. O que aconteceu com essa turma que usou o pretexto dos 20 centavos de aumento nas passagens de ônibus para aterrorizar as ruas e o povo?

AS RUAS DERAM UM BANHO NAS REDES E MOSTRARAM QUE O METRO QUADRADO DO ASFALTO PODE SER DIVIDIDO EM PAZ

O dono das ruas foi a paz. Foram tão cordatas as manifestações de lado a lado que acabaram acusadas de artificiais, montadas ou despidas de convicção. A maior lição das ruas foi dupla. O governo Dilma não será derrubado por protestos porque não é assim que funciona uma democracia. O governo Dilma não poderá ignorar os protestos à esquerda, ao centro e à direita e terá de enfrentar uma crescente insatisfação popular. As manifestações ficaram longe da unanimidade. Havia blocos distintos e divergências profundas dentro de cada marcha.

Um personagem conseguiu unir o Brasil, acusado de roubar milhões de dólares. Somos todos – ou quase todos – contra o abominável Eduardo Cunha, por enquanto presidente da Câmara. Cristo deve se contorcer na cruz diante do mau uso que Cunha faz de seu nome: o deputado e sua mulher têm uma empresa chamada Jesus.com, com uma rede virtual, explorando a fé evangélica. Um sintoma de nervosismo de Cunha é sua repentina prudência nas declarações, com voz mais desafinada que a habitual. Renan Calheiros aconselhará o companheiro a fazer como ele fez no Senado. Renuncie. E depois volte. E volte como eu voltei, dirá Renan, amigo da rainha, sucessor de Sarney como eminência parda.

Vimos de tudo nas ruas. Os desiludidos que querem a implosão do governo Dilma e a implosão do Congresso, acabando com todas as mordomias das castas partidárias, sem pensar no futuro próximo. A esquerda que reza pela cartilha de Dilma, seja lá o que ela fizer, e isso inclui todas as concessões, como o loteamento de cargos comissionados e um Estado cada vez mais inchado e ineficiente, que oferece péssimos serviços públicos. A esquerda que fecha os olhos aos acordos de Dilma com o grande capital, com o pior PMDB, com os empresários de telecomunicações. A esquerda que rejeita o programa econômico de Dilma por considerá-lo de direita. A social-democracia que quer a renúncia de Dilma e uma reforma política – mas defende a política econômica de Levy. A direita que quer o impeachment de Dilma. A extrema-direita que quer a volta dos militares.

O maior equívoco é cometido não nas ruas, mas nas redes sociais, que, na falta de coquetéis molotov, bombardeiam com palavras ofensivas e raciocínios primários quem pensa diferente. Comparar o Brasil de hoje ao de 1964 é uma total falta de perspectiva histórica. Há 16 anos, uma passeata em Brasília pediu "fora FHC", e Lula disse: "Renúncia é um gesto de grandeza. Só um grande homem tem essa grandeza. Fernando Henrique não tem. Ele é orgulhoso e prepotente". Ninguém chamou Lula de golpista ou nostálgico da ditadura. E FHC tinha um índice de aprovação mais alto do que o atual de Dilma. FHC plagiou Lula na semana passada. E foi uma comoção geral.

Chamar todo oposicionista de fascista, rico, golpista e coxinha. Chamar todo petista de burro, pobre, pelego e mortadela. Esse festival de besteiras também faz parte, infelizmente, da democracia. Mas as ruas deram um banho nas redes sociais. Mostraram que o metro quadrado do asfalto pode ser dividido em paz, no mesmo dia e na mesma hora, por quem defende inúmeras saídas para a crise política e econômica do Brasil. As ruas deram seus recados. Vamos escutar e agir. ◆

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA **raquino@edglobo.com.br**

VIVA LOCALMENTE. INVISTA GLOBALMENTE.

casa darwin

SAFRA CURRENCY HEDGE 30 FI MULTIMERCADO
29,26%
em 12 meses

SAFRA BDR NIVEL I PB FI AÇÕES
63,58%
em 12 meses



SAFRA S&P FI MULTIMERCADO
66,30%
em 12 meses



SAFRA CONSUMO AMERICANO BDR-NÍVEL I PB FI AÇÕES
78,16%
em 12 meses



NOME	Classificação ANBIMA	Aplicação Inicial (R$)	Taxa de Adm	Taxa de Performance	Conversão / Pagamento (dias úteis)	PL Médio (R$ Mil) dos últimos 12 meses	Início do Fundo	Índice de Ref	Rentabilidade							
									Julho 2015		Acumulado 2015		12 meses		24 meses	
									Fundo	Índice de Ref	2015	Índice de Ref	12 meses	Índice de Ref	24 meses	Índice de Ref
SAFRA FUNDO DE INVESTIMENTO EM AÇÕES BDR-NÍVEL I PB	Ações Livre	50 mil	1,50%	–	D+1/D+5	84,19	27/11/13	Ibov	12,22%	-4,17%	31,44%	1,71%	63,58%	-8,89%	–	–
SAFRA CONSUMO AMERICANO FUNDO DE INVESTIMENTO EM AÇÕES BDR-NÍVEL I PB	Ações Setoriais	50 mil	1,50%	–	D+1/D+5	62,52	31/01/14	Ibov	15,97%	-4,17%	39,29%	1,71%	78,16%	-8,89%	–	–
SAFRA CURRENCY HEDGE 30 - FUNDO DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO	Multimercado Multiestratégia	100 mil	2,00%	20% sobre o que exceder 100% do CDI	D+1/D+2*	79,54	23/09/08	CDI	3,66%	1,18%	17,23%	7,16%	29,26%	12,07%	35,42%	23,18%
SAFRA S&P FUNDO DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO	Multimercado Estratégia Específica	1 milhão	1,00%	–	D+1/D+2	687,15	01/10/12	CDI	12,51%	1,18%	31,49%	7,16%	66,30%	12,07%	90,92%	23,18%

No Safra você encontra um parceiro com atuação global e reputação internacional de eficiência e solidez. Tem um portfolio de investimentos diferenciado que alia performance e segurança. Para mais informações consulte nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 19h, exceto feriados.



Safra
Tradição Secular de Segurança



A presente instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para os Fundos de Investimento.

* Safra Currency Hedge 30 - Fundo de Investimento Multimercado - No resgate, a conversão de cotas ocorrerá no 1º dia útil após a data da solicitação e o pagamento ocorrerá no 1º dia útil após a data da conversão, situação na qual incidirá a taxa de saída de 5% sobre o valor bruto resgatado. Não será cobrada do cotista a taxa de saída caso sejam apresentadas programações de resgate com antecedência mínima de 30 dias. LEIA O PROSPECTO, LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE OBTIDA NO PASSADO NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS E TAXAS DE SAÍDA. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITO – FGC. NÃO HÁ GARANTIA DE QUE ESTES FUNDOS TERÃO TRATAMENTO TRIBUTÁRIO PARA FUNDOS DE LONGO PRAZO. Rentabilidade nominal dos fundos no mês de julho de 2015 (compreendido entre 30/06/2015 e 31/07/2015), acumulada no ano de 2015 (compreendido entre 31/12/2014 e 31/07/2015), 12 meses (compreendido entre 31/07/2014 e 31/07/2015), 24 meses (compreendido entre 31/07/2013 e 31/07/2015), 36 meses (compreendido entre 31/07/2012 e 31/07/2015). Data-base: 31/07/2015. Fonte: www.cvm.gov.br. Safra Currency Hedge 30 - Fundo de Investimento Multimercado - CNPJ/MF 10.243.382/0001-38: Destinado a investidores em geral. Na aplicação, a conversão em cotas ocorrerá no 1º dia útil após a data da solicitação. Para este Fundo, o indicador CDI é mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance. Safra S&P Fundo de Investimento Multimercado - CNPJ/MF nº 15.674.619/0001-59: Destinado a investidores em geral. Na aplicação, a conversão dos recursos ocorrerá no 1º dia útil após a data da solicitação. O Fundo não cobra taxa de saída. Para este Fundo, o indicador CDI é mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance. Safra Fundo de Investimento em Ações BDR-Nível I PB - CNPJ/MF nº 18.168.479/0001-35: Destinado a investidores qualificados, sendo estes clientes do segmento Private Banking do Banco Safra S/A e outros investidores qualificados, a critério da administradora. Na aplicação, a conversão dos recursos ocorrerá no 1º dia útil após a data da solicitação. O Fundo não cobra taxa de saída. Para este Fundo, o indicador IBOV é mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance. Safra Consumo Americano Fundo de Investimento em Ações BDR-Nível I PB - CNPJ/MF nº 19.436.818/0001-80: Destinado a investidores qualificados , sendo estes clientes do segmento Private Banking do Banco Safra S/A e outros investidores qualificados, a critério da administradora. Na aplicação, a conversão dos recursos ocorrerá no 1º dia útil após a data da solicitação. O Fundo não cobra taxa de saída. Para este Fundo, o indicador IBOV é mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance. Administrador dos Fundos: JS Administração de Recursos S.A. / Gestor dos Fundos: J. Safra Asset Management Ltda. Atendimento aos Portadores de Necessidades Especiais Auditivas e de Fala/SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755 – Atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria, caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236 – De segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, exceto feriados. O Índice S&P é um produto da S&P Dow Jones Indices LLC ("SPDJI"), e foi licenciado para uso pela JS Administração de Recursos S.A. Standard & Poor's® e S&P® são marcas registradas da Standard & Poor's Financial Services LLC ("S&P"); Dow Jones® é marca registrada da Dow Jones Trademark Holdings LLC ("Dow Jones"); e essas marcas registradas foram licenciadas para uso pela SPDJI e sublicenciadas para propósitos específicos da JS Administração de Recursos S.A. Produtos da JS Administração de Recursos S.A não são patrocinados, endossados, vendidos ou promovidos pela SPDJI, Dow Jones, S&P, suas respectivas afiliadas e nenhuma das partes faz nenhuma afirmação relativa à conveniência de investir em tais produtos, nem têm qualquer responsabilidade por erros, omissões, ou interrupções do Índice S&P.